



Universidade de Aveiro Departamento de Educação

Ano 2011

**Joana Patrícia Pereira
de Carvalho**

**FACTORES DE VULNERABILIDADE PARA A
AGRESSÃO SEXUAL**



Universidade de Aveiro Departamento de Educação
Ano 2011

**Joana Patrícia Pereira
de Carvalho**

**FACTORES DE VULNERABILIDADE PARA A
AGRESSÃO SEXUAL**

Dissertação apresentada à Universidade de Aveiro para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Doutor em Psicologia

Apoio financeiro da Fundação para a
Ciência e Tecnologia com bolsa de
investigação ref. SFRH/BD/40177/2007

o júri

Presidente

Prof. Doutor João Carlos Matias Celestino Gomes da Rocha
Professor Catedrático da Universidade de Aveiro

Prof. Doutor Carlos Fernandes da Silva
Professor Catedrático da Universidade de Aveiro

Prof. Doutor Rui João Abrunhosa de Carvalho Gonçalves
Professor Associado com Agregação da Escola de Psicologia da Universidade do Minho

Prof. Doutor Pedro Jorge da Silva Coelho Nobre
Professor Auxiliar com Agregação da Universidade de Aveiro

Prof. Doutor Daniel Maria Bugalho Rijo
Professor Auxiliar da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra

Prof. Doutora Marisalva Fernandes Fávero
Professora Auxiliar do Instituto Superior da Maia

Aos meus avós, Artur e Teresa.

agradecimentos

Foram diversas as instituições e pessoas que contribuíram para a realização deste estudo:

- A Direcção Geral dos Serviços Prisionais e técnicos do E. P. de Santa Cruz do Bispo, E. P. de Aveiro, E. P. de Coimbra, E. P. de Custóias, E. P. Paços de Ferreira, E. P. Vale do Sousa e E. P. da Guarda que contribuíram com o apoio logístico à recolha de dados;

- Os docentes dos cursos de Engenharia da Universidade de Aveiro que disponibilizaram o seu horário lectivo para o preenchimento de questionários, quer na fase de validação, quer na fase de recolha de dados para o estudo principal;

- Os participantes que colaboraram de forma voluntária no preenchimento dos protocolos de avaliação;

- O Professor Pedro Nobre que auxiliou nas decisões acerca da metodologia e conteúdo intelectual do estudo.

A todos, os meus agradecimentos.

palavras-chave

Agressão sexual, esquemas precoces mal adaptativos, personalidade, afecto, impulsividade, inibição/excitação sexual.

resumo

A violência sexual contra mulheres e crianças é um fenómeno social e de saúde pública, transversal a diferentes culturas e épocas históricas. A consciencialização deste fenómeno ocorre porém num milénio em que a auto-determinação das mulheres e os direitos fundamentais das crianças passaram a ser considerados pelas principais estâncias políticas. Paralelamente, também a ciência tem dado o seu contributo para a compreensão e resolução destes crimes. Os estudos acerca dos mecanismos de predisposição para a agressão sexual visam a reabilitação dos indivíduos que cometeram ofensas sexuais, prevenindo a reincidência destes comportamentos. O objectivo é diminuir o número de vítimas, intervindo no agressor.

O trabalho que apresentamos teve por finalidade investigar potenciais factores de predisposição para a agressão sexual em sujeitos do sexo masculino condenados por crime de violação e abuso sexual de menores, mas também em estudantes universitários com história de violência sexual. Pretendeu-se avaliar de que forma os esquemas precoces mal adaptativos, os mecanismos de inibição/excitação sexual e a personalidade intervêm nestas diferentes formas de violência sexual. Os resultados deste trabalho indicaram que as dimensões avaliadas poderão contribuir para a predisposição e/ou manutenção dos comportamentos de agressão sexual. Adicionalmente, verificou-se que as diferentes formas de violência sexual (violação, abuso sexual de menores e violência sexual em estudantes universitários) são caracterizadas por perfis distintos, e que esta especificidade poderá ser determinante na elaboração de modelos de conceptualização da agressão sexual.

keywords

Sexual aggression, early maladaptive schemas, personality, affect, impulsiveness, sexual excitation/inhibition.

abstract

Sexual violence against women and children is a social phenomenon and a public health issue that has been present in different cultures and historical epochs. However, society became aware of this problem only after women's self-determination and children's fundamental rights were recognized by the main political organizations. At the same time, science has given its contribution for the understanding and resolution of sexual crimes. The main goal of the studies on the etiological factors of sexual aggression is to contribute to the rehabilitation of sexual offenders, preventing new cases of sexual abuse.

The aim of the present study was to investigate the role of predisposition related factors for sexual aggression in men convicted for rape and child sexual abuse, and in male college students who committed coercive sexual behaviors against women. We sought to evaluate how maladaptive schemas, sexual excitation/inhibition mechanisms, and personality affect these different forms of sexual violence. Results showed that the assessed dimensions may contribute to the etiology and/or maintenance of sexual aggression. Additionally, findings suggested that the various forms of sexual violence (rape, child sexual abuse, and acquaintance rape) were characterized by different profiles. This diversity should be taken into consideration in developing conceptual models of sexual aggression.

Índice

Capítulo 1

Introdução	1
1.1 Prevalência	1
1.2 Caracterização dos agressores e tipologias	3
1.3 Abordagem ao fenómeno da agressão sexual	7
1.4 Modelos de conceptualização da agressão sexual	8
1.4.1 <i>Precondition Theory</i>	8
1.4.2 <i>Quadripartite Theory of Child Molestation</i>	9
1.4.3 <i>Integrated Theory</i>	10
1.4.4 <i>Pathways Model</i>	11
1.4.5. <i>Integrated Theory of Sexual Offending</i>	11
1.5 Mecanismos de excitação e inibição sexual na agressão sexual	12
1.6 A relevância dos factores dinâmicos estáveis na agressão sexual	15
1.6.1 Esquemas Precoces Mal Adaptativos	15
1.6.2 Ajustamento Psicológico	18
1.6.3 Personalidade	19
1.6.4 Afecto	20
1.6.5 Impulsividade	22
1.6.6 Modelo do Controlo Dual	23
1.7 Conclusão	25

Capítulo 2

Metodologia	28
2.1 Participantes (estudos I, II e III – agressores sexuais condenados)	28
2.2 Contexto Penal	29
2.3 Participantes (estudos II, III e IV – agressores sexuais não condenados)	30
2.4 Procedimentos (estudos I, II e III – agressores sexuais condenados)	32
2.5 Procedimentos (estudos II, III e IV – agressores sexuais não condenados)	32
2.6 Instrumentos	32
2.6.1 Escala para Avaliação do Interesse Pedofílico	32

2.6.2	Questionário de Experiências Sexuais - forma perpetração	33
2.6.3	Escala de Resposta Socialmente Desejável	33
2.6.4	Questionário de Esquemas de Young	34
2.6.5	Breve Inventário de Sintomas	34
2.6.6	Inventário de Personalidade dos Cinco Factores	35
2.6.7	Escala de Afecto Positivo e Negativo	35
2.6.8	Escala de Impulsividade de Barrat-11	36
2.6.9	Escalas de Inibição/Excitação Sexual	36
2.7	Procedimentos estatísticos	37
2.7.1	Estudo I	37
2.7.2	Estudo II	37
2.7.3	Estudo III	38
2.7.4	Estudo IV	38

Capítulo 3

	Estudo I: O Papel dos Esquemas Precoces Mal Adaptativos em Agressores Sexuais Condenados por Violação e Abuso Sexual de Menores	40
3.1	Introdução	40
3.2	Metodologia	43
3.3	Resultados	44
3.3.1	Domínios Gerais dos EPMs e Agressão Sexual	44
3.3.2	EPMs (Domínio Distanciamento/Rejeição) e Agressão Sexual	45
3.3.3	EPMs (Domínio Autonomia/Desempenho Deteriorados) e Agressão Sexual	46
3.3.4	EPMs (Domínio Influência dos Outros) e Agressão Sexual	47
3.3.5	EPMs (Domínio Sobrevigilância/Inibição) e Agressão Sexual	48
3.4	Discussão	49

Capítulo 4

	Estudo II: Modelo dos Cinco Factores da Personalidade e Agressão Sexual	54
4.1	Introdução	54
4.2	Metodologia	57
4.3	Resultados	58

4.3.1 Parte 1: Agressores Sexuais Condenados	58
4.3.2 Parte 2: Agressores Sexuais não Condenados	59
4.4 Discussão	60

Capítulo 5

Estudo III: Factores Dinâmicos na Agressão Sexual: o Papel do Afecto e da Impulsividade	65
5.1 Introdução	65
5.2 Metodologia	68
5.3 Resultados	70
5.3.1 Parte 1: Agressores Sexuais Condenados	70
5.3.1.1 Afecto	70
5.3.1.2 Impulsividade	71
5.3.2 Parte 2: Agressores Sexuais não Condenados	71
5.3.2.1 Afecto	71
5.3.2.2 Impulsividade	72
5.4 Discussão	72

Capítulo 6

Estudo IV: Análise de Trajectórias para um Modelo de Compreensão da Agressão Sexual em Estudantes Universitários - a Importância dos Défices de Desempenho e da Inibição Sexual	77
6.1 Introdução	77
6.2 Metodologia	80
6.3 Resultados	82
6.3.1 Desejabilidade social	82
6.3.2 Esquemas do Domínio Autonomia/Desempenho Deteriorados e Agressão Sexual	82
6.3.3 Excitação/Inibição Sexual e Agressão Sexual	82
6.3.4 Análise de Trajectórias para um Modelo de Compreensão da Agressão Sexual	83
6.4 Discussão	84

Capítulo 7

Discussão Geral 88

Bibliografia 97

Anexos

Anexo A (questionário sócio-demográfico amostra prisional) 118

Anexo B (questionário sócio-demográfico amostra estudantil) 119

Anexo C (Questionário de Esquemas de Young) 120

Anexo D (Breve Inventário de Sintomas) 123

Anexo E (Inventário de Personalidade dos Cinco Factores) 125

Anexo F (Escala de Afecto Positivo e Negativo) 127

Anexo G (Escala de Impulsividade de Barrat-11) 128

Anexo H (Escala de Inibição/Excitação Sexual) 129

Anexo I (Questionário de Experiências Sexuais - forma perpetração) 131

Anexo J (Escala de Resposta Socialmente Desejável) 134

Capítulo 1

Introdução

Introdução

A sexualidade humana engloba um vasto repertório de comportamentos e interações sociais, mas também de atitudes individuais que se expressam na relação com o outro. Clínicos e teóricos divergem na forma em que conceptualizam os diferentes aspectos da sexualidade humana, embora sejam unânimes ao afirmar que não estamos vinculados a marcadores exclusivamente biológicos e instintivos como a maioria dos animais (Masters, Johnson, & Kolodny, 1988). O comportamento sexual humano não é apenas uma resposta instintiva e automática aos diversos estímulos, é antes mediada por diferentes dimensões (culturais e individuais) que nos levam a considerar vários factores antes de nos comportarmos sexualmente (Horley, 2008). Neste sentido, o agressor sexual soube em alguma altura medir as consequências do seu comportamento, optando, e não simplesmente sendo vítima das suas características disposicionais (Johnson, 2007).

1.1 Prevalência

A agressão sexual tornou-se um problema social na cultura e sociedade contemporânea. Saiu da intimidade familiar para os meios de comunicação social, dando lugar à discussão pública, académica e moral. Mulheres e crianças são as principais vítimas, numa percentagem que, nos Estados Unidos, ascende os 25% de mulheres e os 16% de homens que referiram ter sofrido alguma forma de abuso sexual (Finkelhor, Hotaling, Lewis & Smith, 1990). A prevalência de violação numa amostra da comunidade foi estimada nos 14% (Kilpatrick, Edmunds, & Seymour, 1992) e de acordo com o *National Violence Against Women Survey*, uma em cada seis mulheres experienciou uma violação na forma tentada ou consumada (Tjaden & Thoennes, 2000). No que diz respeito às mulheres estudantes universitárias, a prevalência ascende àquela da população geral (Sorenson, Stein, Siegel, Golding, & Burnham, 1987). De acordo com Gidycz e colegas (1997), 17% experienciaram uma violação, enquanto 33% referiram uma outra forma de abuso sexual. Greene e Navarro (1998) concluíram que 27% de raparigas universitárias, alunas do primeiro ano, foram abusadas sexualmente no decurso de 12 semanas (um semestre). No contexto nacional,

foram cometidos, em 2003, 1965 crimes sexuais (Ministério da Justiça, 2004, cit por Rebocho, 2007). Mais ainda, num inquérito dirigido à população portuguesa no âmbito de um estudo de prevalência de perturbações pós-traumáticas de stress, verificou-se que 1% da população inquirida referiu ter sido vítima de abuso sexual antes dos 18 anos e 0.5% afirmou ter sido violada após essa idade (Albuquerque, 2006). É no entanto sabido que qualquer estimativa neste contexto não corresponde à realidade, nomeadamente quando a agressão é cometida por indivíduos do conhecimento da vítima (Koss, 1992). Apenas uma em cada dez violações são denunciadas (Calhoun, McCauley, & Crawford, 2006) pelo que muito se desconhece da extensão deste fenómeno, dos seus autores, vítimas e dos contextos onde estes crimes ocorrem. Trata-se seguramente de um fenómeno com impacto negativo na vida de milhares de pessoas e famílias, com custos para a sociedade, sejam eles económicos (custos de saúde e justiça) mas também morais e de liberdade individual.

No que diz respeito à metodologia comumente usada em estudos de prevalência acerca de crimes sexuais, esta baseia-se no método retrospectivo já que a maior parte dos crimes não são denunciados. Os indivíduos são questionados sobre o facto de terem sofrido algum tipo de abuso sexual no passado, pelo que estes estudos têm a limitação de qualquer estudo retrospectivo: nem sempre os participantes se lembram, de forma acurada, das experiências passadas, sobretudo tratando-se de experiências traumáticas. Um dos estudos mais citados sobre a prevalência de abuso sexual de menores (intra e extra familiar) foi efectuado por Finkelhor (1979). O autor constatou que 10% das mulheres da sua amostra foram abusadas sexualmente enquanto menores, subindo esta taxa para os 20% quando o critério da idade não foi colocado. Em 1986, Russell verificou que 16% das mulheres experienciaram episódios de abuso sexual e 12% destas mulheres referiram que os abusos ocorreram antes dos 14 anos. Um estudo retrospectivo mais recente que envolveu 8.000 participantes de ambos os sexos, com idades entre os 15 e 54 anos, indicou que a prevalência de abuso sexual de menores (intra e extra familiar) foi de 13.5% para as mulheres e 2.5% para os homens (Molnar, Buka, & Kessler, 2001). Os resultados de diferentes estudos são consistentes relativamente ao número de vítimas, e este

número parece manter-se de forma atemporal. De um modo mais específico, em 46.8% dos casos de abuso sexual o agressor era familiar da vítima (Briere & Elliot, 2003), resultados que contrastam com os 8.4% encontrados por Molnar, Buka e Kessler (2001).

1.2 Caracterização dos agressores e tipologias

Os agressores sexuais apresentam-se como uma classe de indivíduos bastante diversificados entre si. Esta heterogeneidade reflecte-se não só no tipo de crime/comportamento (e.g., violação, abuso sexual menores, pedofilia, violação parafílica, homicidas sexuais, etc), como nas características dos agressores, desde o sexo (agressores homens/agressores mulheres), idade (agressores adultos/agressores adolescentes), passando pelos diversos motivos e características individuais. No que diz respeito aos agressores sexuais de crianças, a sua heterogeneidade tem sido descrita em diversos estudos (Bickley & Beech, 2001; Kingston, Firestone, Moulden, & Bradford, 2007; Quinsey & Lalumière, 2001). Começando por uma definição conceptual, o termo pedófilo e abusador sexual de menores tem sido usado de forma indiferenciada. Na literatura sobre agressão sexual o abuso sexual de menores ocorre quando o indivíduo age sexualmente contra um menor sem indicação de preferência sexual por menores, enquanto a pedofilia se refere à preferência sexual por crianças (O'Donohue, Regev, & Hagstrom, 2000). O nível de fixação representa a intensidade do interesse parafílico e permite distinguir abusadores sexuais de crianças com orientação para menores (i.e., pedófilos) dos abusadores cujo comportamento sexual resultou de uma reacção face a factores de stress ou outras dimensões contextuais (Prentky, Knight, Rosenberg, & Lee, 1989). Também no que diz respeito à violação, convém clarificar alguns conceitos. Segundo Koss (1992), a violação resulta da penetração vaginal, anal ou oral, não consensual, obtida pela força, ameaça de ferimentos físicos, ou quando a vítima não está passível de dar consentimento como, por exemplo, quando está sob o efeito de drogas. O termo coacção sexual é deixado para as situações onde os métodos de agressão não envolvem força física ou violência maior, episódios que geralmente ocorrem quando existe alguma relação entre a vítima e o agressor

(e.g., matrimónio, namoro). As vítimas são, nestes casos, adultas (Koss, Dinero, Seibel, & Cox, 1988). Certos sistemas taxonómicos referem ainda que a violação pode ser sexualizada (i.e., parafílica), o que significa que o agressor depende exclusivamente do sadismo sexual para obtenção de excitação sexual (Eher, Neuwirth, Fruehwald, & Frottier, 2003). Do ponto de vista jurídico a violação resulta do coito vaginal, anal ou oral; se não houver penetração o crime será considerado como coacção sexual (artigos 163º e 164º do Código Penal; Priberan, 2007). A pedofilia é um termo exclusivamente clínico pelo que não consta no código penal Português (artigos 171º, 172º e 173º para os crimes de abuso sexual de menores, onde não há referência às questões relacionadas com o foco parafílico dos agressores sexuais de menores).

Ainda no contexto da heterogeneidade dos agressores sexuais e seus crimes, convém salientar que embora os crimes de agressão sexual sejam cometidos quase exclusivamente por homens, as mulheres também figuram como agressoras sexuais. De facto, dados do *National Crime Victimization Survey* indicam que em 3.5% dos casos de agressão sexual, o agressor era mulher (Vandiver, 2006). Para além destas, os adolescentes perfazem uma percentagem considerável enquanto agressores sexuais. Cerca de 20% das violações e 30 a 50% do abuso sexual de crianças é cometido por adolescentes do sexo masculino (Barbaree, Hudson, & Seto, 1993).

Os agressores sexuais assumem motivações variadas para os seus crimes, contribuindo para a heterogeneidade desta classe de agressores. Existem variados sistemas de classificações de agressores sexuais de adultos e de crianças baseados nas suas características e motivações para o crime. Passamos a descrever dois desses sistemas de classificações, um sobre violadores e outro sobre abusadores sexuais de menores.

Sistemas de classificações de índole psicodinâmica propõem as seguintes classes de violadores. 1) O violador cujo objectivo é a agressão em si. Trata-se de um agressor cujo comportamento de raiva e vingança se dirige a uma mulher conhecida ou desconhecida. A agressão sexual é um meio de expressar estes estados emocionais e o uso excessivo de violência tem por finalidade ferir a

vítima. Estes indivíduos são geralmente competentes e assertivos e mantêm-se em relacionamentos de longo prazo. 2) O agressor cujo objectivo é o acto sexual em si. Neste caso a violência é instrumental e visa concretizar o acto sexual. A violação ocorre como resposta a preocupações/pensamentos intrusivos do foro sexual e/ou romântico. São geralmente sujeitos introvertidos que dificilmente mantêm relações a longo prazo, podendo acreditar que a vítima mostra algum tipo de interesse sexual por eles. Raramente há uma história passada de violência. 3) O violador anti-social. Trata-se da categoria mais comum. A violência é instrumental e visa a obtenção de gratificação sexual e os indivíduos caracterizam-se por ser oportunistas, impulsivos e com personalidade ou traços anti-sociais. Estão geralmente sob o efeito de drogas durante a agressão e apresentam frequentemente uma história prévia de agressão e outros actos criminosos. 4) O violador sádico. Este agressor é aquele cujo mal infligido à vítima resulta em gratificação sexual. O foco do seu interesse sexual é o sadismo pelo que se afigura como uma parafilia. Na literatura estes casos sobrepõem-se frequentemente aos casos de homicídio sexual e requerem especial atenção pelos danos severos infligidos à vítima. Estes indivíduos têm com maior frequência história de abusos físicos e sexuais, dificuldades sexuais (dificuldade erétil) e a sua ofensa é cuidadosamente planeada (Craissati, 2005; Groth, Burgess, & Holmstrom, 1977; Seghorn & Cohen, 1980).

No que diz respeito aos crimes sexuais cometidos contra crianças apresentamos as seguintes classificações. 1) Preferencial ou fixado. Esta classe inclui indivíduos cujo foco sexual é preferencialmente, e quase exclusivamente, crianças, tratando-se de sujeitos solteiros e maioritariamente de orientação homossexual. Apresentam dificuldades no relacionamento inter-pessoal com adultos; os encontros com as crianças são premeditados e tendem a sentir maior conforto emocional, social e sexual na presença de menores. 2) A categoria situacional ou *regressed* engloba aqueles sujeitos cuja orientação sexual é geralmente heterossexual. Ofensores intra familiares seriam provavelmente considerados nesta classe. São frequentemente casados, demonstram um historial de relacionamentos com adultos e de desenvolvimento psicossocial normativo (Cohen, Seghorn, & Calmas, 1969; Groth & Birnbaum, 1978). O seu

encontro com menores é mais impulsivo, geralmente com crianças mais velhas (sobretudo raparigas pré adolescentes) e tende a ocorrer de forma intermitente em vez de continuada (Lanyon, 1986). 3) A categoria dos agressivos representa menos de 20% dos casos de agressão sexual contra menores (Groth & Birnbaum, 1978). As vítimas são geralmente rapazes e a actividade sexual perpetrada evidencia sinais claros de crueldade. Poderá incluir mutilação genital, inserção de objectos em orifícios corporais, lacerações e estão geralmente relacionados com o homicídio de rapazes (Cohen, Seghorn, & Calmas, 1969). De acordo com Avery-Clark e Laws (1984), estes indivíduos eram sexualmente excitados, ou pelo menos não inibidos, pela agressão sexual dirigida a crianças. Estas tipologias têm servido de base para estudos efectuados por Knight, Carter e Prentky (1989) com recurso a 177 agressores de crianças tratados no *Massachusetts Treatment Center* desde 1959 a 1981, os quais replicaram de forma satisfatória as categorias descritas. No entanto, as categorias mais comuns para a classificação de agressores sexuais, e as quais reúnem maior consenso, são aquelas baseadas na idade da vítima: violadores versus abuso sexual de crianças (Looman, Gauthier, & Boer, 2001).

Agressores com vítimas adultas apresentam características diferentes dos agressores sexuais com vítimas menores. Os violadores são geralmente mais novos que os abusadores de crianças, e a sua idade não diverge dos restantes agressores condenados por crimes que não sexuais. Os abusadores sexuais de menores (excepto os casos de pedofilia/preferência exclusiva por crianças) costumam ser casados ou viver em coabitação, ao contrário dos violadores (Craissati & Beech, 2004). Abusadores sexuais de crianças foram, mais provavelmente, vítimas de abuso sexual relativamente aos agressores sexuais de adultos (Bard et al., 1987; Ford & Linney, 1995). Quanto aos primeiros, abusadores parafílicos evidenciam mais perturbações de personalidade (nomeadamente do foro obsessivo-compulsivo) em comparação com os abusadores de menores sem foco parafílico (Bogaerts, Daalder, Vanheule, Desmet, & Leeuw, 2008). Relativamente aos estilos de vinculação, os violadores apresentam comumente um estilo evitante, enquanto os abusadores de menores tendem a ser preocupados/ansiosos (Ward, Hudson, & Marshall, 1996).

Os violadores são frequentemente mais assertivos, enquanto os agressores sexuais de crianças apresentam maiores défices na interacção social (Hudson & Ward, 1997; Hsu & Starzynski, 1990), da mesma forma que apresentam mais problemas de internalização enquanto os violadores se caracterizam pela sintomatologia de externalização (Becker & Hunter, 1997; Lussier, Leclerc, Cale, & Proulx, 2007). Neste sentido, os violadores são mais frequentemente avaliados como psicopatas, ao contrário do que acontece com os agressores sexuais de crianças (Porter, et al., 2000; Rice & Harris, 1997; Seto & Barbaree, 1999). O seu perfil descreve maior número de condenações (Rice & Harris, 1997) bem como acumulação de crimes que não sexuais ou ainda maior número de recidivas relativamente aos agressores de menores (Hanson & Bussière, 1998; Quinsey, Rice, & Harris, 1995). O interesse sexual parafilico é descrito com menor frequência (devido à grande inconsistência de resultados) em violadores do que nos agressores sexuais de crianças (Marshall, Anderson, & Fernandez, 1999).

1.3 Abordagem ao fenómeno da agressão sexual

A abordagem ao estudo da agressão sexual faz-se essencialmente sob duas perspectivas: uma relacionada com os aspectos históricos do agressor (nomeadamente com enfoque nos registos criminais) e a outra a partir de variáveis ditas psicológicas ou psicossociais. Deste modo, história de criminalidade prévia, idade na altura do crime, parentesco com a vítima, entre outras, afiguram os chamados factores estáticos, enquanto as restantes variáveis fazem partes dos factores dinâmicos. Estes podem dividir-se de acordo com dois grupos: factores dinâmicos estáveis (i.e., aquelas características que são relativamente persistentes no agressor mas passíveis de serem modificadas no tempo) e factores dinâmicos agudos (i.e., factores que se alteram num período de horas ou dias, como é o caso do abuso de substâncias ou episódios de stress agudo) (Hanson & Harris, 2000). De resto, muito é sabido sobre os factores estáticos/históricos, mas menos é conhecido sobre o papel dos factores dinâmicos, sobretudo aqueles que são passíveis de serem trabalhados e modificados no sentido de prevenir as recidivas dos crimes sexuais (Beech, Fisher, & Thornton, 2003). Alguns destes factores relativamente estáveis, mas

modificáveis, são: o interesse sexual, ou seja, a direcção e o foco da excitação sexual do indivíduo, ou o conteúdo das suas preocupações/pensamentos sexuais; atitudes e crenças distorcidas acerca do comportamento sexual, das vítimas ou do papel da mulher na sociedade; o funcionamento sócio-afectivo, nomeadamente no que diz respeito às competências sociais, regulação dos afectos face aos outros ou ainda a auto-estima; ou finalmente a capacidade de auto-controlo/regulação do comportamento como é o caso da capacidade para planear acções, resolver problemas e regular os impulsos (Craig, Thornton, Beech, & Browne, 2007). Os factores históricos podem indicar o potencial de recidiva de novos comportamentos de agressão sexual, mas as futuras agressões só poderão ser prevenidas caso se intervenha ao nível das actuais características dos indivíduos. Ou seja, nos factores dinâmicos (Andrews & Bonta, 1998). Destes, importa sobretudo reflectir e intervir no âmbito dos factores dinâmicos estáveis já que as variáveis dinâmicas agudas podem ter estado relacionadas com o episódio da agressão mas terão menor impacto a longo prazo quanto ao risco de nova investida (Hansson & Harris, 2000).

1.4 Modelos de conceptualização da agressão sexual

Não há um modelo único ou sequer cabal sobre o desenvolvimento da disposição para ofender sexualmente, mas há acordo sobre um conjunto de factores gerais de significância etiológica. Explicações com base num único factor serão certamente incompletas, e a pluralidade de modelos conceptuais acerca da agressão sexual reflecte não só as diferentes disciplinas que estudam o fenómeno, bem como a diversidade de contextos em que este ocorre. De seguida apresentamos alguns desses modelos.

1.4.1 *Precondition Theory*

Segundo Finkelhor (1984), existem quatro condições prévias que, uma vez satisfeitas, antecedem e sustentam os episódios de abuso sexual de menores. Trata-se de quatro factores ditos proximais, ou seja, factores relacionados com o ambiente físico/ecológico do indivíduo agressor. Na primeira condição, o indivíduo tem de estar motivado para abusar sexualmente da criança. Esta motivação é

sustentada pela congruência emocional (sexo com crianças é emocionalmente gratificante para o ofensor), pela excitação sexual (a resposta sexual no indivíduo ocorre na presença de crianças) e pelo fenómeno do *blockage* (o indivíduo mantém relações sexuais com crianças porque tem dificuldade em mantê-las num contexto socialmente apropriado). Na segunda condição, a inibição que geralmente está associada à prática deste crime está comprometida (por exemplo, através do consumo de álcool, das dificuldades de controlar os impulsos, stress severo, psicose, tolerância social mediante o interesse sexual por crianças, entre outros). Quando surgem condições externas que favorecem a ocorrência do crime (por exemplo, ausência materna, falta de supervisão parental, partilha do espaço à hora de dormir, etc), instala-se a terceira condição. Finalmente, a quarta condição que segundo o autor precipita estes crimes tem a ver com a resistência da vítima. Quando a vítima cede às estratégias de aproximação do agressor, através da oferta de presentes, da dessensibilização da criança para o sexo, ou da criação de uma dependência emocional da criança face ao agressor, o agressor ultrapassa a resistência da criança facilitando o crime. De acordo com Finkelhor (1984), estas condições prévias ocorrem numa sequência temporal e cada uma é necessária para que a condição seguinte possa ocorrer.

1.4.2 *Quadripartite Theory of Child Molestation*

O modelo quadripartido da agressão sexual de menores baseia-se em quatro componentes (Hall & Hirschman, 1992). As três primeiras componentes são consideradas factores estado (i.e., dependentes do contexto) e a quarta componente é considerada como sendo um factor traço (i.e., factor de vulnerabilidade). Elas são: a excitação sexual fisiológica face a crianças, cognições disfuncionais que suportam a agressão sexual, falta de regulação emocional e alterações da personalidade. Neste sentido, as alterações de personalidade são a fonte de vulnerabilidade para se agredir sexualmente uma criança, que por sua vez são activadas mediante certos contextos e oportunidades resultando na excitação sexual desviante, na perturbação afectiva e nas alterações de pensamento. Segundo este modelo, enquanto cada um

destes factores é um antecessor da agressão sexual, apenas um é geralmente proeminente para cada agressor, constituindo o seu principal motivo de acção. Além disto, a interacção entre estes quatro factores poderá resultar em diferentes perfis de agressores. Um dos perfis caracteriza-se pelo forte interesse sexual desviante e preferência por crianças, constituindo o agressor clássico que comete crimes contra um considerável número de menores. No perfil caracterizado pelas distorções cognitivas o indivíduo interpreta o comportamento das crianças como revelador de intenção sexual. O agressor possui ainda boas capacidades de auto-regulação. São, sobretudo, os abusadores intra familiares. Um terceiro perfil é dominado pela susceptibilidade aos estados de afecto negativo, cujos indivíduos agem geralmente de forma impulsiva e não planeada (i.e., ofensores situacionais). De acordo com este modelo a intervenção clínica dever-se-ia fazer tendo em conta o perfil saliente (por exemplo, redução da excitação sexual desviante através do condicionamento, reestruturação cognitiva ou treino de regulação emocional, respectivamente para cada perfil) (Hall & Hirschman, 1992).

1.4.3 *Integrated Theory*

Para Marshall e Barbaree (1990), o abuso sexual ocorre em consequência da interacção entre factores distais (vulnerabilidades psicológicas) e proximais (aqueles relacionados com o ambiente físico/imediato do sujeito). Trata-se de um modelo de índole desenvolvimental baseado em estudos no âmbito da teoria da vinculação. Os autores sugerem que indivíduos agressores sexuais experienciaram episódios adversos ao longo do seu desenvolvimento, sobretudo ao nível familiar e na relação com outros significantes. Estilos parentais disfuncionais, disciplina inconsistente, abusos físicos e /ou sexuais, estarão na origem da parca regulação dos afectos e défices de interacção social que sustentam os comportamentos de agressão sexual. A transição para a adolescência é um período particularmente vulnerável já que é a altura da aquisição de *scripts* sexuais e de interacção social. Visto que a agressão e o sexo se originam a partir do mesmo substrato neurológico (e.g., amígdala e hipotálamo), a adolescência potencia ainda mais a fusão entre os comportamentos de agressão e os comportamentos sexuais devido às alterações

hormonais que ocorrem nesse período (sobretudo nos rapazes). Caso um indivíduo tenha já história de agressão familiar ou pouco ajustamento psicossocial, esta fase desenvolvimental pode potenciar e consolidar tendências sexuais abusivas outrora já vividas. Por outro lado, os défices na interacção social facilmente resultam no relacionamento falhado com o sexo oposto, dando origem a sentimentos de raiva deslocados contra o sexo feminino, ou a atitudes negativas face às mulheres resultando em fantasias sexuais desviantes. A agressão sexual revela-se nestes casos uma forma de gestão emocional, alívio de stress, aproximação emocional e pessoal face a outra pessoa e é ainda sinal de masculinidade incrementando a auto-estima do indivíduo. As crianças poderão ser ainda vistas como mais acessíveis justificando-se assim os crimes sexuais contra menores (Marshall & Barbaree, 1990; Marshall, W., Marshall, L., Serran, Fernandez, 2006).

1.4.4 Pathways Model

De acordo com este modelo (Ward & Siegert, 2002), a agressão sexual resulta da combinação entre quatro factores: défices na intimidade e interacções sociais, *scripts* sexuais distorcidos, pouca regulação emocional e distorções cognitivas. Cada um destes mecanismos tem um papel preponderante na agressão sexual, mas combinam-se entre si dando origem a diversas trajectórias que justificam os crimes sexuais. Mais especificamente, todos estes factores podem estar presentes no indivíduo, mas ele só actuará se o factor preponderante for activado. Ao contrário do modelo quadripartido (Hall & Hirschman, 1992) que de certa forma se assemelha a este, o *pathways model* propõe que toda a agressão sexual dependa dos quatro factores simultaneamente. Factores distais e proximais são assim obrigatoriamente integrados na conceptualização da agressão sexual.

1.4.5. Integrated Theory of Sexual Offending

A teoria integrada da agressão sexual (Ward & Beech, 2006) pretende integrar os diversos aspectos que caracterizam as principais teorias sobre os comportamentos de agressão sexual. Segundo esta teoria, o abuso sexual ocorre

em função da interacção de diversificadas variáveis, desde os factores que afectam o desenvolvimento neurológico (e.g., evolução, variações genéticas), aos factores ecológicos (e.g., cultura e ambiente físico), tentando entender como é que estas dimensões afectam as funções neuropsicológicas que determinam o comportamento humano. De um modo mais específico, entende-se que a agressão sexual resulta da concorrência entre factores distais e proximais, interagindo de forma dinâmica. Quer a predisposição genética, quer a aprendizagem social, desempenham um papel determinante no desenvolvimento neurológico dando origem a três sistemas neuropsicológicos interligados entre si: sistema motivacional/emocional, controlo/acção e percepção/memória. Estes sistemas interagem resultando nos sinais tipicamente evidenciados pelos ofensores sexuais, como é o caso do interesse/excitação sexual desviante, pensamentos intrusivos do foro sexual, estados emocionais negativos/positivos, bem como défices na interacção social. Estes sinais, considerados factores estado, levam aos comportamentos sexualmente abusivos. As consequências destes comportamentos mantêm este ciclo de acontecimentos já que reforçam as vulnerabilidades do agressor através do seu impacto quer no ambiente, quer a nível do funcionamento psicológico. Por exemplo, ao reduzir estados emocionais negativos, a agressão sexual reforça negativamente (ou seja, por evitamento) as estratégias utilizadas pelo indivíduo para lidar com estes estados emocionais, aumentando a probabilidade dos comportamentos de agressão sexual. Por outro lado, se a agressão resultar no aumento de estados emocionais positivos, então estará a funcionar como um mecanismo de reforço positivo. Deste modo, o desenvolvimento neurológico e a aprendizagem social interagem no sentido de estabelecer as vulnerabilidades psicológicas dos indivíduos, que através dos comportamentos de abuso sexual com efeitos de *coping* mantêm este ciclo de acontecimentos.

1.5 Mecanismos de excitação e inibição sexual na agressão sexual

De acordo com os modelos sobre a agressão sexual e os diversos perfis de agressores sexuais, compreende-se que os abusos sexuais resultam não só de actos pseudosexuais (i.e., com a finalidade de ser cometido um acto de violência,

mas não necessariamente um acto sexual em si) mas também de actos caracterizados pela sua forte componente sexual. Homens condenados por violação apresentam maior excitação sexual fisiológica a estímulos de agressão sexual relativamente a agressores condenados por outros crimes (Lalumière & Quinsey, 1994), enquanto homens da comunidade que coagiram sexualmente diferenciaram-se dos restantes pela sua resposta sexual desviante a estímulos semelhantes (Malamuth, 1986). Neste contexto, grande parte dos estudos laboratoriais são feitos a partir da premissa de que a violência sexual é motivada, em parte, pela excitação sexual provocada por estímulos sexuais desviantes (e.g., uso de coacção sexual). Porém, os dados não são conclusivos na medida que sujeitos sem história clínica/criminal de agressão sexual podem apresentar também uma resposta sexual elevada face a este tipo de estímulos (Rosen & Beck, 1988). Desta forma, a razão para a agressão sexual pode prender-se, não com os mecanismos de excitação sexual, mas antes com os mecanismos de inibição da resposta sexual. Num outro estudo, os violadores foram estimulados de forma idêntica quer por cenários de violência sexual, quer por cenários de interacções sexuais normativas, enquanto os homens de uma amostra normal foram inibidos face aos estímulos de agressão sexual mas não aos estímulos normativos (Barbaree, Marshall, & Lanthier, 1979). Os autores apontam assim uma hipótese de inibição sexual (i.e, ausência de inibição sexual face a estímulos de violência sexual) contrária à hipótese de preferência sexual (i.e., a excitação sexual ocorre em função da presença de estímulos sexuais violentos) na explicação da agressão sexual em adultos. Desta forma, a agressão sexual ocorrerá em situações onde a falta de consentimento por parte da vítima não é suficiente para inibir a resposta sexual dos indivíduos. Segundo Barbaree e Marshall (1991) esta hipótese conceptual aplica-se sobretudo a violadores cuja vítima é conhecida, falhando assim a inibição da sua resposta sexual face aos esforços evidenciados pelas parceiras no sentido de evitarem ou recusarem o acto sexual. Esta hipótese é corroborada por um outro estudo onde homens da comunidade que coagiram sexualmente não inibiram a sua resposta sexual a estímulos de agressão sexual, ao contrário do grupo de controlo (Lohr, Adams, & Davis, 1997). Desta forma, a força/violência utilizada parece ser o factor que

contribui para a inibição sexual nos indivíduos que não cometerem crimes sexuais já que nos restantes cenários caracterizados por relações sexuais consentidas ambos os grupos evidenciam aumento da resposta sexual, e o grupo agressor evidenciou mesmo mais excitação aos estímulos normativos em comparação com os estímulos violentos. O uso de força e violência introduzida nos estímulos sexuais simplesmente não inibiu a sua resposta sexual (Lohr, Adams, & Davis, 1997). No caso da agressão sexual contra vítimas adultas uma das explicações para esse fenómeno poderá estar mais ao nível dos mecanismos de inibição sexual do que na ideia de que estes indivíduos respondem sexualmente mais na presença de relações sexuais não consentidas.

No que diz respeito ao abuso sexual de crianças, os estudos suportam de forma consistente o facto dos agressores se diferenciarem pela resposta de excitação sexual fisiológica mediante a presença de crianças nos estímulos sexuais utilizados (Chaplin, Rice, & Harris, 1995; Freund & Watson, 1991; Seto, Lalumière, & Kuban, 1999). Mais precisamente, o interesse sexual por crianças demonstrado fisiologicamente foi o melhor preditor para os comportamentos de recidiva dos crimes sexuais contra crianças (Hanson & Bussière, 1998). Segundo Seto e Lalumière (2001), é ainda possível prever o interesse sexual do indivíduo com base nas seguintes directrizes: a vítima é uma criança do sexo masculino, o sujeito cometeu o crime sobre várias vítimas, as vítimas têm menos de 12 anos e são extra familiares. Nestes casos, o agressor é certamente pedófilo, evidenciando assim um interesse sexual exclusivo ou preferencial por crianças. Este padrão está de facto associado a medidas falométricas permitindo discriminar pedófilos de abusadores sexuais de menores sem recurso a dispositivos laboratoriais (Seto & Lalumière, 2001; Seto, Harris, Rice, & Barbaree, 2004). Os pedófilos quando avaliados em laboratório demonstram uma clara resposta sexual a imagens e vídeos de crianças, juntamente com menor excitação face a adultos de ambos os géneros (McAnulty, 2006). No contexto mais alargado da agressão sexual de crianças (i.e., considerando pedofilia e abuso sexual de menores), abusadores extra familiares são mais facilmente estimulados por crianças do que agressores incestuosos (Marshall, Barbaree, & Christophe, 1986), pelo que as relações intra familiares são indicadores de abuso

sexual de menores e não de pedofilia (Seto, 2004). Barbaree e Marschall (1989) categorizaram cinco perfis de agressores sexuais de crianças tendo por base a avaliação falométrica dos agressores. Dois dos perfis indicam pedofilia ou preferência sexual por crianças, um sugere orientação heterossexual adulta, um outro perfil indica preferência por adolescentes e o último aponta para um padrão indiferenciado de excitação sexual face às diferentes idades dos indivíduos que compõem os estímulos sexuais.

1.6 A relevância dos factores dinâmicos estáveis na agressão sexual

Visto que o contributo empírico deste trabalho se debruça sobre a implicação de factores dinâmicos estáveis em comportamentos de agressão sexual, faremos uma sinopse teórica sobre a importância que algumas destas variáveis têm assumido no âmbito dos crimes sexuais. As variáveis seleccionadas são: esquemas precoces mal adaptativos (*Schemas-Focused Therapy*; Young, Klosko, & Weishaar, 2003), ajustamento psicológico, personalidade (foco no *Five Factor Model*; Costa & McCrae, 1992), afecto (foco no Modelo Circular do Afecto; Watson & Tellegen, 1985), impulsividade, e mecanismos de excitação/inibição sexual (*Dual Control Model*; Bancroft & Janssen, 2000). Trata-se de variáveis que têm sido estudadas no âmbito de variados quadros psicopatológicos, processos de adaptação e diversos aspectos do comportamento humano, assumindo assim um forte valor empírico. No que diz respeito às suas implicações na área da agressão sexual, os dados são mais incipientes, sugerindo contudo potenciais implicações etiológicas ou de manutenção das várias formas de violência sexual.

1.6.1 Esquemas Precoces Mal Adaptativos

A terapia focada nos esquemas surge em resposta às lacunas da terapia cognitivo-comportamental no âmbito da sua aplicação a disfunções de longa duração, como é o caso das perturbações da personalidade. Onde os métodos cognitivo-comportamentais se mostraram insuficientes, Young (1999) propôs uma alternativa teórico-prática que colmatasse estas limitações e se adequasse aos indivíduos cujas características de personalidade os tornam menos adaptados ao seu quotidiano e às suas relações interpessoais. Neste contexto, o autor (1990,

1999) cria o conceito de esquema precoce mal adaptativo (EPM), tratando-se de uma entidade chave na conceptualização do comportamento humano disfuncional e seu tratamento. Por EPM entende-se um tema ou padrão estável com uma componente cognitiva e emocional mas também sensorial que engloba as memórias do sujeito; é desenvolvido durante a infância ou adolescência a partir de necessidades emocionais que não foram correspondidas e poderá ser disfuncional mediante a sua activação. Comportamentos de parca adaptação surgem em resposta à activação de um determinado esquema, mas não fazem parte desse esquema. Por conseguinte, a conduta do indivíduo é distinta da noção de esquema, sendo por ele condicionada mediante a sua activação na experiência diária. Os EPMs representam *em si* uma situação de ameaça que, em caso de activação, despoletam uma reacção de *coping* disfuncional (Young, Klosko, & Weishaar, 2003). Os 18 EPM que compõem este enquadramento teórico dividem-se por cinco domínios sendo eles: 1) Distanciamento e Rejeição (indivíduos caracterizados pelos esquemas deste domínio são incapazes de formar vínculos seguros e satisfatórios com os outros, acreditando que as necessidades de amor e pertença não serão satisfeitas); 2) Autonomia e Desempenho Deteriorados (os indivíduos caracterizados pelos esquemas deste domínio apresentam dificuldades em tornarem-se autónomos e funcionalmente independentes das suas famílias de origem); 3) Limites Deteriorados (dimensão em que os sujeitos se caracterizam pela ausência de disciplina e respeito pelos outros); 4) Influência dos Outros (domínio cujos esquemas caracterizam pessoas que sobrepõem as necessidades dos outros às suas no sentido de corresponder às suas expectativas e terem por isso a sua aprovação); 5) Sobrevigilância e Inibição (engloba os esquemas relacionados com a contenção de sentimentos e impulsos de forma a obedecer a padrões rígidos de conduta garantindo uma boa performance). Os EPMs têm sido usados na conceptualização e tratamento de perturbações do Eixo I e II (Young, Klosko, & Weishaar, 2003) estando na base de dificuldades emocionais e interpessoais (McGinn & Young, 1996).

Apesar deste enquadramento teórico ter ganho considerável destaque no âmbito da conceptualização de problemas comportamentais de longa duração e perturbações da personalidade, a sua aplicação às diversas áreas da

sexualidade, e mais concretamente aos fenómenos de agressão sexual, é ainda escassa e incipiente. A importância da aplicação deste modelo conceptual à agressão sexual reside não só no auxílio à compreensão destes comportamentos, mas também na possibilidade de criação de um novo campo de intervenção junto dos agressores sexuais. Um dos poucos estudos efectuados nesta área mostrou que os agressores sexuais, juntamente com agressores condenados por violência contra mulheres (que não sexual) apresentaram maior variabilidade de EPMS relativamente aos indivíduos não agressores (Baker & Beech, 2004). Os autores consideraram que esta variabilidade se relaciona com múltiplas representações do *self* e do meio ambiente. Já Richardson (2005) verificou que agressores sexuais adolescentes com vítimas da sua faixa etária ou adultas apresentaram mais esquemas relacionados com a não obediência de regras, com auto-controlo e disciplina insuficiente e inibição emocional, em comparação com adolescentes agressores cujas vítimas foram crianças. Um estudo efectuado recentemente por Leirós, Carvalho e Nobre (manuscrito submetido para publicação) com uma amostra de estudantes universitários constatou que os estudantes que perpetraram ofensas sexuais contra vítimas do sexo feminino apresentavam maior incidência dos domínios distanciamento/rejeição e autonomia/desempenho deteriorados relativamente aos estudantes não agressores.

Mediante as ainda poucas, mas sugestivas evidências acerca do papel dos EPMS na agressão sexual, poder-se-ia considerar que o comportamento de agressão sexual pudesse, em certos casos, ocorrer em consequência da activação de determinados esquemas. Esta activação desencadearia uma reacção de *coping*, concretizando-se sob a forma de abuso sexual (c.f. Marshall W. L., & Marshall, L. E., 2000, acerca da relação entre *coping* e sexualidade nos agressores sexuais). Mais ainda, dada a incapacidade em estabelecer relações interpessoais e sexuais normais (Lee, Pattison, Jackson, & Ward, 2001), a forma abusiva de agir sexualmente poderá ser a via possível para a concretização da sexualidade destes indivíduos. Na perspectiva de Young (Young, Klosko, & Weishaar, 2003) os comportamentos pouco adaptados surgem em resposta a um determinado esquema, constituindo um mecanismo de *coping* disfuncional. Este mecanismo pode ser desencadeado, por exemplo, através de um processo de

evitamento. Neste caso, o sujeito poderá procurar não activar os esquemas evitando relacionamentos pessoais de maior intimidade ou recorrendo a diversos parceiros sexuais. Pode também utilizar um mecanismo de sobre-compensação agindo em dissonância com os esquemas (por exemplo, abusando dos outros caso tenha sido abusado ele próprio). Consoante cada esquema activado, o sujeito poderá agir de acordo com diferentes estratégias de *coping*, perpetuando esse esquema bem como o seu comportamento disfuncional (Young, Klosko, & Weishaar, 2003). Este enquadramento teórico afigura-se como uma potencial alternativa aos modelos que actualmente vigoram no contexto dos comportamentos de agressão sexual.

1.6.2 Ajustamento Psicológico

Embora a agressão sexual não deva ser considerada exclusivamente um problema psiquiátrico, os aspectos do foro mental devem ser considerados para que se estabeleça a proporção e a intensidade de doença mental a influenciar este tipo de conduta. Existem relativamente poucos estudos sobre o impacto de aspectos psiquiátricos generalistas na agressão sexual já que a maior parte destes estudos se debruça sobre o papel das parafilias e das perturbações de personalidade na agressão sexual (Baltieri & Andrade, 2008). Neste sentido, abusadores sexuais de menores evidenciaram maior internalização relativamente aos violadores, da mesma forma que estes últimos se caracterizaram pelo maior nível de externalização (Lussier, Leclerc, Cale, & Proulx, 2007), embora não tenham sido encontradas diferenças ao nível da ansiedade (Shechory & David, 2005). Perturbações emocionais ou de abuso de substâncias estão frequentemente presentes nestes indivíduos (Dunsieth, et al., 2004). Mais precisamente, 72% dos casos evidenciam perturbações do humor, 38% de ansiedade, 41% apresentam consumo de drogas e 36% caracterizam-se por hiperactividade (Kafka & Hennen, 2002). De facto, aproximadamente 93% destes agressores apresenta uma condição do Eixo I para além da depressão, parafilia ou psicose (Raymond, Coleman, Ohlerking, Christenson, & Miner, 1999).

Um ajustamento emocional equilibrado da parte dos agressores sexuais é importante na medida em que o sexo é utilizado frequentemente como

mecanismo de *coping* (Marshall W. L., & Marshall, L. E., 2000). Mais concretamente, fantasias sexuais desviantes seguem-se a episódios nos quais os agressores se sentem aborrecidos ou sob stress (McKibben, Proulx, & Lusignan, 1994); e abusadores sexuais de menores afirmam que têm mais fantasias sexuais com crianças mediante estados de ansiedade, solidão e de pouca auto-estima (Swaffer, Hollin, Beech, Beckett, & Fisher, 2000).

1.6.3 Personalidade

A personalidade enquanto factor dinâmico estável (i.e, característica persistente no indivíduo mas passível de ser trabalhada no tempo no sentido da adaptação) assume uma importância central no estudo de comportamentos extremos tal como é o caso dos fenómenos de agressão sexual. A psicopatia (dimensão caracterizada pela impulsividade, ausência de culpa ou empatia, inibição emocional, padrão manipulativo do comportamento, entre outros) é provavelmente a dimensão mais estudada no âmbito da criminalidade geral, mas também no contexto dos crimes sexuais (Vollum, Edens, D. Johnson, & J. Johnson, 2002). Ao contrário dos abusadores sexuais de crianças, os violadores são frequentemente avaliados como psicopatas (Porter, et al., 2000; Rice & Harris, 1997; Seto & Barbaree, 1999). Se comparados com a restante população criminal, os agressores sexuais são caracterizados essencialmente por traços esquizóides, evitantes, depressivos e dependentes, enquanto os primeiros se caracterizam por personalidade anti-social, narcísica ou sádica (Ahlmeyer, Kleinsasser, Stoner, & Retzlaff, 2003). No caso concreto do abuso sexual de menores é ainda pouco conhecida a relação entre traços e perturbações da personalidade e a etiologia do abuso sexual (Bogaerts, Vanheule, & Desmet, 2006), embora se verifique frequentemente a falta de competências sociais por parte destes indivíduos (Hudson & Ward, 1997; Hsu & Starzynski, 1990).

Parte dos estudos efectuados no âmbito da relação entre personalidade e agressão sexual são atóricos no sentido que não se baseiam num modelo específico acerca da formação da personalidade. Destacamos o caso do modelo dos cinco factores (*Five Factor Model*; Costa & McCrae, 1992) comumente usado como um modelo geral sobre a personalidade, e menos frequentemente

aplicado à sexualidade. Duas das suas facetas (o modelo é composto por cinco facetas predominantes: neuroticismo, extroversão, abertura, amabilidade e conscienciosidade) foram anteriormente estudadas no âmbito da sexualidade, mais concretamente ao nível dos comportamentos de risco, atitudes sexuais e dificuldades sexuais. Segundo Eysenck (1976), o neuroticismo e a extroversão deveriam estar relacionados com o comportamento sexual: a extroversão estaria relacionada com maior número de parceiros sexuais, maior frequência de relações sexuais ou ainda maior diversidade no repertório sexual (comportamentos e atitudes); já o neuroticismo relacionar-se-ia com dificuldades sexuais, atitudes negativas face ao sexo ou um repertório limitado de experiências sexuais. Este modelo tem sido estudado no contexto da sexualidade em áreas diversificadas, tais como, atitudes sexuais (Heaven, Fitzpatrick, Craig, Kelly, & Sebar, 2000), satisfação sexual (Donnellan, Conger, & Bryant, 2004) ou disfunções sexuais (Quinta-Gomes & Nobre, 2010). No âmbito da agressão sexual a conscienciosidade moderada a alta caracteriza o violador socialmente adaptado, enquanto os menores níveis se relacionam com o violador do tipo sádico. Por sua vez, a amabilidade caracteriza aquele violador que age como forma de compensar a sua inadequação interpessoal e que recorre a menor violência na altura de cometer o crime. A extroversão caracteriza ainda o indivíduo com perfil vingativo e a maior abertura caracteriza este último, juntamente com o violador sádico (Pardue & Arrigo, 2008). Porém, estes dados surgiram a partir de um estudo de caso pelo que não podem ser generalizados de forma segura. O papel das diversas facetas que compõem o modelo dos cinco factores está assim por esclarecer relativamente à sua importância no fenómeno da agressão sexual.

1.6.4 Afecto

A afectividade humana dependente não só da experiência imediata que regula a qualidade do afecto no dia-a-dia, mas também da sua dimensão disposicional que pela sua estabilidade e persistência condiciona a vida emocional do sujeito ao longo de todo o seu desenvolvimento. No âmbito da teoria estado-traço os estados emocionais que variam no quotidiano são

conhecidos por afecto estado, enquanto aqueles que persistem no tempo se intitulam afecto traço (Yasuda, Lawrenz, Whitlock, Lubin, & Lei, 2004). Esta experiência emocional serve de veículo ao comportamento humano orientando as escolhas e a acção do homem (Carver, 2001).

Watson e Tellegen (1985) introduziram um modelo sobre o afecto (Modelo Circular do Afecto) constituído a partir de duas dimensões ortogonais: o afecto negativo e o afecto positivo. O afecto negativo estará associado a distress, irritabilidade, reflectindo uma pessoa indisposta ou perturbada, enquanto o afecto positivo se associa a estados de bem-estar, de alerta, ou de entusiasmo. Ambas as dimensões são bipolares mas independentes. Níveis elevados de uma das dimensões reflectem um estado de excitação emocional/fisiológica, enquanto níveis baixos reflectem uma redução da resposta fisiológica nessa mesma dimensão (Galinha & Pais-Ribeiro, 2005). O afecto negativo e positivo são assim dimensões parcialmente independentes (daí o termo “ortogonais”) (Watson & Clark, 1997), reflectindo uma faceta da personalidade quando são avaliados na sua perspectiva traço (Plutchik, 1997; Zajonc, 1980).

No contexto da agressão sexual Hall e Hirschman (1991) postularam que estados afectivos negativos de raiva e hostilidade antecedem e facilitam o comportamento sexualmente agressivo, de tal forma que factores relacionados com culpa ou empatia pela vítima não são suficientes para inibir o seu efeito. A hostilidade foi ainda relacionada com o maior número de recidivas em agressores sexuais, particularmente em abusadores sexuais de crianças intra e extra familiares, comparativamente aos violadores e agressores sexuais mistos (Firestone, Nunes, Moulden, Broom, & Bradford, 2005). Contudo, apesar dos estados emocionais de raiva e hostilidade surgirem frequentemente na literatura acerca dos mecanismos envolvidos na agressão sexual, não há evidência que um modelo concreto sobre a afectividade humana tenha sido estudado no âmbito deste tema. A implicação do modelo supra citado (Modelo Circular do Afecto; Watson & Tellegen, 1985) poderá ser uma alternativa ao estudo do papel desempenhado pelos estados emocionais e respectiva activação fisiológica nos comportamentos de agressão sexual.

1.6.5 Impulsividade

A relação entre impulsividade e agressão tem sido documentada de forma recorrente instituindo-se como um dos principais mecanismos responsáveis por problemas psicológicos e de conduta, estando na base de inúmeros fenómenos de criminalidade. A impulsividade enquanto conceito envolve aspectos cognitivos e comportamentais, que se referem à resposta rápida e desinibida dos indivíduos, independentemente das consequências (Sims, 1988), ou à demonstração de incapacidade para adiar gratificações (Leue, Brocke, & Hoyer, 2008; Monterosso & Ainslie, 1999). Segundo Berkowitz (2008), o comportamento anti-social resulta, em parte, da incapacidade de controlo de um certo comportamento após ele ter sido iniciado de forma involuntária. Estímulos situacionais despoletam o comportamento agressivo sem que posteriormente o sujeito seja capaz de inibir a sua acção. Este descontrolo inibitório caracteriza assim a acção dos indivíduos criminosos. As diversas teorias sobre os aspectos etiológicos dos crimes apontam a importância da impulsividade assumindo-a como um preditor das formas mais sérias de delinquência (Moffitt, Caspi, Harrington, & Milne, 2002). Para Patton, Stanford e Barratt (1995) a impulsividade é uma faceta da personalidade constituída por três substratos: 1) a impulsividade atencional que resulta da capacidade dos indivíduos focarem a atenção numa determinada tarefa; 2) a impulsividade motora relacionada com a tendência do indivíduo agir levando-se pelas circunstâncias do momento; 3) e a impulsividade de planeamento relacionada com a capacidade de planejar as acções e pensar de forma cuidadosa. Apesar da impulsividade caracterizar os indivíduos condenados por crimes, ela não caracteriza de forma homogénea todos os reclusos. De um modo geral, a acção destes indivíduos caracterizar-se-á por ser predominantemente impulsiva ou predominantemente premeditada, distribuindo assim por um *continuum* em que a maioria dos sujeitos enquadra-se no grupo “misto” (Standford, et al., 2003). Mais do que para diferenciar o tipo de crime, a impulsividade tem sido usada para diferenciar os reclusos agressivos daqueles não agressivos onde de facto se relaciona com a maior agressividade (Barratt, Stanford, Kent, & Felthous, 1997; James & Seager, 2006).

No caso dos crimes sexuais, os agressores sexuais têm sido descritos como indivíduos impulsivos (Ward, Hudson, & Keenan, 1998) embora se possam diferenciar entre si consoante o seu perfil. De facto, os agressores sexuais parafílicos aparentam menor impulsividade que os não parafílicos, planeando as suas investidas de forma a maximizar a sua experiência sexual (Leue, Brocke, & Hoyer, 2008). Quanto aos violadores, estes apresentam maior impulsividade relativamente aos homens normais (Giotakos, Markianos, Vaidakis, & Christodoulou, 2003). Apesar da impulsividade ser um mecanismo comum à maior parte dos crimes (Gottfredson, & Hirschi's, 1990), está ainda por esclarecer o seu papel na diferenciação entre agressores sexuais dada a heterogeneidade que caracteriza este tipo de indivíduos e os contextos onde eles actuam.

1.6.6 Modelo do Controlo Dual

O Modelo do Controlo Dual (Bancroft & Janssen, 2000) é um modelo teórico que foca a variabilidade individual com que homens e mulheres respondem sexualmente. Este modelo postula que o *arousal*¹ sexual e os comportamentos que naturalmente surgem dessa activação dependem do balanceamento entre processos de excitação e inibição sexual que ocorrem ao nível do SNC. Os modelos tradicionais conceptualizam o *arousal* sexual a partir de uma perspectiva unidimensional: há ou não activação fisiológica/sexual. Por sua vez, o *Dual Control Model* enfatiza o papel da inibição em que a resposta sexual pode estar, ou não, inibida, bem como o papel da excitação que pode igualmente estar, ou não, activada. Deste modo, ambos os processos, inibição e excitação, são considerados na forma como o indivíduo responde sexualmente na medida em que a sua resposta sexual será influenciada pelo balanceamento entre estes dois mecanismos. Enquanto dimensões traço, a inibição e a excitação sexual são portanto independentes/ortogonais, embora se possam influenciar mutuamente numa perspectiva estado. Contudo, os estudos têm focado essencialmente a sua dimensão traço (Janssen & Bancroft, 2006). Em suma, e no que diz respeito aos corolários deste modelo, destacamos os seguintes: 1) a

¹ O termo *arousal* está escrito na sua forma original para que se distinga do termo “excitação” já que este se reporta especificamente ao mecanismo de excitação e não ao processo de activação sexual que resulta deste mecanismo.

inibição neurobiológica da resposta sexual é um processo adaptativo entre as espécies, reduzindo a resposta sexual em determinadas situações onde a actividade sexual pode ser perigosa para o indivíduo já que o impede de agir apropriadamente; 2) a propensão para a inibição e excitação sexual é assim adaptativa excepto nos casos onde a elevada excitação, ou a reduzida inibição conduz a comportamento de risco sexual, do mesmo modo que a reduzida excitação ou a elevada inibição pode resultar em dificuldades sexuais; 3) apesar das dimensões contextuais definirem e condicionarem o comportamento sexual, o seu efeito é mediado por factores psicológicos e neurofisiológicos influenciados por factores genéticos e de aprendizagem precoce (Bancroft, Graham, Janssen, & Sanders, 2009). Ainda neste contexto, os mecanismos de excitação e inibição sexual são avaliados a partir de três dimensões: a dimensão da excitação sexual, a dimensão da inibição sexual devida ao medo da performance sexual (i.e., medo de falhar sexualmente), e a dimensão da inibição sexual devida às consequências (negativas) do comportamento sexual (i.e. consequências para a integridade física/psicológica tais como doenças sexualmente transmissíveis, gravidez indesejada, etc) (Janssen, Vorst, Finn, & Bancroft, 2002a). É possível que as duas últimas dimensões reflectam dois sistemas inibitórios distintos (Janssen, Vorst, Finn, & Bancroft, 2002b).

Este modelo e respectivas dimensões têm apresentado resultados interessantes no contexto da sua aplicação às disfunções sexuais (Bancroft & Janssen, 2000; Bancroft, et al., 2005) e aos comportamentos de risco sexual (Bancroft, Janssen, Strong, Carnes, & Long, 2003; Bancroft et al., 2004; Peterson, Janssen, & Heiman, 2010). No âmbito dos comportamentos de agressão sexual o seu papel foi apenas estudado por Peterson, Janssen e Heiman (2010) numa amostra de estudantes universitários onde ambas as dimensões da inibição sexual se relacionaram com a violência sexual. Tal como fora esperado pelos autores, a baixa inibição sexual devida às consequências negativas da actividade sexual (frequentemente relacionada com os comportamentos de risco sexual) foi um dos preditores da agressão, juntamente com a alta inibição devida ao medo da performance sexual (i.e., medo de falhar sexualmente). Se a primeira dimensão era expectável visto a agressão sexual poder ser uma forma de

comportamento de risco sexual, já o segundo resultado é, segundo os autores, contra-intuitivo. A inibição sexual deveria ajudar à inibição dos impulsos sexuais agressivos, sobretudo quando esta dimensão está associada a problemas de disfunção erétil (Bancroft & Janssen, 2000; Bancroft, et al., 2005). Para Peterson, Janssen e Heiman (2010) uma explicação plausível será a de que, ao anteciparem a ameaça de uma parca prestação sexual, estes indivíduos sintam necessidade de ter a actividade sexual imediatamente após a percepção de excitação sexual de forma a não perderem a capacidade de erecção. Por outro lado, ao coagirem sexualmente estão a evitar a avaliação da sua performance sexual que ocorreria num contexto normativo. Estes dados sugerem que os mecanismos de excitação e inibição sexual podem ter um papel no âmbito da violência sexual, embora esta relação deva ser clarificada. Adicionalmente, a importância destes mecanismos poderá vir a moldar o tipo de intervenção efectuada com agressores sexuais, nomeadamente voltando o foco para a terapia sexual.

1.7 Conclusão

Os comportamentos de agressão sexual fazem parte do objecto de estudo de diversas áreas científicas. No que diz respeito à Psicologia, o seu estudo debruça-se essencialmente sobre o impacto dos factores relacionados com a experiência desenvolvimental, com a personalidade, com os mecanismos cognitivos de processamento de informação, e mais concretamente, no âmbito da Sexologia, com a forma como os estímulos sexuais desviantes actuam na resposta sexual dos indivíduos agressores. De um modo geral, os estudos têm sido eficazes na forma como clarificam o fenómeno da violência sexual, embora existam áreas que se adivinham promissoras para a compreensão destes comportamentos/crimes. A agressão sexual exercida por indivíduos da comunidade, socialmente adaptados, passa frequentemente despercebida, remetendo-nos para a questão do impacto desses comportamentos nas respectivas vítimas. Por outro lado, existem linhas alternativas de investigação que poderão afigurar novas formas de conceptualizar a agressão sexual, possibilitando vias diferentes de intervenção junto dos indivíduos agressores. É

por esta razão que o presente trabalho se propõe a estudar o impacto dos mecanismos de inibição/excitação sexual, dos esquemas precoces mal adaptativos e de factores de personalidade (com foco no Modelo dos Cinco Factores e no Modelo Circular do Afecto) não só em agressores sexuais condenados, como também em indivíduos da comunidade que cometeram comportamentos de agressão sexual. Trata-se de factores de ordem disposicional (factores dinâmicos estáveis), com potencial valor etiológico e de manutenção dos comportamentos de violência sexual, podendo assumir relevância na conceptualização e intervenção dos casos de agressão sexual. Modelos tais como o *Five Factor Model* assumem um papel de relevo na literatura tradicional da Psicologia, oferecendo assim uma base conceptual, potencialmente válida, para a compreensão do comportamento criminal em agressores sexuais, complementar às explicações com enfoque na psicopatia. Por outro lado, estes modelos (*Five Factor Model*, Modelo Circular do Afecto) poderão ajudar à compreensão da formação de traços psicopáticos, tantas vezes descritos como fazendo parte do perfil de personalidade destes indivíduos. Por sua vez a caracterização do perfil esquemático dos agressores sexuais, com base numa perspectiva desenvolvimental como é o caso dos EPM, contrasta e complementa os estudos efectuados no âmbito das distorções cognitivas (cf. Ward, 2000 acerca dos estilos cognitivos que predispõem os indivíduos para a agressão sexual, pela forma como interpretam a natureza e comportamentos da vítima) focando a auto-percepção do agressor acerca de si, do mundo e das suas competências em vez das atribuições que faz acerca da vítima. Deste modelo (*Schemas-Focused Therapy*; Young, Klosko, & Weishaar, 2003) poderão surgir vias alternativas e complementares à tradicional terapia cognitiva efectuada com estes indivíduos. No que diz respeito à área da Sexologia, existe uma lacuna de modelos explicativos da agressão sexual. Nem todos os comportamentos de agressão sexual têm um fim sexual em si, mas é possível que hajam determinadas características do funcionamento sexual destes indivíduos que expliquem o seu comportamento criminal. O Modelo do Controlo Dual postula a existência de três substratos neurofisiológicos responsáveis pelo funcionamento sexual (excitação sexual, inibição sexual devida ao medo de falhar sexualmente e inibição sexual

devida às consequências do comportamento sexual) e que poderão ter implicações mais vastas para além de predizerem a resposta sexual masculina ou os comportamentos de risco sexual (áreas onde este modelo apresenta considerável suporte empírico).

Neste trabalho serão apresentados quatro estudos acerca dos factores supra citados e sua implicação em diferentes formas de violência sexual (violação, abuso sexual de menores e coação sexual perpetrada por estudantes universitários). Os estudos serão acompanhados de uma introdução teórica e da respectiva discussão de resultados. O estudo I (capítulo 3, *O Papel dos Esquemas Precoces Mal Adaptativos em Agressores Sexuais Condenados por Violação e Abuso Sexual de Menores*) versa sobre a importância das estruturas esquemáticas de origem precoce (EPM) na agressão sexual cometida por sujeitos condenados por crimes sexuais; o estudo II (capítulo 4, *Modelo dos Cinco Factores de Personalidade e Agressão Sexual*) visa a caracterização do perfil de personalidade de agressores condenados e estudantes universitários com história de coação sexual contra mulheres; o estudo III (capítulo 5, *Factores Dinâmicos na Agressão Sexual: o Papel do Afecto e da Impulsividade*) visa avaliar o papel da regulação emocional e comportamental também em agressores sexuais condenados e da comunidade; e o estudo IV (capítulo 6, *Análise de Trajectórias para um Modelo de Compreensão da Agressão Sexual em Estudantes Universitários: a Importância dos Défices de Desempenho e da Inibição Sexual*) tem o objectivo de analisar o papel dos factores relacionados com a incapacidade de desempenho e funcionamento sexual na agressão sexual cometida por estudantes universitários. Estes estudos serão precedidos pela descrição da metodologia utilizada (capítulo 2, *Metodologia*). O trabalho será finalizado com a *Discussão Geral* (capítulo 7) onde serão integrados os resultados dos quatro estudos e respectivas implicações.

Capítulo 2

Metodologia

Metodologia

Para a realização deste trabalho foram avaliados quatro grupos distintos de participantes: indivíduos condenados por crime de violação, indivíduos condenados por abuso sexual de menores, indivíduos da comunidade sem história de agressão sexual (grupo de controlo nos estudos comparativos com agressores sexuais condenados) e estudantes universitários (entre os quais se diferenciou aqueles com história de coação sexual contra mulheres). Se seguida será apresentada a caracterização sócio-demográfica destes indivíduos, os procedimentos efectuados para a recolha dos dados, a descrição dos instrumentos de avaliação utilizados, bem como a descrição dos procedimentos estatísticos. Será ainda feita referência a qual dos estudos (estudo I, II, III e IV) corresponde a respectiva metodologia (questionários utilizados, participantes, etc).

2.1 Participantes (estudos I, II e III – agressores sexuais condenados)

Nestes estudos participaram 32 homens condenados por violação e 31 homens condenados por abuso sexual de menores. Este último grupo foi avaliado de acordo com o foco do seu interesse sexual. Com base nesta avaliação (Seto & Lalumière, 2001) encontraram-se 2 indivíduos com preferência sexual predominantemente pedofílica (i.e., atracção sexual por crianças pré-púberes). Foram ainda avaliados 30 homens da comunidade constituindo o grupo de controlo. Relativamente à idade, os indivíduos da comunidade apresentaram uma idade média de 32 anos ($DP = 8.26$; $range = 23-53$), os indivíduos condenados por violação de 34 anos ($DP = 9.34$; $range = 20-58$) e os abusadores sexuais de crianças de 39 ($DP = 9.61$; $range = 22-58$). A média de idades não diferiu entre os grupos de agressores sexuais [$F(2.88) = 4.433$, $p = .148$], entre os homens normais e condenados por violação [$F(2.88) = 4.433$, $p = .982$] mas foi diferente entre os homens normais e aqueles condenados por abuso sexual de menores [$F(2.88) = 4.433$, $p < .05$]. A maioria dos sujeitos do grupo de controlo e condenados por violação eram solteiros (51.7% e 64.5% respectivamente), enquanto 42.9% dos indivíduos condenados por abuso sexual de menores eram casados e 17.9%

divorciados. No entanto, os grupos não foram significativamente diferentes ($\chi^2 = 8.78$; $df = 8$; $p = .362$). No que diz respeito às habilitações literárias, os homens da comunidade apresentaram significativamente mais anos de escolaridade relativamente aos indivíduos condenados por violação e abuso sexual de menores [$F(2.88) = 169.152$, $p < .001$]. Os agressores sexuais não diferiram entre si no número de anos de escolaridade [$F(2.88) = 169.152$, $p = .300$] (Tabela 1).

Tabela 1
Características sócio-demográficas.

	Controlo (n = 30)	Violação (n = 32)	ASM (n = 31)
Idade	<i>M</i> = 32a <i>DP</i> = 8.26 <i>range</i> = 23-53	<i>M</i> = 34ab <i>DP</i> = 9.34 <i>range</i> = 20-58	<i>M</i> = 39b <i>DP</i> = 9.61 <i>range</i> = 22-58
Estado Civil			
Solteiro	51.7%	64.5%	32.1%
Casado	37.9%	22.6%	42.9%
União Facto	3.4%	0%	3.6%
Divorciado	6.9%	9.7%	17.9%
Viúvo	0%	3.2%	3.6%
Escolaridade	<i>M</i> = 14a <i>DP</i> = 1.35 <i>range</i> = 12-15	<i>M</i> = 7b <i>DP</i> = 2.30 <i>range</i> = 4-12	<i>M</i> = 6b <i>DP</i> = 2.06 <i>range</i> = 4-12

Nota: As médias assinaladas com letras diferentes diferem significativamente entre si.

2.2 Contexto Penal

No que diz respeito ao contexto penal dos indivíduos condenados por violação e abuso sexual de menores, apresentamos os seguintes dados¹ (Tabela 2):

Tabela 2:

¹ Os indicadores apresentados na tabela 2 não estavam descritos na totalidade dos processos consultados. A informação apresentada nesta secção não permite assim caracterizar o contexto criminal de todos os indivíduos condenados que foram avaliados no âmbito deste trabalho.

Características do contexto penal.		
	Violação	ASM
Contexto penal		
Condenado	32 (100%)	31 (100%)
Inimputável	-	-
Relação com vítima		
Intra-familiar	4 (16.7%)	19 (73.1%)
Extra-familiar	20 (83.3%)	7 (26.9%)
Conhecida	12 (46.2%)	24 (96%)
Desconhecida	14 (53.8%)	1 (4%)
Nº de vítimas		
1	25 (89.3%)	21 (80.8%)
2	-	4 (15.4%)
3	1 (3.6%)	1 (3.8%)
8	2 (7.1%)	-
Tipo de coação		
Física	9 (36%)	5 (38.5%)
Psicológica	4 (3.1%)	7 (53.8%)
Sequestro	3 (12%)	-
Armas	12 (48%)	1 (7.7%)
Consequências na vítima		
Ferimentos graves	15 (75%)	3 (10.3%)
Morte	5 (25%)	-
Crimes não sexuais		
Sim	20 (64.5%)	6 (22.2%)
Não	11 (35.5%)	21 (77.8%)

2.3 Participantes (estudos II, III e IV – agressores sexuais não condenados)

Estes estudos foram efectuados junto de estudantes universitários do sexo masculino. Participaram 108 estudantes, 37 dos quais cometeram alguma forma de abuso sexual no passado. Mais concretamente, 91.9% considerou que acariciou, beijou ou roçou-se contra as partes íntimas de alguém, ou tirou

algumas das suas roupas sem o seu consentimento, 45.9% fez sexo oral a alguém ou teve alguém a fazer-lhe sexo oral, sem o seu consentimento, 43.2% colocou o pénis, dedos ou objectos na vagina de uma mulher sem o seu consentimento, 35.1% colocou o pénis, dedos ou objectos no ânus de alguém sem o seu consentimento, 43.2% tentou ter sexo oral ou forçá-lo a ter sexo oral consigo sem o seu consentimento; 43.2% tentou colocar pénis, dedos ou objectos na vagina de uma mulher sem o seu consentimento e 35.1% tentou colocar pénis, dedos ou objectos no ânus de alguém sem o seu consentimento. As estratégias utilizadas foram as seguintes: dizendo mentiras, ameaçar acabar com a relação, fazer promessas que são mentiras (...), 41%; mostrando descontentamento com a relação, criticando a sexualidade e atracção da companheira (...), 43.6%; tirando vantagem quando elas estavam muito bêbadas (...), 51.3%; ameaçando magoá-las fisicamente ou alguém relacionado com elas (...), 5.1%; usando força, prendê-las com o peso do corpo, segurando os braços ou usando arma (...), 7.7%. Estes comportamentos foram efectuados contra mulheres, e todos os estudantes consideraram nunca ter violado alguém. A frequência de comportamentos sexualmente abusivos não teve relação com a desejabilidade social ($r = -.09$, $p = .310$). A média de idades (estudantes não agressores: $M = 23.6$ $DP = 5.40$; estudantes agressores: $M = 23.9$, $DP = 5.4$, $t = .25$, $df = .106$, $p = .80$) e o estado civil ($\chi^2 = .266$; $df = 2$; $p = 2.65$) não diferiram entre os grupos (Tabela 3).

Tabela 3
Características sócio-demográficas.

	Grupo não Agressor (n = 71)	Grupo Agressor (n = 37)
Idade	$M = 23.6$ $DP = 5.40$ <i>range</i> = 19-50	$M = 23.9$ $DP = 5.36$ <i>range</i> = 18-43
Estado Civil		
Solteiro	90%	91.7%
Casado	8.6%	2.8%
Divorciado	1.4%	5,6%

União Facto	0%	0%
Viúvo	0%	0%

Nota: todos os participantes frequentam o ensino superior.

2.4 Procedimentos (estudos I, II e III – agressores sexuais condenados)

Os indivíduos condenados por crimes sexuais foram avaliados em 7 estabelecimentos prisionais nacionais devidamente autorizados pela Direcção Geral dos Serviços Prisionais (E. P. de Santa Cruz do Bispo, E. P. de Aveiro, E. P. de Coimbra, E. P. de Custóias, E. P. Paços de Ferreira, E. P. Vale do Sousa e E. P. da Guarda). A participação foi voluntária, consistindo no preenchimento de questionários de forma privada, sob a supervisão da investigadora. Os ficheiros judiciais foram consultados para averiguação do tipo de crime. O grupo de controlo foi recrutado junto da comunidade, tratando-se de uma amostra de conveniência. Estes participantes preencheram um questionário adicional sobre a frequência de comportamentos de coação sexual (SES, Koss, et al., 2007) para que se pudessem excluir indivíduos da comunidade que tivessem perpetrado alguma forma de abuso sexual. Os sujeitos preencheram os questionários devolvendo-os em envelopes fechados. Os participantes não tiveram qualquer tipo de recompensa pela participação no estudo.

2.5 Procedimentos (estudos II, III e IV – agressores sexuais não condenados)

Os estudantes foram recrutados numa universidade Portuguesa, após publicitado o estudo junto da comunidade estudantil. Os alunos que decidiram colaborar preencheram os questionários individualmente sob a garantia de anonimato. Os participantes deram o seu consentimento informado e não receberam qualquer recompensa pela participação no estudo.

2.6 Instrumentos

2.6.1 Escala para Avaliação do Interesse Pedofílico (SSPI; estudos I, II e III – agressores sexuais condenados).

A preferência sexual por menores confirmada falometricamente relaciona-se com a presença de vítimas masculinas, múltiplas vítimas, vítimas mais novas (11 anos ou menos) e extrafamiliares. Neste sentido, a escala para avaliação do interesse pedofílico (SSPI; Seto & Lalumière, 2001) é um instrumento constituído por 4 itens que avaliam a presença ou ausência destas condições, permitindo identificar o interesse sexual do agressor abusador de menores sem se recorrer à avaliação psicofisiológica. É preenchida com base nos registos judiciais onde se encontram descritas as características da vítima e do crime. Pontuações mais elevadas indicam interesse sexual pedofílico (ponto corte = .39).

2.6.2 Questionário de Experiências Sexuais - forma perpetração (SES; estudos I, II, III e IV – amostra comunitária e estudantes).

Este questionário (SES, Koss, et al., 2007) avalia a frequência com que o sujeito efectuou comportamentos de coação sexual. Estes comportamentos ocorrem num *continuum* cujo extremo reproduz a definição legal de violação ou tentativa de violação. Neste sentido, é avaliada, a partir de 7 itens, a ocorrência de comportamentos tais como “acariciar, beijar, ou tirar as roupas de alguém sem o seu consentimento” ou “colocar pénis ou objectos na vagina de outra mulher sem o seu consentimento” simultaneamente à avaliação das estratégias utilizadas, tais como, “dizendo mentiras, ameaçar acabar com a relação, fazer promessas que são mentiras” ou “ameaçando magoá-las fisicamente ou alguém relacionado com elas”. O sujeito deverá indicar a ocorrência com que efectuou este tipo de comportamentos quer no último ano, quer desde os 14 anos de idade. Trata-se de um instrumento que visa ser aplicado em contexto comunitário e não prisional. A versão original apresentou boas características psicométricas: *alpha de Cronbach* = .89 e coeficiente teste-reteste de .93 (Kolivas & Gross, 2007). O estudo efectuado junto de uma amostra de estudantes Portugueses mostrou igualmente boas características psicométricas: *alpha de Cronbach* = .86 e coeficiente teste-reteste de .70 (Carvalho & Nobre, dados não publicados).

2.6.3 Escala de Resposta Socialmente Desejável (SDRS-5; estudos I, II, III e IV – todos os participantes).

Esta medida avalia a tendência do participante para responder de forma socialmente desejável e pode ser usada como covariável em análises de estatística multivariada (SDRS-5; Hays, Hayashy, & Stewart, 1989). A escala contém 5 itens (*alpha* de Cronbach=.68). Apenas respostas de valor extremo são consideradas como socialmente desejáveis (Hays, Hayashy, & Stewart, 1989).

2.6.4 Questionário de Esquemas de Young (YSQ-S3; estudo I e IV).

O questionário de esquemas de Young (YSQ-S3; Young, 2005) é constituído por 90 itens de auto-relato que avaliam a presença de 18 EPMS. Os 18 esquemas agrupam-se em 5 domínios gerais: 1) distanciamento e rejeição (engloba os esquemas de abandono/instabilidade, desconfiança/abuso, privação emocional, defeito/vergonha e isolamento social/alienação), 2) autonomia e desempenho deteriorados (engloba os esquemas de dependência/incompetência, vulnerabilidade ao mal, emaranhamento/eu subdesenvolvido e fracasso), 3) limites deteriorados (constituído pelos esquemas de grandiosidade/limites indefinidos, auto-controlo e auto-disciplina insuficientes), 4) influência dos outros (composto pelos esquemas de subjugação, auto-sacrifício e procura de aprovação/reconhecimento) e 5) sobrevigilância e inibição (engloba os esquemas de negativismo/pessimismo, inibição emocional/controlo excessivo, padrões rígidos/hipercriticismo e punição). A versão Portuguesa apresenta uma estrutura factorial compatível com a original, evidenciando boas características psicométricas. O *alpha* de Cronbach para a totalidade dos itens é de .97 e a fidelidade teste-reteste de .86, apresentando forte associação com outras medidas de psicopatologia geral (Rijo, 2009).

2.6.5 Breve Inventário de Sintomas (BSI; estudo I).

O breve inventário de sintomas (BSI; Derogatis & Spencer, 1982) é um instrumento de auto-relato constituído por 53 itens que visa avaliar a presença de sintomatologia psicopatológica e ajustamento emocional a partir de nove dimensões: somatização, depressão, hostilidade, ansiedade, ansiedade fóbica, psicoticismo, obsessivo-compulsivo, ideação paranóide e sensibilidade interpessoal. A sua versão original apresenta boas características psicométricas

cujo *alpha* de Cronbach varia entre .71 (psicoticismo) e .85 (depressão) (Derogatis & Spencer, 1982). Os estudos psicométricos efectuados com uma amostra portuguesa indicam que este instrumento apresenta níveis de consistência interna entre 0.62 (psicoticismo) e 0.80 (somatização); e coeficientes teste-reteste entre 0.63 (ideação paranóide) e 0.81 (depressão), sendo eficaz em discriminar sujeitos emocionalmente instáveis (Canavarro, 1999).

2.6.6 Inventário de Personalidade dos Cinco Factores (NEO-FFI; estudo II).

O inventário de personalidade dos cinco factores (NEO-FFI; Costa & McCrae, 1992) é uma versão reduzida do NEO-PI-R (Costa & McCrae, 1992) constituída por 60 itens de auto-resposta que permite avaliar os cinco domínios gerais da personalidade: neuroticismo, extroversão, abertura, amabilidade e conscienciosidade. Apresenta boas características psicométricas: *alpha* de Cronbach entre .86 e .95; fidelidade teste-reteste entre .63 e .81 (Costa & McCrae, 1992). A análise factorial confirmatória efectuada a partir da versão Portuguesa replicou as cinco subescalas originais. Os *alpha* de Cronbach variaram entre .69 (abertura) e .81 (conscienciosidade) (Magalhães et al., *in press*).

2.6.7 Escala de Afecto Positivo e Negativo (PANAS; estudo III).

A escala de afecto positivo e negativo (PANAS; Watson, Clark, & Tellegen, 1988) é um instrumento de auto-relato que visa avaliar o afecto positivo e negativo a partir de um conjunto de 20 adjectivos (e.g., afecto positivo: interessado, excitado, orgulhoso; afecto negativo: envergonhado, aborrecido, nervoso). Os participantes deverão responder através de uma escala Likert (variando entre “muito pouco/quase nada” até “extremamente”) a forma como geralmente sentiram as respectivas emoções. Esta escala permite avaliar o afecto traço ou estado, alterando-se para isso a instrução dada aos participantes (traço caso sejam questionados acerca da forma como geralmente se sentem, e estado caso sejam questionados acerca de como se sentiram em determinado momento). A avaliação das dimensões faz-se de forma independente, pelo que

respostas elevadas numa das dimensões do afecto, não corresponderão necessariamente a respostas baixas na outra dimensão. O *alpha de Cronbach* foi de .89 para a subescala do afecto positivo e de .85 para a do afecto negativo na versão original. A versão Portuguesa do PANAS apresenta boas características psicométricas, com *alpha de Cronbach* de .86 para a escala do afecto positivo e .89 para a escala do afecto negativo (Galinha & Pais-Ribeiro, 2005).

2.6.8 Escala de Impulsividade de Barrat-11 (BIS-11; estudo III).

Esta escala (BIS-11; Patton, Stanford & Barratt, 1995) é constituída por 30 itens de auto resposta que avaliam o conceito de impulsividade mediante três subescalas: a impulsividade atencional que resulta da capacidade dos indivíduos focarem a atenção numa determinada tarefa; a impulsividade motora relacionada com a tendência do indivíduo agir levando-se pelas circunstâncias do momento; e a impulsividade de planeamento relacionada com a capacidade de planejar as acções e pensar de forma cuidadosa. A consistência interna para a escala total é de .82 numa amostra estudantil, .83 numa amostra de doentes psiquiátricos e .80 numa amostra de reclusos. Estudos psicométricos efectuados com uma amostra de estudantes Portugueses mostraram uma estrutura factorial composta por dois factores: impulsividade motora e de planeamento (dimensão relacionada com a tendência do indivíduo agir levando-se pelas circunstâncias do momento, não ponderando as suas decisões ou planeando as acções); e impulsividade cognitiva (dimensão caracterizada pela dificuldade de concentração mediante tarefas e pela falta de controlo sobre os pensamentos). A consistência interna para a primeira dimensão foi de .80 e para a segunda de .75. A fidelidade teste-reteste foi de .78 (Carvalho & Nobre, dados não publicados).

2.6.9 Escalas de Inibição/Excitação Sexual (SIS/SES-Scales; estudo IV)

As escalas de inibição/excitação sexual (SIS/SES; Janssen, Vorst, Finn, & Bancroft, 2002) são constituídas por 45 itens de auto-resposta. Estes itens avaliam a propensão para a excitação sexual (SES) (e.g., “Quando vejo fotografias eróticas facilmente fico sexualmente excitado”, “Quando falo ao telefone com alguém que tem uma voz sensual fico sexualmente excitado”), para

a inibição sexual devido à ameaça de falhanço sexual (SIS1) (e.g., “Assim que consigo uma erecção, quero iniciar a penetração de imediato antes que perca a erecção”, “Se sinto que esperam de mim uma resposta sexual, tenho dificuldade em ficar excitado”) e para a inibição sexual devido às consequências da performance sexual (SIS2) (e.g., “Se me apercebo que há risco de contrair uma doença sexualmente transmissível, é provável que não permaneça sexualmente excitado”, “Se há o risco de gravidez indesejada, é provável que não fique sexualmente excitado”). As escalas apresentam boa consistência interna: SES, .89; SIS1, .81; SIS2, .73. A fidelidade teste-reteste variou entre .76 (SES), .67 (SIS1) e .74 (SIS2) (Janssen, Vorst, Finn, & Bancroft, 2002). Os estudos efectuados com uma amostra Portuguesa apresentaram igualmente boas características psicométricas (Quinta-Gomes et al., manuscrito em preparação).

2.7 Procedimentos estatísticos

2.7.1 Estudo I, O Papel dos Esquemas Precoces Mal Adaptativos em Agressores Sexuais Condenados por Violação e Abuso Sexual de Menores

Foi efectuada uma MANCOVA para a avaliação do efeito dos grupos nos 5 domínios gerais dos esquemas. Posteriormente utilizaram-se diversas MANOVAS para a avaliação das diferenças entre os grupos considerando os esquemas que compõem cada domínio. O ajustamento emocional avaliado a partir do BSI, a deseabilidade social, a idade e o número de anos de escolaridade (estas duas últimas variáveis por diferirem de forma significativa entre os grupos) foram introduzidos como covariáveis para que o seu efeito pudesse ser igualmente controlado. Foi ainda utilizada a correcção de Bonferroni para a determinação da significância estatística (Larzelere & Mulaik, 1977). Valores iguais ou inferiores a .01 ($p < .01$) foram considerados estatisticamente significativos.

2.7.2 Estudo II, Modelo dos Cinco Factores de Personalidade e Agressão Sexual

Na parte 1 (agressores sexuais condenados) foram efectuadas MANCOVAS para a avaliação do efeito grupo (homens normais x homens condenados por violação x homens condenados por abuso sexual de menores)

nas cinco dimensões gerais da personalidade, tendo-se controlado o efeito da desejabilidade social, da idade e dos anos de escolaridade (as duas últimas variáveis por diferirem significativamente entre os grupos). Na parte 2 (agressores sexuais não condenados) foram efectuadas MANCOVAS para a avaliação do efeito grupo (estudantes normais x estudantes com história de violência sexual) nas dimensões do FFM, controlando-se o efeito da desejabilidade social. Foi ainda utilizada a correcção de Bonferroni para a determinação da significância estatística (Larzelere & Mulaik, 1977) nos testes univariados. Valores iguais ou inferiores a .01 ($p < .01$) foram considerados estatisticamente significativos.

2.7.3 Estudo III, Factores Dinâmicos na Agressão Sexual: o Papel do Afecto e da Impulsividade

Na parte 1 (agressores sexuais condenados) foram efectuadas MANCOVAS para a avaliação do efeito grupo (homens normais x homens condenados por violação x homens condenados por abuso sexual de menores) nas dimensões do afecto e da impulsividade, tendo-se controlado o efeito da desejabilidade social, da idade e dos anos de escolaridade (as duas últimas variáveis por diferirem significativamente entre os grupos). Na parte 2 (agressores sexuais não condenados) foram efectuadas MANCOVAS para a avaliação do efeito grupo (estudantes sem história de violência sexual x estudantes com história de violência sexual) nas dimensões do afecto e impulsividade, controlando-se, simultaneamente, o efeito da desejabilidade social.

2.7.4 Estudo IV, Análise de Trajectórias para um Modelo de Compreensão da Agressão Sexual em Estudantes Universitários: a Importância dos Défices de Desempenho e da Inibição Sexual

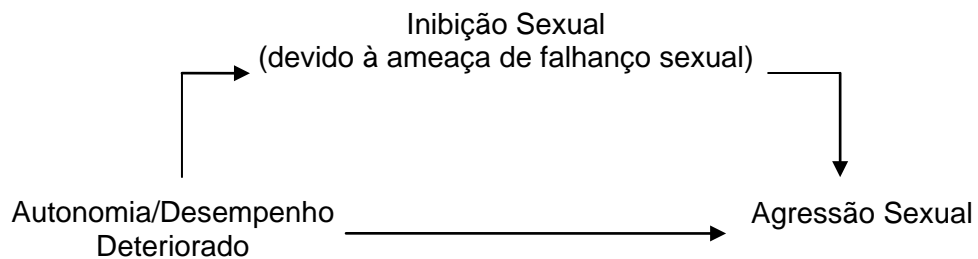
Foram efectuadas regressões múltiplas (método Enter) para se avaliar o impacto dos esquemas da dimensão autonomia/desempenho deteriorados (Questionário de Esquemas de Young) e das escalas de excitação/inibição sexual (SES, SIS1e SIS2) na agressão sexual. Para se avaliar a agressão sexual considerou-se a frequência com que ocorreram as diferentes formas de violência sexual (Questionário de Experiências Sexuais). Foi utilizada a correcção de

Bonferroni para a determinação da significância estatística dos preditores (Larzelere & Mulaik, 1977). Valores iguais ou inferiores a .01 ($p < .01$) foram considerados estatisticamente significativos no caso dos esquemas; valores iguais ou inferiores a .02 ($p < .02$) foram considerados estatisticamente significativos no caso das escalas SIS/SES.

Posteriormente foi efectuada uma análise de trajectórias (usando o modelo de regressão linear) de forma a ser avaliado não só o efeito directo dos esquemas na agressão sexual, mas também o efeito destes na resposta sexual e da interacção esquemas/resposta sexual na agressão sexual. O modelo proposto (Figura 1) sugere que a agressão sexual é prevista por esquemas relacionados com a autonomia e desempenho deteriorados, que estes predizem de forma significativa a inibição sexual devido à ameaça de falhar sexualmente, e que esta inibição poderá mediar a relação entre os esquemas e a agressão sexual, desempenhando um papel preponderante nesta forma de comportamento sexual.

Figura 1:

Agressão sexual em estudantes universitários: modelo acerca dos défices de desempenho e inibição sexual.



Capítulo 3

Estudo I: O Papel dos Esquemas Precoces Mal
Adaptativos em Agressores Sexuais
Condenados por Violação e Abuso Sexual de
Menores

Estudo I

O Papel dos Esquemas Precoces Mal Adaptativos em Agressores Sexuais Condenados por Violação e Abuso Sexual de Menores

3.1 Introdução

De acordo com Young (1999), os métodos cognitivo-comportamentais mostraram-se insuficientes na abordagem aos problemas de longa duração como é o caso das perturbações da personalidade. O autor (1990, 1999) propôs uma alternativa teórico-prática que melhor se adequasse aos indivíduos cujas características de personalidade os tornam menos adaptados ao seu quotidiano e às suas relações interpessoais. É neste contexto que surge o conceito de esquema precoce mal adaptativo (EPM) enquanto entidade chave na conceptualização do comportamento disfuncional de longa data e seu tratamento. Um EPM é um tema ou padrão estável com uma componente cognitiva e emocional mas também sensorial, que engloba as memórias do sujeito. É desenvolvido durante a infância ou adolescência a partir de necessidades emocionais que não foram correspondidas e a sua activação conduz a respostas disfuncionais. Young (Young, Klosko, & Weishaar, 2003) propõe 18 EPMs divididos por cinco domínios gerais: 1) Distanciamento e Rejeição (indivíduos caracterizados pelos esquemas deste domínio são incapazes de formar vínculos seguros e satisfatórios, acreditando que as necessidades de amor e pertença não serão satisfeitas); 2) Autonomia e Desempenho Deteriorados (os indivíduos caracterizados pelos esquemas deste domínio apresentam dificuldades em tornarem-se autónomos e funcionalmente independentes das suas famílias de origem); 3) Limites Deteriorados (dimensão em que os sujeitos se caracterizam pela ausência de disciplina e respeito pelos outros); 4) Influência dos Outros (domínio cujos esquemas caracterizam pessoas que sobrepõem as necessidades dos outros às suas no sentido de corresponder às suas expectativas e terem por isso a sua aprovação); 5) Sobrevigilância e Inibição (engloba os esquemas relacionados com a contenção de sentimentos e impulsos de forma a obedecer a padrões rígidos de conduta garantindo uma boa *performance*).

Quando activados, os EPMs despoletam uma reacção de *coping* disfuncional que visa lidar com as consequências emocionais (i.e., afecto negativo) dessa activação (Young, Klosko, & Weishaar, 2003). Estes comportamentos de *coping* pouco adaptativos poderão ser desencadeados a partir de um processo de evitamento onde o sujeito procura não activar os esquemas (por exemplo, evitando a intimidade ou recorrendo a diversos parceiros sexuais), ou a partir de um mecanismo de sobre-compensação onde age em dissonância com os esquemas (por exemplo, abusando dos outros caso ele próprio tenha sido abusado) (Young, Klosko, & Weishaar, 2003). Estes esquemas estão relacionados com inúmeras dificuldades emocionais e interpessoais (McGinn & Young, 1996).

Este enquadramento teórico tem vindo a destacar-se no âmbito da conceptualização dos problemas comportamentais de longa duração e das perturbações da personalidade. Contudo, a sua aplicação ao fenómeno da delinquência e comportamentos desviantes é ainda escassa e incipiente, nomeadamente no que diz respeito à agressão sexual. A importância da aplicação deste modelo conceptual à agressão sexual reside não só no auxílio à compreensão destes comportamentos, mas também na possibilidade de criação de um novo campo de intervenção junto dos agressores sexuais. Por outro lado, têm sido efectuados estudos importantes acerca da relação entre esquemas relacionados com a natureza da vítima (i.e., as atribuições que o agressor faz acerca da vítima) e agressão sexual. Estes estudos exploram de que forma estes esquemas determinam as distorções cognitivas dos agressores sexuais, e como estes estilos cognitivos predis põem os indivíduos para a agressão sexual (Ward, 2000). Por exemplo, os violadores foram caracterizados por esquemas de poder, controlo, sexualização e hostilidade/desconfiança face a mulheres (Milner & Webster, 2005; Polaschek & Ward, 2002). Os EPMs compreendem tópicos relacionados com o quotidiano emocional e interpessoal do sujeito em vez de teorias implícitas acerca da natureza da vítima. Consequentemente, a teoria focada nos esquemas poderia mostrar como pressupostos básicos acerca do *self*, dos outros e do mundo, predis põem os indivíduos para a violência sexual. Por exemplo, Miner e Webster (2005) analisaram autobiografias de agressores

sexuais de menores relativamente às suas crenças acerca do mundo, dos outros e dos próprios. Os autores verificaram que os agressores de menores percepcionavam-se como indivíduos sem valor, com uma atitude derrotista perante a vida. Um dos poucos estudos efectuados na área dos EPMS mostrou que os agressores sexuais, juntamente com agressores condenados por violência contra mulheres (que não sexual) apresentaram maior variabilidade de EPMS (em 4 avaliações divididas por aproximadamente 3 semanas) relativamente aos indivíduos da comunidade (Baker & Beech, 2004). Os autores consideraram que esta variabilidade se relaciona com múltiplas representações do *self* e do meio ambiente. Já Richardson (2005) verificou que agressores sexuais adolescentes com vítimas da sua faixa etária ou adultas apresentaram mais esquemas relacionados com a não obediência de regras, com auto-controlo e disciplina insuficiente e inibição emocional, em comparação com adolescentes agressores cujas vítimas foram crianças. Um estudo efectuado recentemente a partir de uma amostra de estudantes universitários constatou que os estudantes que perpetraram ofensas sexuais contra vítimas do sexo feminino apresentavam maior incidência dos domínios distanciamento/rejeição e autonomia/desempenho deteriorados relativamente aos estudantes não agressores (Leirós, Carvalho, & Nobre, manuscrito submetido para publicação).

Apesar de escassas, surgem algumas evidências de que os EPMS poderão desempenhar um papel importante na agressão sexual. A agressão sexual poderia ocorrer em resposta à activação de esquemas específicos, constituindo-se como um mecanismo de *coping* disfuncional. Aliás, esta relação funcional entre *coping* e agressão sexual tem sido já descrita (Marshall W. L., & Marshall, L. E., 2000). Assim, mediante a incapacidade em estabelecer relações interpessoais e sexuais adequadas (Lee, Pattison, Jackson, & Ward, 2001), a forma abusiva de agir sexualmente poderá ser a via possível para a expressão sexual destes indivíduos.

Este estudo tem por objectivo avaliar a implicação dos EPMS em agressores sexuais condenados, contribuindo para o alargamento da conceptualização destes comportamentos ao modelo proposto por Young (1990, 1999). Uma vez que os comportamentos de abuso sexual poderão surgir como

resposta de *coping* à activação dos esquemas, colocámos como hipótese que os agressores sexuais apresentam mais esquemas nomeadamente ao nível dos domínios Distanciamento/Rejeição, Autonomia/Desempenho Deteriorado e Limites Deteriorados (mesmo após controlado o ajustamento emocional). Tendo em conta os estudos anteriores efectuados com agressores sexuais juvenis (Richardson, 2005) e estudantes (Leirós, Carvalho, & Nobre, manuscrito submetido para publicação), consideramos que os dois primeiros domínios caracterizam os agressores sexuais pelo seu impacto na capacidade de estabelecer laços emocionais e na percepção de desempenho (nomeadamente desempenho interpessoal); e que o último domínio caracteriza estes indivíduos pela sua relação com o desrespeito pelos direitos dos outros.

3.2 Metodologia

Participantes

Neste estudo participaram 32 homens condenados por violação e 31 homens condenados por abuso sexual de menores. Foram ainda avaliados 30 homens da comunidade constituindo o grupo de controlo (descrição no capítulo 2, *Metodologia*).

Procedimentos

Os indivíduos condenados por crimes sexuais foram avaliados em 7 estabelecimentos prisionais nacionais devidamente autorizados pela Direcção Geral dos Serviços Prisionais (descrição no capítulo 2, *Metodologia*). A participação foi voluntária, consistindo no preenchimento de questionários de forma privada, sob supervisão da investigadora. Os ficheiros judiciais foram consultados para averiguação do tipo de crime. O grupo de controlo foi recrutado junto da comunidade, tratando-se de uma amostra de conveniência. Estes participantes preencheram um questionário adicional sobre a frequência de comportamentos de coação sexual (SES, Koss, et al., 2007). Nenhum reportou história de coação sexual pelo que não se excluíram sujeitos desta amostra de controlo.

Instrumentos (descrição e características psicométricas no capítulo 2, *Metodologia*)

1. Questionário de Esquemas de Young (YSQ-S3)
2. Breve Inventário de Sintomas (BSI)
3. Escala de Resposta Socialmente Desejável (SDRS-5)
4. Escala para Avaliação do Interesse Pedofílico (SSPI)
5. Questionário de Experiências Sexuais (forma perpetração)

3.3 Resultados

3.3.1 Domínios Gerais dos EPMs e Agressão Sexual

Foi efectuada uma MANCOVA para se averiguar o efeito do grupo (grupo controlo x homens condenados por violação x homens condenados por abuso sexual de menores) nos 5 domínios dos EPMs, controlando-se simultaneamente o efeito do ajustamento emocional (BSI), da desejabilidade social, da idade e dos anos de escolaridade. No que diz respeito às covariáveis, os resultados mostraram um efeito significativo para o ajustamento emocional (BSI) [*Wilks's* $\Lambda = .517$, $F(5,76) = 14.210$, $p < .001$, *partial* $\eta^2 = .48$], mas não para a desejabilidade [*Wilks's* $\Lambda = .945$, $F(5,76) = .888$, $p = .494$, *partial* $\eta^2 = .06$], idade [*Wilks's* $\Lambda = .905$, $F(5,76) = 1.592$, $p = .172$, *partial* $\eta^2 = .09$] ou anos de escolaridade [*Wilks's* $\Lambda = .876$, $F(5,76) = 2.157$, $p = .068$, *partial* $\eta^2 = .12$]. Após controlado o ajustamento emocional, verificou-se um efeito significativo dos grupos nos domínios gerais dos EPMs [*Wilks's* $\Lambda = .580$, $F(10,166) = 5.205$, $p < .001$, *partial* $\eta^2 = .24$], particularmente ao nível do domínio distanciamento/rejeição ($p < .001$; $\eta^2 = .17$), autonomia/desempenho deteriorados ($p < .001$; $\eta^2 = .26$), influência dos outros ($p < .01$; $\eta^2 = .11$) e sobrevigilância/inibição ($p < .001$; $\eta^2 = .24$). O domínio limites deteriorados não foi estatisticamente significativo ($p = .410$; $\eta^2 = .02$). Após correcção de Bonferroni ($p \leq .01$) os testes post hoc indicaram que os indivíduos condenados por abuso sexual de menores apresentaram mais esquemas que o grupo de controlo nos domínios distanciamento/rejeição (asm: $M = 74.87$, $DP = 3.16$; controlo: $M = 56.05$, $DP = 3.23$, $p < .001$), influência dos outros (asm: $M = 50.63$, $DP = 2.32$; controlo: $M = 40.09$, $DP = 2.37$, $p < .01$) e sobrevigilância/inibição (asm: $M = 747.33$, $DP = 2.79$; controlo: $M = 56.93$, $DP =$

2.86, $p < .001$). Adicionalmente, os indivíduos condenados por violação e abuso sexual de menores apresentaram mais esquemas que o grupo de controlo no domínio autonomia/desempenho deteriorados (violação: $M = 52.12$, $DP = 2.60$; asm: $M = 60.90$, $DP = 2.60$; controlo: $M = 40.60$, $DP = 2.66$, $p < .001$) (Tabela 4).

Tabela 4

Domínios gerais e agressão sexual: diferenças entre grupo de controlo, violação e abuso sexual de menores.

	Controlo (n = 30)	Violação (n = 32)	ASM (n = 31)	F (2.87)	p	η^2
Distanciamento/Rejeição	M = 56.05a DP = 3.23	M = 65.51ab DP = 3.16	M = 74.87b DP = 3.16	8.827	.000	.17
Autonomia/Desempenho Deteriorados	M = 40.60a DP = 2.66	M = 52.12b DP = 2.60	M = 60.90b DP = 2.60	15.111	.000	.26
Limites Deteriorados	M = 26.67 DP = 1.62	M = 26.96 DP = 1.59	M = 29.38 DP = 1.59	.901	.410	.02
Influência dos Outros	M = 40.09a DP = 2.37	M = 44.16ab DP = 2.32	M = 50.63b DP = 2.32	5.272	.007	.11
Sobrevigilância/Inibição	M = 56.93a DP = 2.86	M = 66.06ab DP = 2.80	M = 77.33b DP = 2.79	13.432	.000	.24

Nota: Para cada factor, as médias assinaladas com letras diferentes diferem significativamente entre si ($p < .01$; nível de significância calculado a partir da correcção de Bonferroni).

3.3.2 EPMs (Domínio Distanciamento/Rejeição) e Agressão Sexual

Foi efectuada uma MANOVA para se averiguar as diferenças significativas entre os grupos (grupo controlo x homens condenados por violação x homens condenados por abuso sexual de menores) no que diz respeito aos vários EPMs que compõem o domínio distanciamento/rejeição. Após correcção de Bonferroni ($p \leq .01$) os testes post hoc indicaram que os indivíduos condenados por abuso sexual de menores apresentaram mais esquemas de abandono (asm: $M = 17.58$, $DP = .90$; controlo: $M = 13.48$, $DP = .92$, $p < .01$), desconfiança (asm: $M = 17.27$, $DP = .79$; controlo: $M = 11.52$, $DP = .80$, $p < .001$) e defeito (asm: $M = 12.25$, $DP =$

.89; controlo: $M = 8.15$, $DP = .91$, $p < .01$) relativamente ao grupo de controlo (Tabela 5).

Tabela 5

EPMs (domínio distanciamento/rejeição) e agressão sexual: diferenças entre grupo de controlo, violação e abuso sexual de menores.

	Controlo (n = 30)	Violação (n = 32)	ASM (n = 31)	$F(2.87)$	p	η^2
Privação Emocional	$M = 10.71$ $DP = .95$	$M = 11.26$ $DP = .93$	$M = 14.50$ $DP = .93$	4.979	.009	.10
Abandono	$M = 13.48a$ $DP = .92$	$M = 16.10ab$ $DP = .90$	$M = 17.58b$ $DP = .90$	5.169	.008	.11
Desconfiança	$M = 11.52a$ $DP = .80$	$M = 14.07ab$ $DP = .79$	$M = 17.27b$ $DP = .79$	13.426	.000	.24
Isolamento Social	$M = 12.20$ $DP = .97$	$M = 12.70$ $DP = .95$	$M = 13.29$ $DP = .95$.334	.717	.01
Defeito	$M = 8.15a$ $DP = .91$	$M = 11.37ab$ $DP = .89$	$M = 12.25b$ $DP = .89$	5.659	.005	.12

Nota: Para cada factor, as médias assinaladas com letras diferentes diferem significativamente entre si ($p < .01$; nível de significância calculado a partir da correcção de Bonferroni).

3.3.3 EPMs (Domínio Autonomia/Desempenho Deteriorados) e Agressão Sexual

Foi efectuada uma MANOVA para se averiguar as diferenças significativas entre os grupos (grupo controlo x homens condenados por violação x homens condenados por abuso sexual de menores) no que diz respeito aos vários EPMs que compõem o domínio autonomia/desempenho deteriorados. Após correcção de Bonferroni ($p \leq .01$) os testes post hoc indicaram que os indivíduos condenados por violação e abuso sexual de menores apresentaram mais esquemas de fracasso (violação: $M = 13.17$, $DP = .99$; asm: $M = 12.85$, $DP = 1.04$; controlo: $M = 8.12$, $DP = 1.02$, $p < .01$), incompetência (violação: $M = 13.41$, $DP = .89$; asm: $M = 13.48$, $DP = .94$; controlo: $M = 8.37$, $DP = .92$, $p < .01$),

vulnerabilidade (violação: $M = 16.56$, $DP = .99$; asm: $M = 18.56$, $DP = .1.04$; controlo: $M = 10.50$, $DP = 1.02$, $p < .001$) e emaranhamento (violação: $M = 14.88$, $DP = .94$; asm: $M = 15.02$, $DP = .99$; controlo: $M = 8.28$, $DP = .97$, $p < .001$) relativamente ao grupo de controlo (Tabela 6).

Tabela 6

EPMs (domínio autonomia/desempenho deteriorados) e agressão sexual: diferenças entre grupo de controlo, violação e abuso sexual de menores.

	Controlo (n = 30)	Violação (n = 32)	ASM (n = 31)	$F(2.88)$	p	η^2
Fracasso	$M = 8.12a$ $DP = 1.02$	$M = 13.17b$ $DP = .99$	$M = 12.85b$ $DP = 1.04$	7.739	.001	.15
Incompetência	$M = 8.37a$ $DP = .92$	$M = 13.41b$ $DP = .89$	$M = 13.48b$ $DP = .94$	10.117	.000	.19
Vulnerabilidade	$M = 10.50a$ $DP = 1.02$	$M = 16.56b$ $DP = .99$	$M = 18.56b$ $DP = 1.04$	16.855	.000	.28
Emaranhamento	$M = 8.28a$ $DP = .97$	$M = 14.88b$ $DP = .94$	$M = 15.02b$ $DP = .99$	15.836	.000	.27

Nota: Para cada factor, as médias assinaladas com letras diferentes diferem significativamente entre si ($p < .01$; nível de significância calculado a partir da correcção de Bonferroni).

3.3.4 EPMs (Domínio Influência dos Outros) e Agressão Sexual

Foi efectuada uma MANOVA para se averiguar as diferenças significativas entre os grupos (grupo controlo x homens condenados por violação x homens condenados por abuso sexual de menores) no que diz respeito aos vários EPMs que compõem o domínio influência dos outros. Após correcção de Bonferroni ($p \leq .01$) os testes post hoc indicaram que os indivíduos condenados por abuso sexual de menores apresentaram mais esquemas de subjugação relativamente ao grupo de controlo (asm: $M = 14.59$, $DP = .81$; controlo: $M = 10.11$, $DP = .83$, $p < .01$) (Tabela 7).

Tabela 7

EPMs (domínio influência dos outros) e agressão sexual: diferenças entre grupo de controlo, violação e abuso sexual de menores.

	Controlo (n = 30)	Violação (n = 32)	ASM (n = 31)	F (2.87)	p	η^2
Subjugação	M = 10.11a DP = .83	M = 12.23ab DP = .81	M = 14.59b DP = .81	7.627	.001	.15
Auto-sacrifício	M = 15.64 DP = 1.51	M = 17.13 DP = 1.48	M = 18.61 DP = 1.48	1.011	.368	.02
Aprovação/reconhecimento	M = 14.35 DP = 1.05	M = 14.80 DP = 1.03	M = 17.43 DP = 1.03	2.692	.073	.06

Nota: Para cada factor, as médias assinaladas com letras diferentes diferem significativamente entre si ($p < .01$; nível de significância calculado a partir da correcção de Bonferroni).

3.3.5 EPMs (Domínio Sobrevigilância/Inibição) e Agressão Sexual

Foi efectuada uma MANOVA para se averiguarem as diferenças significativas entre os grupos (grupo controlo x homens condenados por violação x homens condenados por abuso sexual de menores) no que diz respeito aos vários EPMs que caracterizam o domínio supervigilância/inibição. Após correcção de Bonferroni ($p \leq .01$) os testes post hoc indicaram que os indivíduos condenados por abuso sexual de menores apresentaram mais esquemas de inibição emocional relativamente ao grupo de controlo (asm: M = 16.97, DP = .95; controlo: M = 12.40, DP = .97, $p < .01$) e mais pessimismo relativamente aos indivíduos condenados por violação e ao grupo de controlo (asm: M = 20.14, DP = .96; violação: M = 15.78, DP = .96; controlo: M = 12.84, DP = .98, $p < .001$). Adicionalmente, os indivíduos condenados por violação e abuso sexual de menores apresentaram mais esquemas de auto-punição relativamente ao grupo de controlo (violação: M = 17.22, DP = .74; asm: M = 19.44, DP = .71; controlo: M = 13.15, DP = .73, $p < .001$) (Tabela 8).

Tabela 8

EPMs (domínio supervigilância/inibição) e agressão sexual: diferenças entre grupo de controlo, violação e abuso sexual de menores.

	Controlo (n = 30)	Violação (n = 32)	ASM (n = 31)	<i>F</i> (2.87)	<i>p</i>	η^2
Inibição Emocional	<i>M</i> = 12.40a <i>DP</i> = .97	<i>M</i> = 14.79ab <i>DP</i> = .95	<i>M</i> = 16.97b <i>DP</i> = .95	5.721	.005	.12
Pessimismo	<i>M</i> = 12.84a <i>DP</i> = .98	<i>M</i> = 15.78a <i>DP</i> = .96	<i>M</i> = 20.14b <i>DP</i> = .96	14.906	.000	.26
Padrões Rígidos	<i>M</i> = 18.54 <i>DP</i> = .95	<i>M</i> = 18.27 <i>DP</i> = .93	<i>M</i> = 20.78 <i>DP</i> = .93	2.261	.110	.05
Auto-punição	<i>M</i> = 13.15a <i>DP</i> = .73	<i>M</i> = 17.22b <i>DP</i> = .74	<i>M</i> = 19.44b <i>DP</i> = .71	19.531	.000	.31

Nota: Para cada factor, as médias assinaladas com letras diferentes diferem significativamente entre si ($p < .01$; nível de significância calculado a partir da correcção de Bonferroni).

3.4 Discussão

Este estudo teve por objectivo avaliar o impacto dos EPMs na agressão sexual cometida contra vítimas adultas e crianças. De um modo geral, verificámos que os EPMs desempenham um papel predominantemente ao nível do abuso sexual de menores. Aliás, à excepção dos esquemas do domínio autonomia/desempenho deteriorados, foram escassas as diferenças encontradas entre os indivíduos da comunidade e aqueles condenados por violação. Este resultado sugere que o modelo teórico proposto por Young (1990, 1999) poderá ajudar à compreensão e conceptualização dos casos de abuso sexual infantil. Os EPMs desenvolvem-se a partir da experiência relacional com as principais figuras da vida da criança, consolidando-se ao longo do seu desenvolvimento mediante os inúmeros contactos interpessoais, mas também devido à forma pouco adaptativa com que o indivíduo lida com a activação dos esquemas. Esta activação propicia estratégias de *coping* disfuncionais que contribuem para diversas problemáticas ao nível dos Eixos I e II (Carine, 1997; Young, Klosko, & Weishaar, 2003; Schmidt, Joiner, Young, & Telch, 1995). Para além da sua implicação em problemas de ordem psicopatológica, os EPMs poderão estar também relacionados com comportamentos desviantes, nomeadamente com o abuso sexual de menores. Estes resultados contribuem assim para a

consolidação dos modelos de índole desenvolvimental (e.g., Marshall & Barbaree, 1990) que procuram compreender os fenómenos de agressão sexual à luz do impacto que as experiências interpessoais têm na definição do comportamento humano.

De um modo mais específico, verificámos que o domínio distanciamento/rejeição caracteriza essencialmente os indivíduos condenados por abuso sexual de menores. Trata-se de um domínio cujos indivíduos são incapazes de se relacionarem de forma segura e satisfatória com os demais, acreditando que as suas necessidades de pertença não serão satisfeitas (Young, Klosko, & Weishaar, 2003). Dentro deste domínio, os indivíduos condenados por abuso sexual de menores apresentaram significativamente mais esquemas de abandono, desconfiança e defeito, que reflectem um padrão de descrença face às intenções dos outros, receio de rejeição e abandono e de depreciação do próprio. Esta estrutura cognitiva poderá explicar parcialmente a manutenção de crimes sexuais contra menores já que o abuso sexual de crianças é uma forma de agir sexualmente que não requer intimidade ou competências de relacionamento interpessoal. Fora de uma relação adulta, os agressores de menores poderão evitar a rejeição percebida dos parceiros e prevenir a activação de esquemas de distanciamento/rejeição. Este tipo de abuso poderá também evitar os constrangimentos de uma relação adulta. Neste tipo de relação, o sujeito poderia ser exposto à avaliação do parceiro. Consequentemente, o abuso sexual contra menores poderá estar relacionado com um processo de evitamento (e.g., evitamento da activação de esquemas de defeito). Aliás, de acordo com Marshall (1989, 1993), a intimidade falhada nestes sujeitos resulta no isolamento social e no uso de estratégias disfuncionais para a obtenção da mesma junto de parceiros sexuais menos ameaçadores. Para o autor (1989), uma das formas de lidar com os défices na interacção social é procurar parceiros íntimos fora de uma relação normativa entre adultos. Esta parca intimidade no relacionamento com mulheres caracteriza frequentemente os abusadores sexuais de menores relativamente aos violadores (Underhill, Wakeling, Mann, & Webster, 2008).

O segundo domínio - autonomia/desempenho deteriorado - teve um papel considerável em ambos os grupos de agressores. Todos os esquemas na sua

forma individual diferenciaram os agressores condenados por violação e abuso sexual de menores do grupo de controlo. Este domínio geral caracteriza indivíduos com parca autonomia e indiferenciação relativamente às figuras parentais, que são incapazes de estabelecer e concretizar objectivos ao longo da vida (Young, Klosko, & Weishaar, 2003). Esta incapacidade tem relevância na formação e manutenção de vínculos entre adultos para os quais são necessárias competências sociais e de valorização pessoal, as quais parecem estar em falta nos sujeitos condenados por violação e abuso sexual de menores. Num estudo efectuado por Milner e Webster (2005), os autores também verificaram que os abusadores de crianças consideravam-se pessoas sem valor ou importância. Devido a estas limitações, a recorrência à violência poderá ser o meio mais rápido para que estes indivíduos usufruam de actividade sexual devido à antecipação de parco desempenho interpessoal e sexual. No caso dos abusadores sexuais de menores, a actividade sexual praticada com menores poderá mesmo evitar a activação destes esquemas já que não estará em causa a qualidade da sua *performance* sexual. O domínio esquemático autonomia/desempenho deteriorado é aquele com maior impacto no funcionamento sexual masculino, caracterizando homens com disfunção sexual relativamente àqueles sexualmente funcionais (Quinta-Gomes & Nobre, 2011). Este domínio está assim associado às dificuldades na *performance* sexual sugerindo que a agressão sexual possa ocorrer em resposta às dificuldades no desempenho interpessoal e sexual.

No que diz respeito ao quarto domínio – influência dos outros – os abusadores sexuais de menores foram aqueles que se destacaram, nomeadamente por apresentarem mais esquemas de subjugação. A subjugação é um esquema associado à manifestação de comportamentos passivo-agressivos, impulsividade e ausência de afectividade (Young, Klosko, & Weishaar, 2003). Uma forma de reduzir o impacto causado por este esquema é actuando de forma alternativa, contrariamente à experiência de subjugação sentida pelo sujeito. Trata-se de um mecanismo de sobre-compensação (um dos mecanismos de *coping* disfuncionais; cf. Young, Klosko, & Weishaar, 2003) que poderá caracterizar os indivíduos que perpetraram ofensas sexuais contra menores, nas quais passaram a ter o controlo sobre a vítima.

O domínio geral sobrevigilância/inibição teve igualmente um efeito significativo, nomeadamente no que diz respeito aos esquemas de inibição emocional (constrangimento da expressão emocional que caracteriza sujeitos emocionalmente ausentes e alienados) e pessimismo (foco predominante nos aspectos negativos da vida) (Young, Klosko, & Weishaar, 2003) que caracterizaram os indivíduos condenados por abuso sexual de menores. A inibição emocional não só poderá contribuir para as poucas competências sociais, como a visão pessimista poderá limitar as escolhas e acções destes indivíduos, ambos aspectos a considerar na reintegração social dos mesmos. Adicionalmente, ambos os grupos de agressores pontuaram de forma significativa no esquema de auto-punição (convicção de que as pessoas devem ser seriamente punidas pelos seus erros) relativamente aos normais. Uma vez que muitos destes indivíduos negam o crime cometido, este resultado poderá reflectir uma tentativa de agradabilidade, mas também a dissociação entre o *self* social e o *self* agressor. De acordo com Johnson (2007) estes indivíduos actuam no seu dia-a-dia não só de acordo com a sua faceta desviante, mas sobretudo de acordo com os seus restantes papéis sociais (e.g, marido, pais, trabalhador, etc), acreditando muitas vezes na sua inocência devido à discrepância entre o acto criminoso e os papéis normativos que desempenham regularmente junto da família e da sociedade alargada.

Surpreendentemente, o domínio limites deteriorados (dimensão em que os sujeitos se caracterizam pela ausência de disciplina e respeito pelos outros) não distinguiu os indivíduos condenados por crime de agressão sexual dos normais. Num estudo efectuado por Mann e Hollin (2010), os esquemas de domínio (esquemas relacionados com percepção de poder, controlo sobre os outros e violência) não diferenciaram os agressores sexuais dos controlos. Uma explicação possível é a de que os esquemas relacionados com estes tópicos não estão envolvidos na propensão para a agressão sexual, embora possam estar associados a outras formas de violência.

Relativamente às limitações do estudo, consideramos que seria importante a avaliação de um grupo de indivíduos condenados por crimes que não sexuais para que se pudesse averiguar a especificidade com que os EPMS caracterizam

os crimes sexuais. Seria importante clarificar se os resultados do presente estudo são generalizáveis a outros crimes pois caso isso se verifique estamos perante um modelo teórico com implicações para a criminalidade geral e não apenas sexual. Adicionalmente consideramos que a avaliação de comportamentos de violência sexual cometidos pela amostra da comunidade através de um instrumento de auto-relato poderá não ser totalmente acurada.

De um modo geral, os resultados deste estudo evidenciaram o papel da maioria dos EPMs ao nível do abuso sexual de menores, enquanto os indivíduos condenados por violação se caracterizaram sobretudo pelos esquemas relacionados com a autonomia/desempenho deteriorados. Os esquemas mais significativos relacionaram-se com temáticas acerca da desconfiança, defeito e incompetência percebidas por parte destes sujeitos, bem como da vulnerabilidade e apreensão sentidas nas suas rotinas diárias. A incapacidade de gerir relações interpessoais normais e satisfatórias poderá contribuir para que os comportamentos de abuso sexual de menores sejam a forma possível destes indivíduos concretizarem a sua sexualidade, impedindo a activação dos respectivos esquemas. De facto, de acordo com Barlow, Abel, Blanchard, Bristow e Young (1977), a agressão sexual resulta parcialmente da incapacidade em se estabelecer relacionamentos sexuais normais. A violação é assim vista como uma *perturbação do cortejar* (Freund, 1988), e a incompetência sócio-sexual como um factor de vulnerabilidade que justifica a procura sexual por meio da violência (Lee, Pattison, Jackson, & Ward, 2001).

A teoria dos esquemas (Young, 1990, 1999) poderá ser uma plataforma relevante para a conceptualização dos casos de agressão sexual e particularmente para os casos de abuso sexual infantil. Adicionalmente, poderia ser considerada nas abordagens terapêuticas efectuadas junto de agressores sexuais. As estruturas esquemáticas são reactivas durante o processo terapêutico (Berck & Andersen, 2000), ao longo do qual se verificou que a posição crítica do clínico facilita a flexibilização dos esquemas em agressores sexuais de menores (Drapeau, 2006). Consequentemente, a terapia focada nos esquemas (Young, 1990, 1999) poderá ser uma oportunidade para a reestruturação esquemática dos agressores e aquisição de estratégias de *coping* adaptativas.

Capítulo 4

Estudo II: Modelo dos Cinco Factores da Personalidade e Agressão Sexual

Estudo II

Modelo dos Cinco Factores da Personalidade e Agressão Sexual

4.1 Introdução

Os traços de personalidade têm a sua origem nos factores genéticos e ambientais. Juntamente com os factores do meio externo, os traços de personalidade determinam o comportamento humano de uma forma consistente ao longo do tempo e de variadas situações (Tellegen, 1991). Independentemente da sua origem, estes traços caracterizam o indivíduo e não o seu contexto, ao longo de todo o seu ciclo de vida (McCrae & Costa, 1996).

O Modelo dos Cinco Factores de Personalidade (FFM) organiza os traços de personalidade num sistema taxonómico cuja finalidade é guiar a investigação conduzida no campo da personalidade. Trata-se de um modelo descritivo que identifica os traços gerais da personalidade a partir dos termos verbais que as pessoas geralmente empregam para se descreverem a si e aos outros, e organiza-os numa estrutura hierárquica compreendida por cinco factores principais (Costa & Widiger, 2002). As pessoas têm traços que são estáveis na sua adultícia e que afectam a sua forma de pensar, sentir e agir. Estes traços podem ser organizados numa estrutura penta-factorial cujo valor empírico tem sido confirmado (McCrae & Costa, 1996). As dimensões gerais do FFM foram avaliadas em estudos efectuados a partir de questionários de auto-resposta (Costa & McCrae, 1985), estudos que avaliaram domínios linguísticos (John, Goldberg, & Angleitner, 1984) e estudos baseados em observações comportamentais (Peabody & Goldberg, 1989). A forte associação entre o comportamento observado e as cinco dimensões gerais, a replicação de cinco factores de personalidade em vários estudos e a partir de diversas metodologias (Digman, 1990; Goldberg, 1990), e a significativa estabilidade temporal (Costa & McCrae, 1988; McCrae & Costa, 1990) e cultural (Digman, 1990) destes factores,

sugerem que uma estrutura penta-factorial é um modelo adequado para a descrição das principais dimensões de personalidade.

Costa e McCrae (1985) desenvolveram um questionário (NEO-PI) que permitiu avaliar as cinco dimensões propostas como traços gerais de personalidade: 1) o neuroticismo (faceta relacionada com emocionalidade negativa, propensão para experimentar ansiedade, depressão, impulsividade, ou poucos recursos de *coping*, caracteriza pessoas que facilmente se aborrecem); 2) extroversão (faceta relacionada com a sociabilidade, pró-actividade e comportamento assertivo); 3) abertura (faceta relacionada com a abertura à experiência e novidade, caracteriza pessoas com diversidade de interesses, imaginativas e arrojadas); 4) amabilidade (faceta relacionada com a demonstração de bondade, confiança; o seu oposto é caracterizado pela postura contraditória dos indivíduos, rudeza e teimosia); 5) conscienciosidade (faceta relacionada com o raciocínio moral, ponderado, refere-se à perseverança e capacidade de trabalho e orientação de objectivos) (McCrae & Costa, 1987). Para além da caracterização da estrutura da personalidade, o FFM deveria ser utilizado para compreender de que forma esta estrutura influencia e condiciona o comportamento humano (McCrae & John, 1992).

Apesar da vasta literatura sobre o FFM, a sua aplicação ao campo da sexualidade é exígua. Segundo Eysenck (1976), o neuroticismo e a extroversão deveriam estar relacionados com o comportamento sexual: a extroversão estaria relacionada com maior número de parceiros sexuais, maior frequência de relações sexuais ou ainda maior diversidade no reportório sexual (comportamentos e atitudes); já o neuroticismo relacionar-se-ia com dificuldades sexuais, atitudes negativas face ao sexo ou um reportório limitado de experiências sexuais. Segundo Buss (1996), a menor abertura está relacionada com a sexualização dos outros (e.g., tratar os elementos do sexo oposto como objecto sexual). Este modelo foi mais recentemente estudado no contexto da sexualidade em áreas diversificadas, tais como, atitudes sexuais (Heaven, Fitzpatrick, Craig, Kelly, & Sebar, 2000), satisfação sexual (Donnellan, Conger, & Bryant, 2004) ou disfunções sexuais (Quinta-Gomes & Nobre, 2010). Pardue e Arrigo (2008) basearam-se na metodologia de estudo de caso para estudarem a caracterização

do perfil de personalidade de três tipologias de agressores sexuais com vítimas adultas: *power-reassurance* (agressor que se caracteriza por usar força mínima contra as vítimas e cuja agressão visa confirmar a sua masculinidade), *anger-retaliatory* (a agressão cometida por estes indivíduos é geralmente despoletada por eventos emocionais; recorrem a níveis maiores de violência) e *sadistic* (o sofrimento físico e psicológico da vítima resulta na excitação sexual destes indivíduos). Os autores (2008) constataram que a tipologia *power-reassurance* se caracterizou por níveis moderados/altos de amabilidade (o agressor é percebido como generoso) de conscienciosidade (tem uma carreira de sucesso, está atento aos detalhes do dia-a-dia), de abertura (apresenta níveis médios de inteligência), de extroversão (participa em várias actividades do foro social); já a tipologia *anger-retaliatory* apresentou os níveis mais elevados de extroversão, abertura elevada (excelente em contexto escolar), conscienciosidade alta e níveis baixos de amabilidade (verbalmente abusivo para com a família/amigos); o agressor da tipologia *sadistic* apresentou um perfil baixo em extroversão (solitário, alienado socialmente), em amabilidade, em conscienciosidade, mas com elevada abertura (aberto a novas experiências). Estes dados, embora baseados em apenas três estudos de caso, sugerem que as diversas facetas do FFM poderão estar relacionadas com diferentes formas de agressão sexual.

Apesar do FFM ser um dos modelos de personalidade mais descritos na literatura, o seu contributo para a compreensão dos comportamentos de agressão sexual é escasso. Por outro lado, os agressores sexuais são avaliados de acordo com as suas características de personalidade, mas sem que tal se baseie num modelo estruturado acerca das dimensões da personalidade. Desta forma, este estudo teve por objectivo avaliar o papel das dimensões do FFM (Costa & McCrae, 1985) na agressão sexual. Mais concretamente, procurou-se caracterizar, de acordo com este modelo, o perfil de agressores sexuais condenados (i.e., indivíduos condenados por crime de violação e abuso sexual de menores) e não condenados (i.e., estudantes universitários com história de coacção sexual). O recurso a um modelo estruturado de personalidade poderá ajudar à uniformização dos resultados entre diferentes estudos acerca do papel

da personalidade na agressão sexual, e poderá contribuir para as abordagens terapêuticas empreendidas na reabilitação destes sujeitos.

4.2 Metodologia

Participantes

Parte 1: agressores sexuais condenados.

Nesta primeira parte estudo (agressores sexuais condenados) participaram 32 homens condenados por violação e 31 homens condenados por abuso sexual de menores. Foram ainda avaliados 30 homens da comunidade constituindo o grupo de controlo (descrição no capítulo 2, *Metodologia*).

Parte 2: agressores sexuais não condenados

A segunda parte deste estudo (agressores sexuais não condenados) foi efectuada junto de estudantes universitários do sexo masculino. Participaram 108 estudantes, 37 dos quais cometeram alguma forma de abuso sexual no passado. Mais concretamente, 91.9% considerou que acariciou, beijou ou roçou-se contra as partes íntimas de alguém, ou tirou algumas das suas roupas sem o seu consentimento, 45.9% fez sexo oral a alguém ou teve alguém a fazer-lhe sexo oral, sem o seu consentimento, 43.2% colocou o pénis, dedos ou objectos na vagina de uma mulher sem o seu consentimento, 35.1% colocou o pénis, dedos ou objectos no ânus de alguém sem o seu consentimento, 43.2% tentou ter sexo oral ou forçá-lo a ter sexo oral consigo sem o seu consentimento; 43.2% tentou colocar pénis, dedos ou objectos na vagina de uma mulher sem o seu consentimento e 35.1% tentou colocar pénis, dedos ou objectos no ânus de alguém sem o seu consentimento (descrição no capítulo 2, *Metodologia*).

Procedimentos

Parte 1: agressores sexuais condenados

Os indivíduos condenados por crimes sexuais foram avaliados em 7 estabelecimentos prisionais nacionais devidamente autorizados pela Direcção Geral dos Serviços Prisionais (descrição no capítulo 2, *Metodologia*). O grupo de

controlo foi recrutado junto da comunidade, tratando-se de uma amostra de conveniência. Estes participantes preencheram um questionário adicional (SES, Koss, et al., 2007) sobre a frequência de comportamentos de coação sexual (critério de exclusão), sendo que nenhum reportou episódio de violência sexual.

Parte 2: agressores sexuais não condenados

Os estudantes foram recrutados numa universidade Portuguesa, após publicitado o estudo junto da comunidade estudantil. Os alunos que decidiram colaborar preencheram os questionários individualmente sob a garantia de anonimato. Os participantes deram o seu consentimento informado e não receberam qualquer recompensa pela participação no estudo.

Instrumentos (descrição e características psicométricas no capítulo 2, *Metodologia*)

1. Escala para Avaliação do Interesse Pedofílico (SSPI)
2. Questionário de Experiências Sexuais (forma perpetração)
3. Escala de Resposta Socialmente Desejável (SDRS-5)
4. Inventário de Personalidade dos Cinco Factores (NEO-FFI)

4.3 Resultados

4.3.1 Parte 1: Agressores Sexuais Condenados

Foi efectuada uma MANCOVA para se averiguar o efeito do grupo (grupo controlo x homens condenados por violação x homens condenados por abuso sexual de menores) nas cinco dimensões gerais da personalidade. Após controlada a desejabilidade social [*Wilks's* $\Lambda = .925$, $F(5,77) = 1.246$, $p = .296$, partial $\eta^2 = .08$], a idade [*Wilks's* $\Lambda = .938$, $F(5,77) = 1.024$, $p = .409$, partial $\eta^2 = .06$] e a escolaridade [*Wilks's* $\Lambda = .944$, $F(5,77) = .912$, $p = .478$, partial $\eta^2 = .06$] verificou-se um efeito significativo dos grupos nos cinco factores gerais [*Wilks's* $\Lambda = .703$, $F(10,168) = 3.237$, $p < .01$, partial $\eta^2 = .16$]. Os testes univariados indicaram que os diferentes grupos diferem significativamente nas dimensões de neuroticismo ($p < .01$, $\eta^2 = .13$) e abertura ($p < .001$, $\eta^2 = .18$). Após correcção de Bonferroni ($p \leq .01$), os testes post hoc indicaram que os indivíduos condenados

por violação e por abuso sexual de menores apresentaram significativamente mais neuroticismo relativamente ao grupo controlo (violação: $M = 26.21$, $DP = 1.31$; asm: $M = 26.36$, $DP = 1.37$; controlo: $M = 20.36$, $DP = 1.35$, $p < .01$). Adicionalmente, os indivíduos condenados por abuso sexual de menores apresentaram significativamente menos abertura relativamente ao grupo controlo (asm: $M = 22.03$, $DP = 1.02$; controlo: $M = 28.32$, $DP = 1.00$, $p < .001$) (Tabela 9).

Tabela 9

Domínios da personalidade e agressão sexual (condenados).

	Controlo		Violação		A.S.M		$F(2,88)$	p	η^2
	M	DP	M	DP	M	DP			
Neuroticismo	20.36a	1.35	26.21b	1.31	26.36b	1.37	6.469	.002	.13
Extroversão	29.60	1.04	27.23	1.00	28.02	1.05	1.382	.257	.03
Abertura	28.32a	1.00	25.63ab	.97	22.03b	1.02	9.725	.000	.18
Amabilidade	32.46	.97	30.63	.94	30.90	.98	1.062	.350	.02
Conscienciosidade	33.22	1.16	33.37	1.12	35.58	1.17	1.289	.281	.03

Nota: Para cada factor, as médias assinaladas com letras diferentes diferem significativamente entre si ($p < .01$; nível de significância calculado a partir da correcção de Bonferroni).

4.3.2 Parte 2: Agressores Sexuais não Condenados

Foi efectuada uma MANCOVA para se averiguar o efeito do grupo (estudantes sem história de violência sexual x estudantes com história de violência sexual) nas cinco dimensões gerais da personalidade. Após controlada a desejabilidade social [$Wilks's \Lambda = .884$, $F(5,101) = 2.655$, $p < .05$, $\text{partial } \eta^2 = .12$], verificou-se um efeito significativo do grupo ao nível dos cinco factores gerais [$Wilks's \Lambda = .857$, $F(5,101) = 3.361$, $p < .01$, $\text{partial } \eta^2 = .14$]. Os testes univariados indicaram que os grupos diferem significativamente nas dimensões de amabilidade ($p < .01$, $\eta^2 = .07$) e conscienciosidade ($p < .01$, $\eta^2 = .08$). Após correcção de Bonferroni ($p \leq .01$), os testes post hoc indicaram que os indivíduos com história de violência sexual apresentaram significativamente menos amabilidade (estudantes com história de violência sexual: $M = 29.31$, $DP = .86$; estudantes sem história de violência sexual: $M = 31.63$, $DP = .62$, $p < .01$) e

conscienciosidade (estudantes com história de violência sexual: $M = 27.46$, $DP = 1.06$; estudantes sem história de violência sexual: $M = 31.54$, $DP = .76$, $p < .001$) relativamente aos estudantes não agressores (Tabela 10).

Tabela 10

Domínios da personalidade e agressão sexual (estudantes).

	Grupo não Agressor		Grupo Agressor		$F(1,106)$	p	η^2
	M	DP	M	DP			
Neuroticismo	21.46	.91	23.56	1.26	1.833	.179	.02
Extroversão	28.93	.78	28.35	1.07	.193	.661	.00
Abertura	28.19	.654	26.87	.91	1.380	.243	.01
Amabilidade	31.63	.62	29.31	.86	4.843*	.01	.07
Conscienciosidade	31.54	.76	27.46	1.06	9.783*	.002	.08

* $p < .01$; nível de significância calculado a partir da correcção de Bonferroni

4.4 Discussão

Este estudo teve por objectivo avaliar as implicações do FFM na agressão sexual. Os resultados indicaram que os indivíduos condenados por crimes sexuais apresentam um perfil de personalidade caracterizado por maior neuroticismo e menor abertura relativamente ao grupo de controlo. Mais concretamente, sujeitos condenados por violação e abuso sexual de menores caracterizaram-se pela parca adaptação emocional, propensão para estados emocionais negativos, frustração, pensamento irracional, baixa auto-estima, dificuldades no controlo dos impulsos ou estratégias de *coping* pouco eficazes (McCrae & Costa, 1987). Os abusadores sexuais de menores apresentaram ainda um perfil pautado pela pouca abertura à experiência, caracterizada pela convencionalidade, exploração limitada do meio, pouca criatividade e interesse intelectual reduzido (McCrae & Jonh, 1992). Curiosamente, os estudantes com história de violência sexual (e que continuam socialmente integrados) apresentaram um perfil bem diferente daquele encontrado nos agressores sexuais condenados. Estes indivíduos caracterizaram-se pela menor conscienciosidade (relacionada com a maior despreocupação, irresponsabilidade, negligência ou

ausência de objectivos; Costa & McCrae, 1992), e menor amabilidade (relacionada com desconfiança, rudeza, manipulação ou pouca cooperação na resolução dos problemas dos outros; Costa & McCrae, 1992) relativamente aos seus pares.

O neuroticismo caracteriza-se por diferentes aspectos relacionados com o ajustamento emocional (e.g. propensão para experienciar estados de ansiedade, depressão, aborrecimento, instabilidade emocional, recursos de *coping* limitados, etc). Esta faceta da personalidade tem sido considerada um dos principais factores de vulnerabilidade para diversas perturbações psiquiátricas (Malouff, Thorsteinsson, & Schutte, 2005). Adicionalmente, o neuroticismo é a faceta do FFM que apresenta efeitos mais significativos na predição de sintomatologia clínica (Malouff, Thorsteinsson, & Schutte, 2005). A significativa comorbilidade psiquiátrica encontrada frequentemente em agressores sexuais condenados poderá ser parcialmente explicada por esta dimensão da personalidade. Por exemplo, 93% dos agressores sexuais condenados apresentam alguma forma de psicopatologia do Eixo I para além da depressão, parafilia ou psicose (Raymond, Coleman, Ohlerking, Christenson, & Miner, 1999). Os agressores sexuais de menores são frequentemente caracterizados pela alta internalização enquanto os violadores apresentam sintomatologia de externalização significativa (Lussier, Leclerc, Cale, & Proulx, 2007). Adicionalmente, estados de stress e aborrecimento aumentam as fantasias sexuais desviantes dos agressores sexuais (McKibben, Proulx, & Lusignan, 1994), da mesma forma que os agressores de menores afirmam ter mais fantasias sexuais com crianças durante estados de ansiedade, solidão e reduzida auto-estima (Swaffer, Hollin, Beech, Beckett, & Fisher, 2000). A agressão sexual ocorre frequentemente como estratégia de *coping* cujo objectivo é reduzir estados emocionais negativos (Marshall W. L., & Marshall, L. E., 2000; Ward & Beech, 2006). O neuroticismo pode assim estar relacionado com a manutenção destes estados emocionais, aumentando o risco de agressão sexual. Adicionalmente, poderá também explicar parcialmente as altas taxas de recidivas. Uma estrutura neurótica está relacionada com recidivismo a longo prazo (Listwan, Voorhis, & Ritchey, 2007) e prediz o comportamento criminal independentemente da idade, localização geográfica, etnia ou género do sujeito (Caspi et al., 1994). O

tratamento dos agressores é frequentemente limitado às condições psiquiátricas diagnosticáveis, não considerando a compreensão das estruturas profundas da personalidade que determinam o funcionamento individual para além da sintomatologia aguda. Consequentemente, a compreensão da estrutura de personalidade dos agressores sexuais condenados poderá ajudar a melhorar a eficiência dos métodos de intervenção terapêutica.

Os resultados acerca dos agressores sexuais condenados mostraram ainda que os indivíduos condenados por violação e abuso sexual de menores apresentaram perfis de personalidade diferentes. Diferenças entre violadores e abusadores de menores têm sido descritas na literatura (e.g., Craissati & Beech, 2004; Porter, et al., 2000; Ward, Hudson, & Marshall, 1996) sugerindo uma clara distinção entre as duas categorias de agressores bem como diferentes trajetórias etiológicas para crimes de violação e abuso sexual de crianças. Os resultados deste estudo mostraram que o perfil de personalidade dos agressores sexuais de menores se caracterizou pela combinação alto neuroticismo/baixa abertura em relação ao perfil dos violadores, caracterizado por alto neuroticismo. Adicionalmente a um perfil de cariz psicopatológico, os agressores de menores foram também caracterizados por uma estrutura cognitiva inflexível relacionada com uma oposição significativa face à novidade e a um estilo de pensamento dogmático e conservador. A relação entre esta faceta da personalidade e a etiologia ou manutenção dos comportamentos sexualmente abusivos contra crianças não é tão clara quanto a relação neuroticismo/agressão sexual. A baixa abertura poderá eventualmente impedir que os indivíduos tenham uma performance bem sucedida ao nível da comunidade e das relações interpessoais, dificultando a procura de intimidade junto de um relacionamento adulto.

No que diz respeito ao estudo efectuado com a amostra estudantil, os indivíduos que coagiram sexualmente contra mulheres caracterizaram-se pela menor conscienciosidade e amabilidade relativamente aos estudantes não agressores. Este resultado contrasta com o dos agressores sexuais condenados cujo perfil teve um carácter de índole psicopatológica. A conscienciosidade e a amabilidade podem predispor a comportamentos sexualmente abusivos em estudantes universitários pela sua relação com a falta de sensibilidade face às

necessidades e direitos dos outros. A despreocupação e depreciação pelos direitos humanos fundamentais, bem como a falta de empatia pelos estados emocionais das outras pessoas, podem parcialmente explicar a manutenção dos comportamentos de abuso sexual na ausência de *insight* acerca destes actos. A combinação baixa conscienciosidade/baixa amabilidade sugere ainda um padrão de funcionamento psicopático. De acordo com Costa e McCrae (1990), a baixa amabilidade relaciona-se com uma postura narcisista e com comportamentos do foro anti-social. Adicionalmente, a conscienciosidade relaciona-se negativamente com a procura impulsiva e não socializada de sensações (Costa & McCrae, 1992). Este constructo (*impulsive unsocialized sensation seeking*) está associado à desinibição comportamental, criminalidade, sexualidade e abuso de drogas (Zuckerman, 1993). É possível que os estudantes que coagiram sexualmente contra mulheres apresentem alguns traços de psicopatia, embora esta relação necessite de um estudo mais aprofundado. Por outro lado, a baixa conscienciosidade e amabilidade podem reduzir o repertório de competências sociais nestes indivíduos, dificultando o normal desenvolvimento de laços afectivos. Os agressores sexuais apresentam frequentemente poucas capacidades de relacionamento interpessoal, falhando a concretização de relações normativas com mulheres (Lee, Pattison, Jackson, & Ward, 2001; Overholser & Beck, 1986). Uma estrutura de personalidade caracterizada por baixa conscienciosidade e amabilidade poderá impedir que os indivíduos desenvolvam e consolidem estratégias adequadas de relacionamento social, levando-os ao uso de força física como meio de acesso à actividade sexual.

No que diz respeito às limitações deste estudo, consideramos que a avaliação de comportamentos de violência sexual por parte de indivíduos da comunidade com base num instrumento de auto-relato poderá não corresponder totalmente à realidade. Por outro lado, considerámos como fazendo parte do grupo de estudantes universitários com história de agressão sexual indivíduos que cometeram actos de diferentes intensidades (e.g., beijar ou colocar pénis sem consentimento). Devido a esta variabilidade não podemos generalizar os resultados a uma forma específica de agressão sexual.

As características de personalidade relacionam-se não só com o comportamento sexualmente agressivo, como poderão condicionar a adesão terapêutica dos agressores sexuais (Miner & Dwyer, 1995) e as recidivas do comportamento criminal (Listwan, Voorhis, & Ritchey, 2007). Sendo um modelo de personalidade bem documentado e validado, o FFM poderá ser usado para compreender e conceptualizar o fenómeno da agressão sexual e guiar as decisões clínicas cuja finalidade seja aumentar a adesão terapêutica destes agressores e a diminuição da taxa de recidivismo. Adicionalmente, poderá também ser usado como um quadro teórico de referência que vise aprofundar o conhecimento acerca do papel da personalidade em diferentes formas de agressão sexual.

Capítulo 5

Estudo III: Factores Dinâmicos na Agressão Sexual - o Papel do Afecto e da Impulsividade

Estudo III

Factores Dinâmicos na Agressão Sexual: o Papel do Afecto e da Impulsividade

5.1 Introdução

Os comportamentos de agressão sexual são geralmente conceptualizados à luz dos factores dinâmicos que contribuem para a sua etiologia e manutenção. Estes factores podem dividir-se de acordo com dois grupos: factores dinâmicos estáveis (i.e., aquelas características que são relativamente persistentes no agressor mas passíveis de serem modificadas no tempo) e factores dinâmicos agudos (i.e., factores que se alteram num período de horas ou dias, como é o caso do abuso de substâncias ou stress agudo) (Hanson & Harris, 2000). Dentro destes factores, o papel das variáveis dinâmicas estáveis é o menos conhecido. Porém, estas poderiam ter um papel fundamental no âmbito da prevenção da reincidência de crimes sexuais (Beech, Fisher, & Thornton, 2003). As variáveis dinâmicas agudas podem ter estado relacionadas com o episódio da agressão sexual mas terão menor impacto a longo prazo quanto ao risco de nova investida (Hansson & Harris, 2000). A regulação dos afectos e do comportamento, tal como a capacidade para planear acções, resolver problemas e regular os impulsos, são alguns destes factores estáveis mas modificáveis (Craig, Thornton, Beech, & Browne, 2007).

Relativamente à regulação do afecto, Watson e Tellegen (1985) desenvolveram um modelo (Modelo Circular do Afecto) segundo o qual a estrutura afectiva é constituída por duas dimensões ortogonais: o afecto negativo e o afecto positivo. O afecto negativo está associado a *distress*, irritabilidade, reflectindo uma pessoa indisposta ou perturbada, enquanto o afecto positivo se associa a estados de bem-estar, de alerta, ou de entusiasmo. Estas dimensões são independentes entre si, no sentido que a dimensão do afecto negativo não é o oposto da dimensão do afecto positivo. Ambas podem coexistir no mesmo sujeito, caracterizando a sua vida emocional, e por conseguinte, comportamental. O nível elevado de afecto positivo (ou negativo) está associado a um estado de

excitação emocional (elevação da resposta fisiológica) enquanto a falta de afectividade positiva (ou negativa) está relacionada com uma redução da excitação afectiva/fisiológica (Galinha & Pais-Ribeiro, 2005). Consequentemente, afecto positivo e negativo são dimensões parcialmente independentes (daí o termo “ortogonais”) e podem existir em diferentes combinações (e.g., alto afecto positivo e negativo; baixo afecto positivo/ alto afecto negativo; etc) (Watson & Clark, 1997). Estas estruturas afectivas reflectem uma faceta da personalidade quando são avaliadas na sua perspectiva traço (Plutchik, 1997; Zajonc, 1980).

No que diz respeito a emoções particulares (não relacionadas com um modelo específico acerca da conceptualização do afecto), Hall e Hirschman (1991) postularam que estados afectivos negativos de raiva e hostilidade antecedem e facilitam o comportamento sexualmente agressivo, de tal forma que factores relacionados com culpa ou empatia pela vítima não são suficientes para inibir o seu efeito. A hostilidade foi ainda relacionada com o maior número de recidivas em agressores sexuais, particularmente em abusadores sexuais de crianças (Firestone, Nunes, Moulden, Broom, & Bradford, 2005). Os estados emocionais de raiva e hostilidade surgem frequentemente na literatura como um dos mecanismos envolvidos na agressão sexual. Contudo, a implicação do afecto enquanto variável traço (e portanto como factor dinâmico estável) cujas dimensões (afecto positivo e negativo) operam numa lógica ortogonal, não está ainda estabelecida. Falta compreender não só que dimensões afectivas caracterizam os indivíduos que perpetraram alguma forma de abuso sexual, mas sobretudo se esta caracterização se faz pela presença ou ausência das dimensões que compõem a afectividade humana já que elas são relativamente independentes e podem coexistir no mesmo indivíduo (Watson & Clark, 1997) tornando mais complexa a forma como a regulação emocional pode condicionar os comportamentos de agressão sexual.

Para além da regulação do afecto, a regulação comportamental e dos impulsos tem sido considerada um importante factor de vulnerabilidade para os crimes sexuais (Craig, Thornton, Beech, & Browne, 2007). A relação entre impulsividade e agressão tem sido documentada de forma recorrente instituindo-se como um dos principais mecanismos responsáveis por problemas psicológicos

e de conduta, estando na base de inúmeros fenómenos de criminalidade. A impulsividade compreende aspectos cognitivos e comportamentais, e pode ser descrita como uma resposta rápida e desinibida, independente das consequências (Sims, 1988). A impulsividade é um importante preditor das formas mais sérias de delinquência (Moffitt, Caspi, Harrington, & Milne, 2002), relacionando-se com a maior agressividade entre a população prisional (Barratt, Standford, Kent, & Felthous, 1997; James & Seager, 2006). Os agressores sexuais têm sido descritos como indivíduos impulsivos (Ward, Hudson, & Keenan, 1998) embora se possam diferenciar entre si consoante o seu perfil. De facto, os agressores sexuais parafilicos mostraram menor impulsividade que os não parafilicos, planeando as suas investidas de forma a maximizar a sua experiência sexual (Leue, Brocke, & Hoyer, 2008), enquanto os violadores apresentaram maior impulsividade relativamente aos homens normais (Giotakos, Markianos, Vaidakis, & Christodoulou, 2003). Já no que diz respeito aos agressores sexuais juvenis (i.e., menores de idade), a impulsividade foi um dos preditores do risco de recidiva de agressão sexual (Miner, 2002). De um modo geral, a acção dos indivíduos criminosos caracteriza-se por ser predominantemente impulsiva ou predominantemente premeditada, distribuindo assim por um *continuum* em que a maioria dos sujeitos se enquadra no grupo “misto” (Standford, et al., 2003). Esta variabilidade poderá também caracterizar as diferentes formas de violência sexual.

Os principais modelos de conceptualização da agressão sexual descrevem a relação entre afecto e impulsividade como um dos mecanismos etiológicos responsáveis por estes comportamentos. Hall e Hirschman (1992) referem no seu modelo (*Quadripartite Theory of Child Molestation*, 1992) que os ofensores situacionais apresentam um perfil caracterizado pela susceptibilidade aos estados de afecto negativo, agindo geralmente de forma impulsiva e não planeada. Para Ward e Siegert (2002) a parca regulação emocional faz parte de uma combinação de factores predisponentes para a agressão sexual. Por outro lado, a violência sexual revela-se nalguns casos como uma forma de gestão emocional (Marshall & Barbaree, 1990; Marshall, W., Marshall, L., Serran, Fernandez, 2006). Ao reduzir estados emocionais negativos, ou a propiciar estados emocionais positivos, a

agressão sexual perpetua-se por mecanismos de reforço negativo e/ou positivo (Ward & Beech, 2006). A clarificação do papel do afecto e da impulsividade em diferentes formas de violência sexual é fundamental não só para a compreensão deste fenómeno, mas sobretudo para uma intervenção eficaz junto dos indivíduos que agrediram sexualmente. Enquanto factores dinâmicos estáveis, o afecto e a impulsividade poderão caracterizar de forma determinante estes indivíduos, condicionando o seu comportamento criminal a longo prazo.

Este estudo teve por objectivo averiguar se as dimensões do afecto propostas no modelo de Watson e Tellegen (1985) caracterizam os comportamentos de agressão sexual. Apesar da estrutura ortogonal na qual este modelo se baseia não ter sido testado no contexto da agressão sexual, consideramos que esta estrutura, ao apresentar dimensões do afecto parcialmente independentes, poderá caracterizar diferentes formas de agressão sexual, determinando estratégias de intervenção direccionadas à dimensão de afecto predominante em cada tipo de agressão. Mais concretamente, pretendeu-se averiguar em que medida sujeitos condenados por violação e abuso sexual de menores se diferenciam no que diz respeito ao afecto positivo e negativo (enquanto dimensões ortogonais) e à impulsividade (cognitiva e comportamental) (estudo 1; agressores sexuais condenados). Pretendeu-se igualmente avaliar se estudantes universitários que cometeram alguma forma de abuso sexual se diferenciam dos seus pares nas mesmas dimensões (estudo 2; agressores sexuais não condenados). Considerámos que os grupos de agressores apresentarão índices superiores de afecto negativo e índices inferiores de afecto positivo relativamente aos grupos de controlo, evidenciando um perfil caracterizado pela falta de ajustamento emocional a nível traço. Considerámos também que os grupos de agressores apresentarão mais impulsividade (cognitiva e comportamental) relativamente aos sujeitos do grupo de controlo.

5.2 Metodologia

Participantes

Parte 1: agressores sexuais condenados

Na primeira parte deste estudo participaram 32 homens condenados por violação e 31 homens condenados por abuso sexual de menores. Foram ainda avaliados 30 homens da comunidade constituindo o grupo de controlo (descrição no capítulo 2, *Metodologia*).

Parte 2: agressores sexuais não condenados

Esta segunda parte foi efectuada junto de estudantes universitários do sexo masculino. Participaram 108 estudantes, 37 dos quais cometeram alguma forma de abuso sexual no passado. Mais concretamente, 91.9% considerou que acariciou, beijou ou roçou-se contra as partes íntimas de alguém, ou tirou algumas das suas roupas sem o seu consentimento, 45.9% fez sexo oral a alguém ou teve alguém a fazer-lhe sexo oral, sem o seu consentimento, 43.2% colocou o pénis, dedos ou objectos na vagina de uma mulher sem o seu consentimento, 35.1% colocou o pénis, dedos ou objectos no ânus de alguém sem o seu consentimento, 43.2% tentou ter sexo oral ou forçá-lo a ter sexo oral consigo sem o seu consentimento; 43.2% tentou colocar pénis, dedos ou objectos na vagina de uma mulher sem o seu consentimento e 35.1% tentou colocar pénis, dedos ou objectos no ânus de alguém sem o seu consentimento (descrição no capítulo 2, *Metodologia*).

Procedimentos

Parte 1: agressores sexuais condenados.

Os indivíduos condenados por crimes sexuais foram avaliados em 7 estabelecimentos prisionais nacionais devidamente autorizados pela Direcção Geral dos Serviços Prisionais. O grupo de controlo foi recrutado junto da comunidade, tratando-se de uma amostra de conveniência. Estes participantes preencheram um questionário adicional sobre a frequência de comportamentos de coacção sexual (SES, Koss, et al., 2007) para que se pudessem excluir indivíduos da comunidade que tivessem perpetrado alguma forma de abuso sexual. Nenhum indivíduo foi excluído.

Parte 2: agressores sexuais não condenados.

Para esta segunda parte foram recrutados estudantes de uma universidade Portuguesa, após publicitado junto da comunidade estudantil. Os alunos que aceitaram colaborar preencheram os questionários individualmente sob a garantia de anonimato. Os participantes deram o seu consentimento informado e não receberam qualquer recompensa pela participação no estudo.

Instrumentos (descrição e características psicométricas no capítulo 2, *Metodologia*)

1. Escala para Avaliação do Interesse Pedofílico (SSPI)
2. Questionário de Experiências Sexuais (forma perpetração)
3. Escala de Resposta Socialmente Desejável (SDRS-5)
4. Escala de Afecto Positivo e Negativo (PANAS)
5. Escala de Impulsividade de Barrat-11 (BIS-11)

5.3 Resultados

5.3.1 Parte 1: Agressores Sexuais Condenados

5.3.1.1. Afecto

Foi efectuada uma MANCOVA para se averiguar o efeito do grupo (grupo controlo x homens condenados por violação x homens condenados por abuso sexual de menores) nas dimensões do afecto. Após controlada a desejabilidade social [*Wilks's* $\Lambda = .973$, $F(2,80) = 1.099$, $p = .338$, *partial* $\eta^2 = .03$], a idade [*Wilks's* $\Lambda = .999$, $F(2,80) = .053$, $p = .949$, *partial* $\eta^2 = .00$] e a escolaridade [*Wilks's* $\Lambda = .965$, $F(2,80) = 1.472$, $p = .236$, *partial* $\eta^2 = .04$] verificou-se um efeito significativo dos grupos nas dimensões do afecto [*Wilks's* $\Lambda = .751$, $F(4,174) = 6.682$, $p < .001$, *partial* $\eta^2 = .13$]; (afecto positivo: $p < .001$, $\eta^2 = .17$; afecto negativo: $p < .05$, $\eta^2 = .10$). Os testes post hoc indicaram que os indivíduos condenados por abuso sexual de menores apresentaram significativamente menos afecto positivo que o grupo de controlo (asm: $M = 20.91$, $DP = 1.26$; controlo: $M = 28.34$, $DP = 1.24$, $p < .001$). Os indivíduos condenados por violação apresentaram significativamente mais afecto negativo que o grupo de controlo (violação: $M = 18.39$, $DP = 1.44$; controlo: $M = 12.15$, $DP = 1.49$, $p < .05$) (Tabela 11).

5.3.1.2 Impulsividade

Foi efectuada uma MANCOVA para se averiguar o efeito do grupo (grupo controlo x homens condenados por violação x homens condenados por abuso sexual de menores) na impulsividade. Após controlada a desejabilidade social [*Wilks's* $\Lambda = .976$, $F(2,80) = .986$, $p = 377$, *partial* $\eta^2 = .02$], a idade [*Wilks's* $\Lambda = .962$, $F(2,80) = 1.582$, $p = 212$, *partial* $\eta^2 = .04$] e a escolaridade [*Wilks's* $\Lambda = .957$, $F(2,80) = 1.796$, $p = 173$, *partial* $\eta^2 = .04$] verificou-se um efeito significativo dos grupos na impulsividade [*Wilks's* $\Lambda = .869$, $F(4,174) = 3.158$, $p < .05$, *partial* $\eta^2 = .07$], particularmente ao nível da impulsividade motora/planeamento ($p < .01$, $\eta^2 = .11$). Os testes post hoc indicaram que os indivíduos condenados por violação apresentaram significativamente mais impulsividade motora e de planeamento que o grupo de controlo (violação: $M = 47.74$, $DP = 1.51$; controlo: $M = 40.53$, $DP = 1.56$, $p < .01$) (Tabela 11).

Tabela 11

Afecto, impulsividade e agressão sexual (condenados).

	Controlo		Violação		A.S.M		<i>F</i> (2,88)	<i>p</i>	η^2
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>			
Afecto									
<i>A. Positivo</i>	28.34a	1.24	24.33ab	1,20	20.91b	1.26	8.870	.000	.17
<i>A. Negativo</i>	12.15a	1.49	18.39b	1.44	14.32ab	1.51	4.724	.011	.10
Impulsividade									
<i>Motora/Plan.</i>	40.53a	1.56	47.74b	1.51	45.31ab	1.59	5.631	.005	.11
<i>Impul. Cog.</i>	16.26	.70	17.56	.68	18.10	.71	1.830	1.67	.04

Nota: Para cada factor, as médias assinaladas com letras diferentes diferem significativamente entre si.

5.3.2 Parte 2: Agressores Sexuais não Condenados

5.3.2.1 Afecto

Foi efectuada uma MANCOVA para se averiguar o efeito do grupo (estudantes sem história de violência sexual x estudantes com história de violência sexual) nas dimensões do afecto. Após controlada a desejabilidade social [*Wilks's* $\Lambda = .953$, $F(2,104) = 2.547$, $p = .083$, *partial* $\eta^2 = .05$] verificou-se

um efeito não significativo dos grupos nas dimensões do afecto [*Wilks's* $\Lambda = .975$, $F(2,105) = 1.344$, $p = .265$, *partial* $\eta^2 = .03$] (Tabela 12).

5.3.2.2. Impulsividade

Foi efectuada uma MANCOVA para se averiguar o efeito do grupo (estudantes sem história de violência sexual x estudantes com história de violência sexual) nas dimensões da impulsividade. Após controlada a desejabilidade social [*Wilks's* $\Lambda = .906$, $F(2,104) = 5.368$, $p < .01$, *partial* $\eta^2 = .09$], verificou-se um efeito significativo do grupo na impulsividade [*Wilks's* $\Lambda = .851$, $F(2,104) = 9.110$, $p < .001$, *partial* $\eta^2 = .15$]; (impulsividade motora/planeamento: $p < .001$, $\eta^2 = .12$; impulsividade cognitiva: $p < .05$, $\eta^2 = .06$). Os testes post hoc indicaram que os estudantes com história de violência sexual apresentaram significativamente mais impulsividade motora/planeamento (estudantes com história de violência sexual: $M = 46.86$, $DP = 1.17$; estudantes sem história de agressão sexual: $M = 41.29$, $DP = .85$, $p < .001$) e cognitiva (estudantes com história de violência sexual: $M = 18.08$, $DP = .58$; estudantes sem história de agressão sexual: $M = 16.24$, $DP = .42$, $p < .05$) (Tabela 12).

Tabela 12

Afecto, impulsividade e agressão sexual (estudantes).

	Grupo não Agressor (n = 71)		Grupo Agressor (n = 37)		<i>F</i> (1,106)	<i>p</i>	η^2
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>			
Afecto							
<i>A. Positivo</i>	26	.68	24.20	.95	2.388	.125	.02
<i>A. Negativo</i>	11.62	.79	12.70	1.09	.651	.422	.01
Impulsividade							
<i>Motora/Plan.</i>	41.29	.85	46.86	1.17	14.855**	.000	.12
<i>Impul. Cog.</i>	16.24	.42	18.08	.58	6.678*	.011	.06

* $p < .05$, ** $p < .001$

5.4 Discussão

O objectivo deste estudo foi avaliar a implicação do afecto traço e da impulsividade em agressores sexuais condenados e não condenados. Os indivíduos condenados por violação caracterizaram-se essencialmente por níveis

mais elevados de afecto negativo (dimensão relacionada com a tendência para a irritabilidade, *distress*, hostilidade, sendo comum às perturbações emocionais como é o caso da ansiedade e depressão; Clark & Watson, 1991) enquanto os indivíduos condenados por abuso sexual de menores mostraram um perfil caracterizado pela ausência de afecto positivo (dimensão relacionada com sentimentos de alegria, estado de alerta, energia, interesse, entusiasmo e autoconfiança, cujos níveis baixos se relacionam com estados de depressão; Clark & Watson, 1991). As diferenças entre violadores e abusadores sexuais de menores têm sido descritas na literatura (e.g., Craissati & Beech, 2004; Bard et al., 1987; Ford & Linney, 1995; Ward, Hudson, & Marshall, 1996). Os indivíduos condenados por abuso sexual infantil apresentam mais problemas de internalização enquanto os violadores se caracterizam pela sintomatologia de externalização (Becker & Hunter, 1997; Lussier, Leclerc, Cale, & Proulx, 2007). Estes dados estão na linha dos resultados deste estudo, já que ambos os grupos de agressores se caracterizaram por perfis distintos, parcialmente independentes, com implicações diferentes para a sua conduta. Os resultados do estudo actual poderão ajudar a explicar porque razão os violadores são mais frequentemente avaliados como psicopatas, ao contrário do que acontece com os agressores sexuais de crianças (Porter, et al., 2000; Rice & Harris, 1997; Seto & Barbaree, 1999). A motivação para a agressão sexual está por vezes relacionada com a agressão em si, e não com a componente sexual (Craissati, 2005; Eher, Neuwirth, Fruehwald, & Frottier; 2003). Ao propiciar estados de hostilidade, o afecto negativo poderá contribuir para a perpetração de comportamentos anti-sociais, fazendo com que a violação se justifique não só por motivações sexuais, mas sobretudo pela vontade em agredir e ferir a vítima. Por outro lado, a combinação entre o afecto negativo e a impulsividade que caracterizou os violadores mas não os abusadores sexuais de menores, poderá justificar o maior número de condenações por parte dos violadores (Rice & Harris, 1997) bem como a acumulação de crimes que não sexuais, ou ainda o maior número de recidivas relativamente aos agressores de menores (Hanson & Bussière, 1998; Quinsey, Rice, & Harris, 1995). A impulsividade não caracteriza de forma homogénea todos os criminosos. De um modo geral, a acção destes indivíduos caracteriza-se por

ser predominantemente impulsiva ou predominantemente premeditada, distribuindo-se assim por um *continuum* (Standford, et al., 2003). A impulsividade (nomeadamente a impulsividade relacionada com a tendência do indivíduo agir levando-se pelas circunstâncias do momento, não ponderando as suas decisões ou planeando as acções) caracterizou essencialmente os violadores, levando a crer que o abuso sexual de menores poderá ser tendencialmente premeditado. Consequentemente, será importante considerar a impulsividade ao nível da reabilitação dos indivíduos condenados por violação, já que as estratégias de punição por si só são pouco eficazes junto de indivíduos com poucos recursos de auto-controlo (Wright, Caspi, Moffitt, & Paternoster, 2004).

Os grupos de agressores sexuais condenados mostraram um perfil diferente ao nível das dimensões avaliadas. Mais concretamente, e à luz do Modelo Circular do Afecto (Watson & Tellegen, 1985) segundo o qual as dimensões do afecto são parcialmente independentes, os indivíduos condenados por violação e abuso sexual de menores caracterizam-se por valências distintas: os primeiros pelo afecto negativo e os segundos pela ausência de afecto positivo. Esta diferença poderá não só justificar as características dos seus crimes, como sugerir que a violação e o abuso sexual de menores dependem de diferentes factores etiológicos e de trajectórias distintas. O Modelo Circular do Afecto poderá assim auxiliar a compreensão e conceptualização das diferenças geralmente encontradas entre violadores e abusadores sexuais de menores.

No que diz respeito aos estudantes universitários com história de violência sexual, estes não diferiram dos estudantes do grupo de controlo relativamente ao afecto traço. Este resultado sugere que a qualidade do afecto poderá ser determinante ao nível dos crimes mais graves de violência sexual, mas não para os indivíduos socialmente adaptados. Sugere ainda que no caso dos indivíduos condenados, a agressão sexual possa ter ocorrido em função da gestão emocional dados os estados afectivos disfuncionais, e que tal mecanismo pode estar ausente em sujeitos da comunidade. Portanto, se o recurso à agressão sexual como forma de gestão emocional pode ser um factor predisponente para os crimes sexuais (Marshall W. L., & Marshall, L. E., 2000), o mesmo pode não

justificar os comportamentos de violência sexual cometidos por amostras estudantis. Por outro lado, tal como os sujeitos condenados por violação, também os estudantes que perpetraram ofensas sexuais contra mulheres apresentaram níveis elevados de impulsividade. Ao contrário dos agressores com vítimas menores, os indivíduos com vítimas adultas parecem ser tendencialmente mais impulsivos. Esta tendência sugere que os crimes sexuais contra adultos possam resultar de factores distintos dos crimes cometidos contra menores, sendo assim fenomenologicamente diferentes.

Os estudantes com história de violência sexual apresentaram não só maior impulsividade motora e de planeamento (dimensão relacionada com a tendência do indivíduo agir levando-se pelas circunstâncias do momento, não ponderando as suas decisões ou planeando as acções) como também cognitiva (dimensão caracterizada pela dificuldade de concentração mediante tarefas e pela falta de controlo sobre os pensamentos). Apesar do conteúdo destes pensamentos não ter sido avaliado, seria importante considerar a hipótese de que a falta de controlo sobre pensamentos de conteúdo sexual pudesse influenciar o comportamento destes indivíduos. A experiência de pensamentos, preocupações ou fantasias sexuais, de forma intrusiva e repetitiva, sem controlo das mesmas, poderá condicionar o comportamento sexual resultando em comportamentos de violência e abuso sexual (Coleman, 1991; Coleman, Miner, Ohlerking & Raymond, 2001). Não só o conteúdo, mas também a incapacidade de gerir as cognições sexuais poderiam justificar a violência sexual cometida por este grupo de estudantes.

No que diz respeito às limitações deste estudo, consideramos que a avaliação da frequência de comportamentos de violência sexual em sujeitos da comunidade a partir de um instrumento de auto-relato poderá não corresponder à realidade. Adicionalmente, os estudantes do grupo agressor apresentam uma grande variabilidade de comportamentos de violência sexual (desde beijar/acariciar até colocar pénis sem consentimento) pelo que não podemos generalizar os resultados a uma forma específica de abuso.

Os resultados do estudo indicaram que o afecto traço em ambas as suas dimensões bem como a impulsividade (motora e cognitiva) discriminaram os

agressores sexuais dos sujeitos da comunidade, e permitiram ainda caracterizar os diferentes grupos de agressores. Ainda que não possamos fazer uma comparação directa entre os agressores sexuais condenados e os estudantes que agrediram sexualmente (dado o diferente contexto sócio-cultural), os resultados deste estudo sugerem que agressores de adultos partilham défices na auto-regulação dos impulsos, e que os agressores sexuais condenados se diferenciam dos estudantes com história de violência sexual pela afectividade tendencialmente disfuncional. Como factores dinâmicos, o afecto e a impulsividade poderão ajudar à compreensão de diferentes formas de abuso sexual, orientando as estratégias terapêuticas destinadas aos diferentes crimes sexuais.

Capítulo 6

Estudo IV: Análise de Trajectórias para um Modelo de Compreensão da Agressão Sexual em Estudantes Universitários - a Importância dos Défices de Desempenho e da Inibição Sexual

Estudo IV

Análise de Trajectórias para um Modelo de Compreensão da Agressão Sexual em Estudantes Universitários: a Importância dos Défices de Desempenho e da Inibição Sexual

6.1 Introdução

A violência sexual contra mulheres estudantes universitárias é um fenómeno de magnitude considerável (Sorenson, Stein, Siegel, Golding, & Burnham, 1987). De acordo com Gidycz e colegas (1997), 17% das mulheres experienciaram uma violação, enquanto 33% referiram ter sido vítimas de uma outra forma de abuso sexual. Greene e Navarro (1998) concluíram que 27% de raparigas universitárias, alunas do primeiro ano, foram abusadas sexualmente nas últimas 12 semanas. Os abusos cometidos em contexto académico são caracterizados pela ausência de recurso às autoridades para denúncia deste tipo de violência sexual (Abbey, et al., 2006). As formas de abuso sexual ocorrem num *continuum* que pode ir desde o acariciar partes do corpo sem o consentimento da vítima até à violação propriamente dita (Koss, et al., 2007) e é cometida frequentemente por indivíduos do conhecimento da vítima (Koss, 1992). Trata-se de um fenómeno escondido que impõe medidas de prevenção não só do ponto de vista das vítimas, mas também dos factores que predispõem os agressores à perpetração destes actos de violência sexual.

De acordo com Lee, Pattison, Jackson e Ward (2001), os agressores sexuais apresentam frequentemente um desajustamento sócio-sexual. Os autores referem que a incompetência sócio-sexual é uma dimensão transversal aos crimes sexuais, argumentando que os agressores sexuais manifestam défices nas suas competências interpessoais e no seu funcionamento sexual. A incompetência sócio-sexual abrange, segundo os autores, défices de empatia, poucas competências sociais, baixa auto-estima e experiências heterossexuais inadequadas (Lee, Pattison, Jackson, & Ward, 2001). No que diz respeito às competências interpessoais, um estudo efectuado por Overholser e Beck (1986) mostrou que os agressores sexuais evidenciaram competências hetero-sociais deficientes

demonstrando dificuldades de relacionamento social com os elementos do sexo feminino. Estes indivíduos apresentaram também uma auto-percepção negativa (Bridges, Wilson, & Gacono, 1998; Fisher, Beech, & Browne, 1999; Lyn & Burton, 2004) e uma acentuada dependência emocional (Gacono, Meloy, & Bridges, 2000). A auto-avaliação negativa e a parca autonomia percebida poderão desta forma ser factores de vulnerabilidade para os actos de agressão sexual. A violência sexual poderá ser uma via possível para a concretização da sexualidade destes indivíduos já que não exige as competências interpessoais e de desempenho que um relacionamento normal e consentido exigiria. Este parco funcionamento social e a auto-estima deficiente poderão resultar de um padrão de vinculação inseguro (Ward, Hudson, & Marchall, 1996). Por outro lado, num estudo efectuado por Leirós, Carvalho e Nobre (manuscrito submetido para publicação) os estudantes que perpetraram ofensas sexuais contra vítimas do sexo feminino apresentaram maior incidência de esquemas relacionados com a dimensão autonomia/desempenho deteriorados. Esta estrutura esquemática caracterizou também indivíduos condenados por violação e abuso sexual de menores relativamente a um grupo de controlo (Carvalho & Nobre, manuscrito submetido para publicação). Estes esquemas são temas ou padrões estáveis, com uma componente cognitivo-emocional, que englobam as memórias do sujeito e são desenvolvidos durante a infância ou adolescência a partir de necessidades emocionais não correspondidas (Young, Klosko, & Weishaar, 2003). A dimensão autonomia/desempenho deteriorados caracteriza sujeitos com expectativas de parco funcionamento, incapazes de lidar de forma autónoma e bem sucedida em tarefas do dia-a-dia, avaliando-se como mais incompetentes e dependentes (Young, Klosko, & Weishaar, 2003). As expectativas de défices de desempenho poderão assim contribuir para as dificuldades na formação e manutenção de vínculos entre adultos, constituindo um possível factor de vulnerabilidade para agressão sexual (Carvalho & Nobre, manuscrito submetido para publicação).

De acordo com Lee, Pattison, Jackson e Ward (2001), a incompetência social correlaciona-se de forma significativa com a incompetência sexual, não fazendo sentido separar os dois constructos. A sexualidade é vivida numa esfera relacional pelo que para a concretização saudável da primeira importam as capacidades de desempenho interpessoal e uma auto-apreciação positiva. A inadequação sexual em sujeitos agressores tem sido descrita na literatura. Mais concretamente, num

estudo efectuado por Dwyer e Amberson (1989) verificou-se que 94% dos agressores sexuais apresentaram dificuldades sexuais. Lee, Pattison, Jackson e Ward (2001) verificaram que os indivíduos condenados por violação apresentaram menor auto-estima sexual relativamente aos controlos.

Mais recentemente, Peterson, Janssen e Heiman (2010) avaliaram o papel da propensão para a excitação e inibição sexual em estudantes universitários que cometeram ofensas sexuais contra mulheres. Os autores constataram que um dos principais preditores da agressão sexual foi a inibição da resposta sexual devido à ameaça de falhar sexualmente. Segundo os autores este foi um resultado contra-intuitivo já que a inibição sexual deveria ajudar à inibição dos impulsos sexuais agressivos, sobretudo quando esta dimensão está associada a problemas de disfunção erétil (Bancroft & Janssen, 2000; Bancroft, et al., 2005). Contudo, ao anteciparem o fracasso da resposta sexual, estes indivíduos poderão sentir-se pressionados para iniciarem a actividade sexual imediatamente após a experiência de excitação para que não haja perda de erecção. Por outro lado, poderão também sentir menor inibição sexual em situação de sexo não consentido uma vez que envolve menos expectativas de *performance* sexual (Peterson, Janssen, & Heiman, 2010). No entanto, para os autores, são ainda precisos mais estudos que expliquem o papel deste mecanismo de inibição na agressão sexual.

De um modo geral, verifica-se que a interacção entre os mecanismos de auto-estima e competência percebida, e o funcionamento sexual constituem uma das principais dimensões presentes em agressores sexuais (Lee, Pattison, Jackson, & Ward, 2001). Adicionalmente, será possível que a competência percebida pelo sujeito determine o seu funcionamento e *performance* sexuais contribuindo para os comportamentos sexualmente agressivos visto estes envolverem menor ansiedade de desempenho. O objectivo deste estudo foi avaliar o impacto dos esquemas relacionados com a autonomia e desempenho deteriorados e dos mecanismos de inibição/excitação sexual na agressão sexual perpetrada por estudantes universitários. Mais concretamente, previu-se que esta dimensão esquemática caracterizada pela percepção de incapacidade e dependência na *performance* de tarefas diárias iria predizer de forma significativa a agressão sexual. Adicionalmente, previu-se que os esquemas relacionados com esta dimensão estariam significativamente relacionados com a inibição sexual devida ao medo de falhar sexualmente (já que os indivíduos com esta estrutura esquemática se percebem

como mais incompetentes), e que esta interacção tem um papel determinante nos comportamentos de agressão sexual. Com este estudo pretendeu-se avaliar potenciais factores de vulnerabilidade para a agressão sexual em contexto comunitário/académico, ajudando a melhorar medidas de prevenção/intervenção junto dos sujeitos agressores.

6.2 Metodologia

Participantes e Procedimentos

Este estudo foi efectuado junto de estudantes universitários do sexo masculino. Participaram 110 estudantes de uma universidade Portuguesa. A média de idades foi de 24 anos (*range* = 18-34). 90.6% dos participantes era solteiro, 6.6% casado e 2.8% divorciado (descrição capítulo 2, *Metodologia*). Os estudantes foram recrutados após o estudo ter sido publicitado junto da comunidade estudantil. Os alunos que decidiram colaborar preencheram os questionários individualmente sob a garantia de anonimato. Os participantes deram o seu consentimento informado e não receberam qualquer recompensa pela participação no estudo.

Instrumentos (descrição e características psicométricas no capítulo 2, Metodologia)

1. Questionário de Esquemas de Young (YSQ-S3)

- a. Para o estudo actual foram apenas seleccionados os esquemas alusivos à dimensão autonomia e desempenho deteriorados. Esta dimensão caracteriza indivíduos incapazes de se diferenciarem e separarem da família de origem e funcionarem de forma independente e autónoma. Trata-se de indivíduos com dificuldades em estabelecer e alcançar objectivos, desenvolver competências e interagir com sucesso. Estes sujeitos têm poucas expectativas de desempenho e de empreenderem uma performance bem sucedida (Young, Klosko, & Weishaar, 2003). Alguns exemplos de itens são: “Sou um incompetente quando se trata de atingir objectivos ou de levar a cabo uma tarefa no trabalho/escola”, “Não tenho confiança nas minhas capacidades para resolver problemas que surjam no dia-a-dia”, “Não consigo deixar de sentir que alguma coisa de mal está para acontecer”.

2. Escalas de Inibição/Excitação Sexual (SIS/SES-Scales)
3. Questionário de Experiências Sexuais (forma perpetração)
4. Escala de Resposta Socialmente Desejável (SDRS-5)

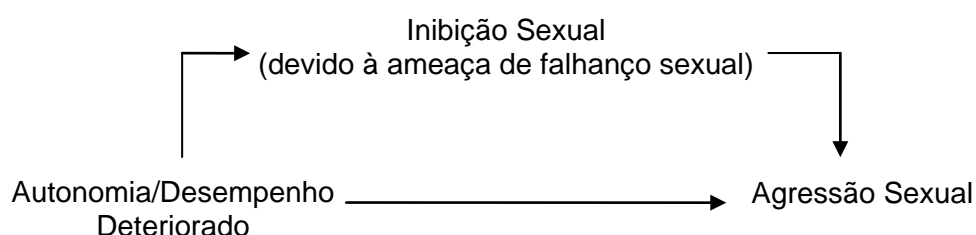
Procedimentos Estatísticos

Foram efectuadas regressões múltiplas (método Enter) para se avaliar o impacto dos esquemas da dimensão autonomia/desempenho deteriorados (Questionário de Esquemas de Young) e das escalas de excitação/inibição sexual (SES, SIS1 e SIS2) na agressão sexual. Para se avaliar a agressão sexual considerou-se a frequência com que ocorreram as diferentes formas de violência sexual (Questionário de Experiências Sexuais). Foi utilizada a correcção de Bonferroni para a determinação da significância estatística dos preditores (Larzelere & Mulaik, 1977). Valores iguais ou inferiores a .01 ($p < .01$) foram considerados estatisticamente significativos no caso dos esquemas; valores iguais ou inferiores a .02 ($p < .02$) foram considerados estatisticamente significativos no caso das escalas SIS/SES.

Posteriormente foi efectuada uma análise de trajectórias (usando o modelo de regressão linear) de forma a ser avaliado não só o efeito directo dos esquemas na agressão sexual, mas também o efeito destes na resposta sexual e da interacção esquemas/resposta sexual na agressão sexual. O modelo proposto (Figura 1) sugere que a agressão sexual é prevista por esquemas relacionados com a autonomia e desempenho deteriorados, que estes predizem de forma significativa a inibição sexual devido à ameaça de falhar sexualmente, e que esta inibição poderá mediar a relação entre os esquemas e a agressão sexual, desempenhando um papel preponderante nesta forma de comportamento sexual.

Figura 1:

Agressão sexual em estudantes universitários: modelo acerca dos défices de desempenho e inibição sexual.



6.3 Resultados

6.3.1 Desejabilidade social

A desejabilidade social não se correlacionou de forma significativa com a frequência de comportamentos sexualmente abusivos ($r = -.09$, $p = .310$), com a dimensão autonomia/desempenho deteriorados ($r = -.07$, $p = .454$), nem com as dimensões SES ($r = -.12$, $p = .235$) e SIS2 ($r = -.02$, $p = .838$). A dimensão SIS1 apresentou uma correlação significativa com a desejabilidade ($r = -.19$, $p < .05$). Porém, trata-se de uma correlação de pequena magnitude (Cohen, 1988).

6.3.2 Esquemas do Domínio Autonomia/Desempenho Deteriorados e Agressão Sexual.

Para se avaliar o papel da dimensão autonomia/desempenho deteriorados na agressão sexual efectuou-se uma análise de regressão múltipla (método Enter) em que os esquemas que compõem esta dimensão foram seleccionados como variáveis independentes e a agressão sexual como variável dependente. Os resultados mostraram um modelo significativo [$F(4,103) = 3.281$, $p < .05$] explicando 11% da variância ($R^2 = .113$). A análise dos coeficientes de regressão estandardizados mostrou que os esquemas de incompetência foram os principais preditores da agressão sexual ($\beta = .50$, $p < .01$) (Tabela 13).

Tabela 13

Esquemas de autonomia/desempenho deteriorados e agressão sexual (regressão múltipla método Enter, $n = 110$).

Esquemas	B	EP	β	t	p
Incompetência	2.58	.96	.50	2.70*	.008
Vulnerabilidade	-.50	.60	-.11	-.83	.406
Emaranhamento	.32	.74	.05	.44	.662
Fracasso	.84	.70	.19	1.21	.228

* $p < .01$

6.3.3 Excitação/Inibição Sexual e Agressão Sexual

Para se avaliar o papel dos mecanismos de excitação e inibição sexual na agressão sexual efectuou-se uma análise de regressão múltipla (método Enter) em que as dimensões SES, SIS1 e SIS2 foram seleccionadas como variáveis

independentes e a agressão sexual como variável dependente. Os resultados mostraram um modelo significativo [$F(3,104) = 5.514, p < .01$] explicando 14% da variância ($R^2 = .137$). A análise dos coeficientes de regressão estandardizados mostrou que a inibição sexual devido à ameaça de falhar sexualmente (SIS1) foi o principal preditor da agressão sexual ($\beta = .37, p < .001$) (Tabela 14).

Tabela 14

Excitação/inibição sexual e agressão sexual (regressão múltipla método Enter, $n = 110$).

Sub-escalas	B	EP	β	t	p
SES	.31	.26	.11	1.18	.241
SIS1	1.33	.37	.37	3.63*	.000
SIS2	-.52	.45	-.12	-1.16	.250

* $p < .001$

6.3.4 Análise de Trajectórias para um Modelo de Compreensão da Agressão Sexual

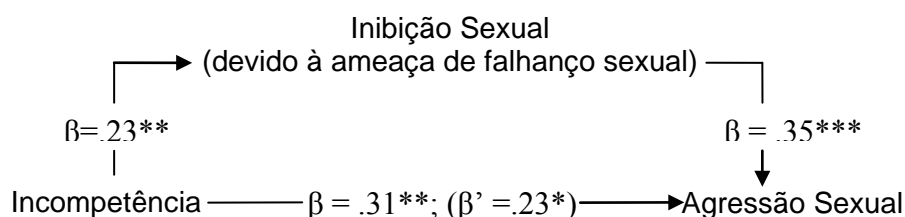
De acordo com os resultados anteriores, os esquemas de incompetência e a inibição sexual devido à ameaça de falhanço sexual (SIS1) foram seleccionados para integrar o modelo proposto (Figura 2). Segundo este modelo, os esquemas de incompetência previram de forma significativa a agressão sexual ($\beta = .31, p < .01$), bem como a inibição sexual (SIS1) ($\beta = .23, p < .01$). No que diz respeito à inibição sexual, esta previu significativamente a agressão sexual ($\beta = .35, p < .001$) (Figura 2). Ao avaliarmos o efeito simultâneo de ambos os preditores (esquemas de incompetência e SIS1), verificámos que ambos continuam a predizer de forma significativa a agressão sexual (incompetência: $\beta' = .23, p < .05$; SIS1: $\beta' = .28, p < .01$), embora com uma redução dos respectivos efeitos. Mais concretamente, verificou-se uma redução de 26% do efeito da incompetência na agressão sexual, após controlada a inibição sexual. Os resultados sugerem assim que a inibição sexual (SIS 1) medeia parcialmente a relação entre os esquemas de incompetência e a agressão sexual (Baron & Kenny, 1986) (Figura 2).

Adicionalmente, efectuou-se o teste post hoc (teste de Sobel; Maroco, 2003) para se avaliar a significância do efeito de mediação da inibição sexual (SIS1). Este

efeito foi significativo ($Z = 2.183$, $p < .05$) pelo que a inibição sexual é um mediador da relação entre os esquemas de incompetência e a agressão sexual (Figura 2).

Figura 2

Análise de trajectórias para um modelo acerca da agressão sexual em estudantes universitários.



* $p < .05$, ** $p < .01$, *** $p < .001$

6.4 Discussão

Este estudo teve por objectivo avaliar o papel das expectativas de défice de desempenho e da inibição sexual na agressão sexual cometida por estudantes universitários. Mais concretamente, pretendeu-se clarificar de que forma estes défices interagem e predispõem à inibição sexual relacionada com a ameaça de falhar sexualmente, predizendo a frequência de comportamentos sexualmente agressivos. Os resultados acerca da dimensão autonomia/desempenho deteriorados mostraram que os esquemas de incompetência foram os principais preditores da agressão sexual. Estes esquemas relacionam-se com a percepção de que se é incapaz de lidar com as responsabilidades e tarefas diárias de uma forma competente, levando à sensação de desesperança (Young, Klosko, & Weishaar, 2003). Os esquemas de incompetência relacionam-se com a sexualidade masculina, diferenciando homens com disfunção sexual daqueles sexualmente funcionais (Quinta-Gomes & Nobre, *in press*). Estes esquemas poderão também ser um factor de vulnerabilidade para a agressão sexual já que condicionam o padrão de funcionamento diário dos indivíduos. Mais concretamente, a auto-avaliação negativa e a expectativa de que se é incapaz de ser bem sucedido poderão condicionar o indivíduo nas suas relações interpessoais. A antecipação de fracasso poderá dificultar o empreendimento de uma relação normativa onde as

competências do sujeito são alvo de avaliação social. A agressão sexual poderá assim ser umas das vias através da qual o indivíduo concretiza a sua sexualidade, evitando a avaliação do seu desempenho. Por outro lado, a actividade sexual sob coação é menos exigente do ponto de vista das competências de interacção e performance, e portanto menos ansiogénica para o indivíduo que se auto-percepciona como incapaz. De acordo com Freund (1988), a violência sexual é vista como uma *perturbação do cortejar*, na qual existe uma perturbação nas fases normais pelas quais os sujeitos interagem e se envolvem sexualmente (i.e, procura, interacção não táctil, interacção táctil e interacção sexual/genital). As expectativas de incompetência poderão assim diminuir o leque de oportunidades sexuais disponíveis, reduzindo-as àquelas conseguidas por coação da vítima.

Adicionalmente, a percepção de parca autonomia e desempenho deficiente relacionou-se de forma significativa com a inibição sexual devido ao medo de falhar sexualmente. Estes resultados sugerem que factores externos ao contexto sexual, relacionados com uma auto-percepção negativa, influenciam também a resposta sexual predizendo a frequência de violência sexual. Tal como propuseram Lee, Pattison, Jackson e Ward (2001), ambos os mecanismos de auto-estima e competência percebida, e o funcionamento sexual, estão relacionados, constituindo um importante *cluster* na etiologia e manutenção dos comportamentos sexualmente agressivos.

No que diz respeito aos mecanismos de excitação/inibição sexual, verificou-se que o principal preditor da agressão sexual foi a inibição sexual devido ao medo de falhar sexualmente. Trata-se de um resultado que vai ao encontro dos dados do estudo de Peterson, Janssen e Heiman (2010) no qual esta forma de inibição sexual previu a agressão sexual. Segundo os autores, este foi um resultado aparentemente contra-intuitivo uma vez que a maior inibição sexual deveria diminuir o impulso para agredir sexualmente. No entanto, os dados actuais permitem clarificar o papel da inibição sexual (SIS1) ao conceptualizar esta forma de inibição como estando relacionada com um quadro mais vasto associado às expectativas/esquemas de défice de *performance*. Por isso, um mecanismo de inibição sexual poderá estar relacionado com a agressão sexual pelo facto do sujeito se avaliar como sexualmente incompetente, vendo a sua resposta sexual inibida face à ameaça de falhar sexualmente. A actividade sexual não consentida exige menos expectativas

de desempenho, podendo assim potenciar os comportamentos de coação sexual e, hipoteticamente, permitindo que o sujeito tenha actividade sexual. Este mecanismo de inibição sexual mediou de forma significativa a relação entre os esquemas de incompetência e a agressão sexual, sugerindo a sua centralidade nesta forma de comportamento sexual.

Relativamente às limitações deste estudo, consideramos que a avaliação da frequência de comportamentos de violência sexual a partir de um instrumento de auto-relato poderá não corresponder totalmente à realidade. Adicionalmente, o modelo testado aplica-se à frequência de comportamentos de violência sexual, não à sua forma. Deste modo, os resultados não são generalizáveis a formas específicas de violência sexual.

Os resultados deste estudo corroboram a importância dos factores desenvolvimentais que resultam das experiências precoces dos indivíduos na predisposição para a agressão sexual. Para além dos padrões de vinculação (Ward, Hudson, & Marchall, 1996), os esquemas precoces parecem também influenciar esta forma de violência, não só pelo seu efeito directo, mas sobretudo pelo seu impacto no funcionamento sexual. Os principais modelos de conceptualização dos comportamentos de agressão sexual abordam não só estes factores desenvolvimentais (Marshall & Barbaree, 1990), como também características do funcionamento sexual dos agressores, tais como o interesse/excitação sexual desviante (Finkelhor, 1984; Hall & Hirschman, 1992; Ward & Beech, 2006). Os actos de coação sexual cometidos por estudantes do sexo masculino parecem partilhar alguns destes factores predisponentes, embora o seu funcionamento sexual se caracterize pela inibição sexual. O papel da inibição sexual deveria ser aprofundado já que a confirmação da sua função poderia sugerir modelos de conceptualização da violência sexual cometida por estudantes universitários, que serão potencialmente diferentes dos modelos de conceptualização das formas mais graves de abuso sexual. A ansiedade de desempenho sexual é um factor importante na etiologia e manutenção das disfunções sexuais (Masters & Johnson, 1970). Esta preocupação com o desempenho sexual poderá ter igualmente um papel de relevo na agressão sexual contribuindo para que a agressão seja uma forma de gerir os défices da *performance* sexual. Adicionalmente, os dados do presente estudo apontam para a necessidade de serem considerados em contexto clínico os aspectos relacionados com a estrutura esquemática dos sujeitos que cometerem

algum acto de violência sexual, mas também o funcionamento sexual, os contextos que inibem ou potenciam a sua resposta sexual e as estratégias de *coping* que os indivíduos utilizam para gerir as alterações do seu funcionamento sexual.

Capítulo 7

Discussão Geral

Discussão Geral

Os dados apresentados ao longo dos quatro estudos efectuados no âmbito deste trabalho sugerem que os factores avaliados têm relevância na predisposição e/ou manutenção dos comportamentos de violência sexual cometidos por populações prisionais e da comunidade. De um modo geral, os resultados vieram consolidar alguns pressupostos teóricos já conhecidos na literatura acerca do contributo dos factores dinâmicos estáveis na agressão sexual. Porém, consideramos que este trabalho expandiu o leque de variáveis que são geralmente estudadas no contexto dos crimes sexuais, permitindo novas perspectivas acerca dos factores de vulnerabilidade para a agressão sexual. Por exemplo, ao focarmos o papel dos esquemas precoces mal adaptativos, ou dos mecanismos de inibição/excitação sexual na agressão sexual, esperamos estar a alargar o âmbito de conceptualização e intervenção que geralmente é feito na presença de agressores sexuais condenados e da comunidade. A selecção de modelos de personalidade e afectividade humana com forte suporte empírico pretendeu também proporcionar uma base de avaliação do perfil psicológico dos agressores complementar às metodologias geralmente usadas e que focam, essencialmente, questões relacionadas com o foro da psicopatia.

Dos quatro estudos efectuados destacam-se não só o impacto das variáveis já mencionadas, mas sobretudo o facto de estas actuarem de forma diferente, consoante o tipo de ofensa (contra vítimas adultas e menores) e consoante o tipo de agressor (indivíduo condenado ou em comunidade estudantil). Mais do que um ponto de chegada, estes resultados abrem caminho para novos estudos, por exemplo, acerca do impacto de variáveis de funcionamento sexual e da sua interacção com factores de ordem emocional e de desenvolvimento interpessoal na predisposição para a violência sexual. Os dados actuais permitem ainda antever formas de violência sexual em contexto e cultura académica e cujo fenómeno carece de modelos de compreensão próprios, feitos à medida das características dos agressores e respectivas vítimas.

No que diz respeito ao papel dos esquemas precoces mal adaptativos, os resultados indicaram que os domínios esquemáticos de distanciamento/rejeição, autonomia/desempenho deteriorados, influência dos outros e sobrevigilância/inibição caracterizam essencialmente os sujeitos condenados por abuso sexual de menores. Mais concretamente, estes indivíduos apresentaram mais esquemas relacionados com as temáticas de desconfiança, auto-apreciação negativa, pouco desempenho e vulnerabilidade, cujo impacto ao nível da interacção social e competências interpessoais poderá contribuir para a etiologia e manutenção dos abusos sexuais contra crianças. A terapia focada nos esquemas (Young, 1990, 1999) apresenta-se assim como uma alternativa teórico-prática no desenvolvimento de uma nova área de intervenção junto dos indivíduos condenados por crimes sexuais. Poderá ainda complementar as intervenções de índole cognitiva que visam a prevenção das recidivas destes crimes a partir da reestruturação das distorções cognitivas apresentadas pelos agressores sexuais (Ward, 2000). Trata-se de um modelo que poderá mostrar como os pressupostos básicos acerca do *self*, dos outros e do mundo, predispõem os indivíduos para a violência sexual, complementando assim os dados já existentes acerca do papel dos pressupostos específicos acerca das vítimas (e.g., sexualização das crianças, desconfiança face às mulheres, etc; Milner & Webster, 2005; Polaschek & Ward, 2002) na vulnerabilidade para a agressão sexual. Adicionalmente, a reestruturação destes esquemas poderá ser uma mais-valia no processo terapêutico e de reabilitação psicossocial destes indivíduos. A activação dos EPMS está associada a respostas emocionais desadaptadas e à utilização de estratégias de *coping* pouco eficazes (Young, Klosko, & Weishaar, 2003). Conhecendo-se a relação entre a má gestão emocional e a perpetração de crimes sexuais (Marshall W. L., & Marshall, L. E., 2000), será plausível que certas formas de abuso sexual possam ocorrer em resposta à activação de esquemas e que certos esquemas possam advir de experiências de vitimação sexual. No presente estudo, à excepção de um indivíduo, ninguém reportou ter sido sexualmente abusado no passado pelo que esta última premissa não foi testada. Porém, os dados actuais permitem antever a necessidade destas estruturas esquemáticas serem consideradas no tratamento dos agressores sexuais, promovendo-se o seu ajustamento emocional e interpessoal, de modo

a prevenir novas investidas. Neste sentido, estão a ser empreendidos estudos cujo objectivo é avaliar o papel dos EPMs na propensão para as distorções cognitivas em agressores sexuais, suas estratégias de *coping* e estilos de relacionamento interpessoal. A estes tópicos acresce a necessidade de serem considerados indivíduos condenados por crimes não sexuais já que desta forma poderá ser testada a especificidade com que os EPMs actuam na propensão para agressão sexual.

Considerando o estudo acerca do papel dos esquemas de autonomia/desempenho deteriorados e propensão para a excitação/inibição sexual efectuado com estudantes universitários, verificou-se que a interacção entre os esquemas de incompetência e a inibição sexual devido à ameaça de falhar sexualmente prevê de forma significativa a agressão sexual. Mais concretamente, esta forma de inibição sexual mediou a relação entre os esquemas de incompetência e a agressão sexual, sugerindo que a agressão sexual cometida por estudantes universitários poderá estar associada à ansiedade de desempenho sexual. De facto, de acordo com Lee, Pattison, Jackson e Ward (2001), a incompetência social correlaciona-se de forma significativa com a incompetência sexual, não fazendo sentido separar os dois constructos. Esta incompetência percebida, seja ela de desempenho (EPM) ou de *performance* sexual (inibição sexual devida ao medo de falhar sexualmente) parece assim predispor a actos de coacção sexual, sugerindo que estas formas de agressão possam resultar de processos de desenvolvimento interpessoal e psicosexual mal sucedidos. Mais ainda, poderá indicar que a inibição sexual devida ao receio de má *performance* espelha não só um substrato neurofisiológico do funcionamento sexual humano, como poderá também ser produto de uma estrutura esquemática disfuncional (i.e., dos esquemas relacionados com incompetência “geral”) e, em largo espectro, de condicionantes culturais tais como os mitos associados à sexualidade masculina e respectiva *performance* sexual. A ansiedade de desempenho sexual surge-nos assim como potencial factor de vulnerabilidade para a agressão sexual, o que requer a ponderação de novos modelos conceptuais acerca da violência sexual cometida, pelo menos em parte, por estudantes universitários. Os principais modelos de conceptualização dos comportamentos

de agressão sexual abordam algumas características do funcionamento sexual dos agressores, tais como o interesse/excitação sexual desviante (Finkelhor, 1984; Hall & Hirschman, 1992; Ward & Beech, 2006) sendo que a estas características deveria acrescer aspectos relacionados com a ansiedade de desempenho sexual¹. A actividade sexual não consentida exige menos expectativas de desempenho, podendo assim potenciar os comportamentos de coação sexual numa época em que a sexualidade masculina é muitas vezes reduzida à capacidade de erecção. Dada a ausência de modelos explicativos desta forma de violência sexual, estão em curso estudos cujo objectivo é aprofundar o papel de variáveis associadas à percepção de competência sexual e funcionamento sexual na agressão sexual cometida por indivíduos da comunidade. Adicionalmente, o contexto académico abrange indivíduos em fase de consolidação do seu processo desenvolvimental (pessoal e psicosexual) impondo-se assim, face a estes dados, a necessidade de se pensarem estratégias de prevenção de coação sexual que passarão, em parte, pela promoção do funcionamento sexual saudável e satisfatório.

Relativamente ao estudo sobre as dimensões do Modelo dos Cinco Factores, os resultados indicaram que os indivíduos condenados por crime sexual apresentam um perfil caracterizado pelos níveis mais elevados de neuroticismo (sujeitos condenados por violação e abuso sexual de menores) e pela menor abertura (sujeitos condenados por abuso sexual de menores) comparativamente ao grupo de controlo. Já a amostra estudantil que coagiu sexualmente apresentou um perfil caracterizado por níveis menores de conscienciosidade e amabilidade. Quatro das cinco dimensões gerais da personalidade poderão assim desempenhar um papel na etiologia ou manutenção dos comportamentos de agressão sexual. A extroversão, no passado associada a comportamentos de índole sexual (e.g., maior curiosidade sexual, número de experiências e parceiros sexuais; Eysenck, 1972, 1976; mais desejo sexual; Costa et al., 1992) poderá estar associada a uma sexualidade saudável pela sua forte relação com a capacidade de

¹ Tal como a amostra composta por estudantes universitários, os indivíduos condenados por agressão sexual foram avaliados de acordo com as *Escala de Inibição/Excitação Sexual*. Porém, e visto que os dados foram recolhidos na presença da investigadora, consideramos que questões do foro sexual possam ter sido respondidas com pouca acuidade. Neste sentido optou-se pela não inclusão destes dados no trabalho final.

desenvolvimento e relacionamento interpessoal, e o reportório sexual de indivíduos extrovertidos poderá associar-se a um leque diversificado de experiências sexuais nas quais não se incluem aquelas relacionadas com coação sexual. Porém, dada a ausência de normas Portuguesas para estas dimensões, não é possível definir com clareza o exacto perfil de personalidade destes indivíduos. Os dados actuais surgem a partir de uma comparação entre indivíduos agressores e respectivos pares/grupo controlo, pelo que não podemos situar os perfis encontrados relativamente aos dados da população geral. Por outro lado, o facto de terem sido avaliados os factores gerais e não as diversas facetas que constituem cada factor, limita também a forma como podemos descrever o perfil de personalidade destes sujeitos.

A utilização de um modelo geral de personalidade (i.e., um modelo que mede dimensões normais da personalidade) poderá ajudar à compreensão dos fenómenos de violência sexual já que passa a considerar aspectos mais amplos que a psicopatia. Isto será uma mais-valia para a reintegração social destes indivíduos, sobretudo daqueles que não apresentam traços psicopáticos e que não têm antecedentes criminais como é o caso de parte considerável dos agressores sexuais de menores sem interesse sexual pedofílico (Porter, et al., 2000; Rice & Harris, 1997; Seto & Barbaree, 1999). No entanto, os resultados deste estudo colocam uma questão: haverá um perfil único ou vários perfis de personalidade? Os dados actuais sugerem perfis distintos consoante a agressão tenha sido cometida por sujeitos em contexto académico ou prisional. De facto, todos os indivíduos condenados consumaram um acto com qualidade jurídica (violação ou abuso sexual de menores) e apenas parte dos estudantes avaliados cometeram um acto, hipoteticamente, com cariz semelhante (45.9% fez sexo oral a alguém ou teve alguém a fazer-lhe sexo oral, sem o seu consentimento, 43.2% colocou o pénis, dedos ou objectos na vagina de uma mulher sem o seu consentimento, 35.1% colocou o pénis, dedos ou objectos no ânus de alguém sem o seu consentimento). Poderá a diferença de perfis (considerando as limitações do estudo) explicar a qualidade dos comportamentos cometidos ou, em alternativa, explicar a razão pela qual uns são denunciados/condenados e outros não? Ou estará esta denúncia relacionada com as características da vítima e com o contexto em que ocorre a

agressão, mais do que com as características do agressor? São questões que ficam em aberto e sobre as quais valeria a pena efectuar estudos futuros. O estudo actual apenas oferece uma caracterização, não uma relação causal entre traços de personalidade e agressão sexual. No entanto, poderá indicar que as razões de base destas diferentes formas de violência sexual poderão ser distintas: no caso dos condenados a desadaptação emocional poderá ser um factor predisponente sendo a agressão uma forma de gestão emocional (cf., *Integrated Theory of Sexual Offending*, Ward & Beech, 2006), já nos estudantes a atitude despreocupada e desvalorizadora (que caracteriza a baixa amabilidade/conscienciosidade) da liberdade dos outros poderá potenciar este tipo de comportamento.

As dimensões do afecto (Modelo Circular do Afecto; Watson & Tellegen, 1985) têm sido descritas como sendo relativamente independentes, sugerindo que diferentes combinações entre as estruturas afectivas possam ter um impacto nas várias formas de violência sexual. Um dos objectivos deste trabalho foi avaliar de que forma as dimensões do afecto (positivo vs negativo) propostas no Modelo Circular do Afecto, mas também da impulsividade (motora/planeamento e cognitiva) caracterizam diferentes formas de agressão sexual. A regulação afectiva e comportamental, onde estão incluídas a capacidade para planear acções, resolver problemas e regular os impulsos, são factores estáveis mas modificáveis (Craig, Thornton, Beech, & Browne, 2007) que poderão ajudar à compreensão de diversos comportamentos do foro criminal e respectivos processos de reabilitação. Os resultados indicaram que o afecto negativo e a impulsividade motora e de planeamento caracterizou os indivíduos condenados por violação relativamente ao grupo de controlo, enquanto os abusadores sexuais de menores apresentaram menor afecto positivo que os controlos. Já a amostra estudantil com história de violência sexual apresentou maior impulsividade motora/planeamento e cognitiva, mas não se diferenciou dos seus pares relativamente ao afecto. De um modo geral, os grupos de agressores condenados diferiram ao nível das estruturas do afecto, enquanto os estudantes que coagiram sexualmente contra mulheres apresentaram um perfil afectivo semelhante aos seus pares. Adicionalmente, os resultados acerca da impulsividade sugeriram que esta dimensão está

possivelmente mais relacionada com a violência sexual contra vítimas adultas do que crianças. Os dados corroboram a ideia de que os crimes sexuais (violação vs abuso de menores) têm diferentes trajetórias etiológicas e que os violadores e abusadores de menores poderão beneficiar de métodos de intervenção distintos baseados nas suas estruturas afectivas.

Neste contexto, convém salientar a existência de estudos que descrevem as emoções apresentadas por estes indivíduos (e.g., Hall & Hirschman, 1991; Firestone, Nunes, Moulden, Broom, & Bradford, 2005). Trata-se de emoções particulares, desenquadradas de um substrato neuropsicológico como é o caso das estruturas do afecto propostas por Watson e Tellegen (1985; cf., Carver, 2001 para uma análise funcional das estruturas afectivas). Neste sentido, procurámos compreender a estrutura afectiva (que por sua vez agrupa variadas emoções) dos indivíduos que perpetraram ofensas sexuais já que este substrato poderá explicar outros *clusters* comportamentais associados à agressão sexual. Exemplo disso é a frequente co-ocorrência de crimes de natureza não sexual, ou ainda da gravidade variada entre os crimes cometidos. A combinação encontrada entre o afecto negativo e a impulsividade que caracterizou os violadores mas não os abusadores sexuais de menores poderá justificar o maior número de condenações por parte dos violadores (Rice & Harris, 1997) bem como a acumulação de crimes que não sexuais, ou ainda o maior número de recidivas relativamente aos agressores de menores (Hanson & Bussière, 1998; Quinsey, Rice, & Harris, 1995). Por outro lado, ao propiciar estados de hostilidade, o afecto negativo poderá contribuir para a perpetração de comportamentos anti-sociais, fazendo com que a violação se justifique não só por motivações sexuais, mas sobretudo pela vontade em agredir e ferir a vítima. Adicionalmente, poderemos acrescentar à ideia de que o agressor apresenta “hostilidade contra a vítima” (Ward, 2000) a noção de que o agressor terá dificuldade em gerir essa hostilidade (juntamente com as restantes emoções das estruturas afectivas). Isto terá implicações clínicas nomeadamente no que diz respeito à aprendizagem de gestão emocional.

À temática das estruturas do afecto e regulação afectiva, acrescentámos a regulação comportamental. Neste contexto estudou-se a implicação da impulsividade (seja ela motora/planeamento, seja cognitiva) nas diferentes

formas de violência sexual. Apesar da impulsividade estar frequentemente associada a comportamentos de agressão sexual (Craig, Thornton, Beech, & Browne, 2007), há tipologias de agressores sexuais (e.g., os parafilicos) que evidenciam menor impulsividade, mais premeditação e planeamento dos seus crimes (Leue, Brocke, & Hoyer, 2008). Neste sentido, é possível que haja uma considerável variabilidade inter-individual na forma como a impulsividade predispõe à agressão sexual. Isto teria consequências directas na forma como são elaborados os perfis criminais destes indivíduos. No presente estudo, a impulsividade (nomeadamente a impulsividade relacionada com a tendência do indivíduo agir levando-se pelas circunstâncias do momento, não ponderando as suas decisões ou planeando as acções) caracterizou os violadores em relação aos abusadores sexuais de crianças. Isto poderá sugerir que os crimes de violação são menos premeditados que aqueles contra crianças, e que o agressor actua em reacção a stressores ou circunstâncias específicas do momento, alheando-se das consequências do seu comportamento. Os estudantes universitários com história de coação sexual (vítimas adultas) apresentaram também maior impulsividade reforçando a ideia de que os indivíduos com vítimas adultas parecem ser tendencialmente mais impulsivos. No entanto, trata-se de uma proposição hipotética que necessitaria de um estudo mais aprofundado. No que diz respeito às estratégias de punição, elas são pouco eficientes por si só na reabilitação de indivíduos com fracos recursos de auto-controlo (Wright, Caspi, Moffitt, & Paternoster, 2004). A impulsividade elevada poderá diminuir o efeito terapêutico das estratégias de punição pelo que deveria ser considerada em fases iniciais do processo de reabilitação. A forma adaptativa como o indivíduo pondera e toma decisões, organizando a sua vida diária e projectos futuros, poderá ser uma estratégia preventiva da reincidência de crimes sexuais ou de outra natureza.

Um das amostras avaliadas neste trabalho foram os estudantes universitários, entre os quais 33.6% reportaram terem cometido alguma forma de abuso sexual contra mulheres. Destes, 45.9% fez sexo oral a alguém ou teve alguém a fazer-lhe sexo oral, sem o seu consentimento, 43.2% colocou o pénis, dedos ou objectos na vagina de uma mulher sem o seu consentimento, 35.1% colocou o pénis, dedos ou objectos no ânus de alguém sem o seu

consentimento. Nenhum considerou ter violado. Estes dados estão em linha com outros dados recolhidos para estudos piloto, também eles efectuados com amostras estudantis. Deste modo, trata-se de um fenómeno não isolado, localizado (neste caso, na comunidade académica), mas do qual desconhecemos a verdadeira extensão tendo em conta que os abusos cometidos em contexto académico carecem de recurso às autoridades para denúncia dos mesmos (Abbey, et al., 2006). Falta também situar temporalmente este fenómeno e, sobretudo, aprofundar os factores disposicionais e sociais/culturais que poderão influenciar estes comportamentos (aparentemente no sentido da sua normalização e não patologização). Adicionalmente, interessa compreender este fenómeno do ponto de vista das suas vítimas, qual o impacto nelas, quais os contextos onde estas agressões ocorrem e, mais precisamente, se tal como os agressores elas também reportam ausência de *insight* face às agressões. De qualquer forma, os serviços universitários que prestam auxílio às comunidades estudantis deverão estar cientes desta realidade, proporcionando uma estrutura capaz de prevenir e intervir nestas situações, aconselhando-se juridicamente e eticamente.

De um modo geral, este trabalho sugere que as variáveis analisadas terão valor etiológico na predisposição para a violência sexual. Embora não possamos definir relações de causa-efeito, podemos oferecer uma descrição da estrutura psicológica dos indivíduos agressores, contribuindo para uma melhor leitura dos crimes sexuais e sua intervenção. Desta estrutura, destaca-se o parco ajustamento psicológico e capacidade de gestão emocional (seja devido às estruturas esquemáticas mal adaptativas, seja devido às estruturas afectivas e de personalidade), bem como a capacidade limitada no desenvolvimento e manutenção de laços interpessoais saudáveis e ainda do funcionamento sexual caracterizado pela inibição da resposta sexual face à ansiedade de desempenho sexual. Estes dados sugerem ainda a necessidade da elaboração de modelos alternativos de conceptualização da agressão sexual, que considerem as diferentes formas e contextos em que esta é cometida, e que deverão passar pela integração de factores de ordem emocional, interpessoal, sexual e cultural.

Bibliografia

Bibliografia

- Abbey, A., Zawacki, T., Buck, P. O., Clinton, A. M., & McAuslan, P. (2006). Alcohol and sexual assault. *Alcohol Research and Health, 25*(1), 43-51.
- Ahlmeyer, S., Kleinsasser, D., Stoner, J., & Retzlaff, P. (2003). Psychopathology of incarcerated sex offenders. *Journal of Personality Disorders, 17*, 306-318.
- Albuquerque, A. (2006). *Minorias eróticas e agressores sexuais*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- Andrews, D. A., & Bonta, J. (1998). *The psychology of criminal conduct*. Cincinnati, OH: Anderson.
- Avery-Clark, C. A., & Laws, D. R. (1984). Differential erection response patterns of sexual child abusers to stimuli describing activities with children. *Behavior Therapy, 15*, 71-83.
- Baker, E., & Beech, A. R. (2004). Dissociation and variability of adult attachment dimensions and early maladaptive schemas in sexual and violent offenders. *Journal of Interpersonal Violence, 19*, 1119-1136.
- Baltieri, D. A., & Andrade, A. G. (2008). Drug consumption among sexual offenders against females. *International Journal of Offender Therapy and Comparative Criminology, 52*, 62-80.
- Bancroft, J., & Janssen, E. (2000). The Dual Control Model of male sexual response: A theoretical approach to centrally mediated erectile dysfunction. *Neuroscience and Behavioral Reviews, 24*, 571-579.
- Bancroft, J., Graham, C. A., Janssen, E., & Sanders, S. A. (2009). The Dual Control Model: Current status and future directions. *Journal of Sex Research, 46* (2-3), 121-142.

- Bancroft, J., Herbenick, D., Barnes, T., Jones, R. H., Wylie, K., Janssen, E. & members of BASRT (2005). The relevance of the dual control model to male sexual dysfunction: The Kinsey Institute /BASRT collaborative project. *Sexual and Relationship Therapy, 20* (1), 13-30.
- Bancroft, J., Janssen, E., Carnes, L., Strong, D., Goodrich, D., Long, J. S. (2004). Sexual activity and risk taking in young heterosexual men: The relevance of personality factors. *Journal of Sex Research, 41*, 181-192.
- Bancroft, J., Janssen, E., Strong, D., Carnes, L., & Long, J. S. (2003). Sexual risk taking in gay men: The relevance of sexual arousability, mood, and sensation seeking. *Archives of Sexual Behavior, 32*, 555-572.
- Barbaree, H. E., & Marshall, W. L (1989). Erectile responses among heterosexual child molesters, father-daughter incest offenders and matched nonoffenders: Five distinct age preferences profiles. *Canadian Journal of Behavioral Sciences, 21*, 70-82.
- Barbaree, H. E., & Marshall, W. L. (1991). The role of male sexual arousal in male: Six models. *Journal of Consulting and Clinical Psychology, 59*, 621-63.
- Barbaree, H. E., Hudson, S. M., & Seto, M. C. (1993). Sexual assault in society: The role of the juvenile offender. In H. E. Barbaree, W. L. Marshall, & S. M. Hudson (Eds). *The juvenile sex offender* (pp 1-24). New York: Guildford.
- Barbaree, H. E., Marshall, W. L., & Lanthier, R. D. (1979). Deviant sexual arousal in rapists. *Behavior Research and Therapy, 17*, 215-222.
- Bard, L. A., Carter, D. L., Cerce, D. D., Knight, R. A., Rosenberg, R., & Schneider, B. (1987). A descriptive study of child molesters, development, clinical, and criminal characteristics. *Behavioral Sciences and The Law, 5*, 203-220.
- Barlow, G. G., Abel, G. G., Blanchard, E. B., Bristow, A. R., & Young, L. D. (1977). A heterosocial skills behavior checklist for males. *Behavior Therapy, 8*, 229-239.

- Baron, R. M., & Kenny, D. A. (1986). The moderator-mediator variable distinction in social psychology research: conceptual, strategic, and statistical considerations. *Journal of Personality and Social Psychology, 51*, 1173-82.
- Barratt, E. S., Stanford, M. S., Kent, T. A., & Felthous, A. (1997). Neuropsychological and cognitive psychophysiological substrates of impulsive aggression. *Biological Psychiatry, 41*, 1054-1061.
- Becker, J. V., & Hunter, J. A. (1997). Understanding and treating child and adolescents sexual offenders. *Advances in Clinical Child Psychology, 19*, 177-197.
- Beech, A. R., Fisher, D., & Thornton, D. (2003). Risk assessment of sex offenders. *Professional Psychology, Research and Practice, 34*, 339-352.
- Berk, M. S., & Andersen, S. M. (2000). The impact of past relationships on interpersonal behavior: Behavioral confirmation in the social-cognitive process of transference. *Journal of Personality and Social Psychology, 79*(4), 546-562.
- Berkowitz, L. (2008). On the consideration of automatic as well as controlled psychological processes in aggression. *Aggressive Behavior, 34*, 117-129.
- Bickley, J., & Beech, A. R. (2001). Classifying child abusers: Its relevance to theory and clinical practice. *International Journal of Offender Therapy and Comparative Criminology, 45*, 51-69.
- Bogaerts, S., Daalder, A., Vanheule, S., Desmet, M., & Leeuw, F. (2008). Personality disorders in a sample of paraphilic and nonparaphilic child molesters: A comparative study. *International Journal of Offender Therapy and Comparative Criminology, 52*, 21-30.
- Bogaerts, S., Vanheule, S., & Desmet, M. (2006). Personality disorders and romantic adult attachment: A comparison of secure and insecure attached child molesters. *International Journal of Offender Therapy and Comparative Criminology, 50*, 139-147.

- Bridges, M. R., Wilson, J. S., & Gacono, C. (1998). A Rorschach investigation of defensiveness, self-perception, interpersonal relations, and affective states in incarcerated pedophiles. *Journal of Personality Assessment, 70*(2), 365-385.
- Briere, J., & Elliot, D., M. (2003). Prevalence and psychological sequelae of self reported childhood physical and sexual abuse in a general population sample of men and women. *Child Abuse and Neglect, 27*, 1205-1222.
- Buss, D. M. (1996). Social adaptation and five major factors of personality. In J. S. Wiggins (Ed). *The five-factor model of personality: Theoretical perspectives* (pp. 180-208). New York: The Guildford Press.
- Calhoun, K. S., McCauley, J., & Crawford, M. E. (2006). Sexual Assault. In McAnuly, R., D., & Burnette, M. M. (Eds), (97-130). *Sex and Sexuality: Sexual Deviation and Sexual Offenses*. London: Praeger.
- Canavarro, M. C. (1999). *Relações afetivas e saúde mental*. Coimbra: Quarteto Editora.
- Carine, B. E. (1997). Assessing personal and interpersonal schemata associated with Axis II Cluster B personality disorders: An integrate perspective. *Dissertations Abstracts International, 58*, 1B.
- Carvalho, J., Nobre, P. J. (2011). The role of early maladaptive schemas on convicted sexual aggressors. Manuscrito submetido para publicação.
- Carver, C. S. (2001). Affect and the functional bases of behavior: On the dimensional structure of affective experience. *Personality and Social Psychology Review, 5*, 345-356.
- Caspi, A., Moffit, T. E., Silva, P. A., Stouthamer-Loeber, M., Krueger, R. F., & Schmutte, P. S. (1994). Are some people crime prone? Replications of the personality-crime relationship across countries, genders, race, and methods. *Criminology, 32*, 163-195.

- Chaplin, T. C., Rice, M. E., & Harris, G. T. (1995). Salient victim suffering and the sexual responses of child molesters. *Journal of Consulting and Clinical Psychology, 63*, 249-255.
- Clark, L. A., & Watson, D. (1991). Tripartite model of anxiety and depression: psychometric evidence and taxonomic implications. *Journal of Abnormal Psychology, 100*, 316-336.
- Cohen, J. (1988). *Statistical power analysis for the behavioral sciences* (2nd edition). Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- Cohen, M. L., Seghorn, T., & Calmas, W. (1969). Sociometric study of the sex offender. *Journal of Abnormal Psychology, 74*, 249-255.
- Coleman, E. (1991). Compulsive sexual behavior: New concepts and treatments. *Journal of Psychology and Human Sexuality, 4* (2), 37-52.
- Coleman, E., Miner, M., Ohlerking F., & Raymond, N. (2001). Compulsive Sexual Behavior Inventory: A preliminary study of reliability and validity. *Journal of Sex and Marital Therapy, 27*, 325-332.
- Costa P.T., Jr., Fagan P.J., Piedmont R.L., Ponticas Y., Wise T.N. (1992). The five-factor model of personality and sexual functioning in outpatient men and women. *Psychiatric Medicine* 10: 199-215.
- Costa, P. T. Jr., & McCrae, R. R. (1985). *The NEO Personality Inventory manual*. Odessa, FL: Psychological Assessment Resources.
- Costa, P. T. Jr., & McCrae, R. R. (1990). Personality disorders and the five-factor model of personality. *Journal of Personality Disorders, 4*, 362-371.
- Costa, P. T. Jr., & McCrae, R. R. (1992). Revised NEO Personality Inventory (NEO-PI-R) and NEO Five-Factor Inventory (NEO-FFI). Professional Manual. Odessa, FL: Psychological Assessment Resources.
- Costa, P. T. Jr., & Widiger, T. A. (2002). Introduction: Personality disorders and the five-factor model of personality. In P. T. Costa Jr. & T. A. Widiger (Eds),

- Personality disorders and the five-factor model of personality* (2nd ed, p. 6). Washington D. C.: American Psychological Association.
- Costa, P. T., & McCrae, R. R. (1992). *Revised NEO Personality Inventory (NEO-PI-R) and NEO Five-Factor Inventory (NEO-FFI) manual*. Odessa, FL: Psychological Assessment Resources.
- Costa, P. T. Jr., & McCrae, R. R. (1988). Personality in adulthood: A six-year longitudinal study of self reports and spouse ratings on the NEO Personality Inventory. *Journal of Personality and Social Psychology*, *54*, 853-63.
- Craig, L. A., Thornton, D., Beech, A., & Browne, K. D. (2007). The relationship of statistical and psychological risk markers to sexual reconviction in child molesters. *Criminal Justice and Behavior*, *34*, 314-329.
- Craissati, J. (2005). Sexual violence against women: A psychological approach to the assessment and management of rapists in the community. *The Journal of Community and Criminal Justice*, *52*, 401-422.
- Craissati, J., & Beech, A. (2004). The characteristics of Convicted rapists: Sexual victimization and compliance in comparison to child molesters. *Journal of Interpersonal Violence*, *19*, 225-240.
- Degoratis, L. R., Spencer, P. M. (1982). *The Brief Symptom Inventory (BSI): administration, scoring and procedures manual – I*. Baltimore, Clinical Psychometric Research.
- Digman, J. M. (1990). Personality structure: emergence of the five-factor model. *Annu. Rev. Psychol.*, *41*, 417-40.
- Donnellan, M. B., Conger, R. D., & Bryant, C. M. (2004). The Big Five and enduring marriages. *Journal of Research in Personality*, *38*, 481-504.
- Drapeau, M. (2006). Repetition or reparation? An exploratory study of the relationship schemas of child molesters in treatment. *Journal of Interpersonal Violence*, *21*, 1224-1233.

- Dunsieth, N. W., Nelson, E. B., Brusman-Lovins, L. A., Holcomb, J. L., Bechman, A., Welge, J., A., et al. (2004). Psychiatric and legal features of 113 men convicted of sexual offenses. *Journal of Clinical Psychiatry, 65*, 292-300.
- Dwyer, S. M., & Amberson, J. I. (1989). Behavioral patterns and personality characteristics of 56 sex offenders: A preliminary study. *Journal of Psychology and Human Sexuality, 2*, 105-118.
- Eher, R., Neuwirth, W., Fruehwald, S., & Frottier, P. (2003). Sexualization and lifestyle impulsivity: Clinically Valid Discriminators in Sexual Offenders. *International Journal of Offender Therapy and Comparative Criminology, 47*, 452-467.
- Eysenck, H. J. (1972). *Psychology is about people*. Harmondsworth: Penguin.
- Eysenck, H. J. (1976). *Sex and personality*. Austin: University of Texas Press.
- Finkelhor, D. (1979). *Sexually victimized children*. New York: Free Press.
- Finkelhor, D. (1984). *Child sexual abuse: New theory and research*. New York: The Free Press.
- Finkelhor, D., Hotaling, G., Lewis, I. A., & Smith, C. (1990). Sexual abuse in a national survey of adult men and women: Prevalence, characteristics, and risk factors. *Child Abuse and Neglect, 14*, 19-28.
- Firestone, P., Nunes, K. L., Moulden, H., Broom, I., & Bradford, J. M. (2005). Hostility and recidivism in sexual offenders. *Archives of Sexual Behavior, 34*, 277-283.
- Fisher, D., Beech, A., & Browne, K. (1999). Comparison of sexual offenders to non-offenders on selected psychological measures. *International Journal of Offender Therapy and Comparative Criminology, 43*(4), 473-491.
- Ford, M. E., & Linney, J. A. (1995). Comparative analysis of juvenile sexual offenders, violent non sexual offenders, and status offenders. *Journal of Interpersonal Violence, 10*, 56-70.

- Freund, K (1988). Courtship disorder: Is this hypothesis valid? *Annals of The New York Academy of Sciences*, 528, 172-182.
- Freund, K., & Watson, R. (1991). Assessment of the sensitivity and specificity of a phallometric test: An update of phallometric diagnosis of pedophilia. *Psychological Assessment*, 3, 254-260.
- Gacono, C. B., Meloy, J. R., & Bridges, M. (2000). A Rorschach comparison of psychopaths, sexual homicide perpetrators, and non violent pedophiles: Where angels fear to tread. *Journal of Clinical Psychology*, 54(6), 757-777.
- Galinha, I. C., & Pais-Ribeiro, J. L. (2005). Contribuição para o estudo da versão Portuguesa da Positive and Negative Affect Schedule (PANAS): abordagem teórica ao conceito de afecto. *Análise Psicológica*, 2, 209-218.
- Galinha, I. C., & Pais-Ribeiro, J. L. (2005). Contribuição para o estudo da versão Portuguesa da Positive and Negative Affect Schedule (PANAS): II – Estudo psicométrico. *Análise Psicológica*, 2, 219-227.
- Gidycz, C.A., Layman, M. J., Crothers, M., Gylys, J., Matorin, A., & Dowdall, C. (1997). *An evaluation of an acquaintance rape prevention program: Impact on attitudes and behavior*. Paper presented at the meeting of the Midwestern Psychological Association, Chicago, IL.
- Giotakos, O., Markianos, M., Vaidakis, N., & Christodoulou, G. N. (2003). Aggression, impulsivity, plasma sex hormones, and biogenic amine turnover in a forensic population of rapists. *Journal of Sex and Marital Therapy*, 29, 215-225.
- Goldberg, L. R. (1990). An alternative description of personality: The Big-Five factor structure. *Journal of Personality and Social Psychology*, 59, 1216-1229.
- Gottfredson, M., & Hirschi's, T. (1990). *A general theory of crime*. Stanford: Standford University Press.

- Greene, D., M., & Navarro, R. L. (1998). Situation specific assertiveness in the epidemiology of sexual victimization among university women: A prospective path analysis. *Psychology of Women Quarterly*, 22, 589-604.
- Groth, A. N., Burgess, A. W., & Holmstrom, I. L. (1977). Rape: Power, anger, and sexuality. *American Journal of Psychiatry*, 134, 1239-1243.
- Groth, N. A., & Birnbaum, H. J. (1978). Adult sexual orientation and attraction to underage persons. *Archives of Sexual Behavior*, 7, 175-181.
- Hall, G. C. N., & Hirschman, R. (1991). Toward a theory of sexual aggression: a quadripartite model. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 59, 643-669.
- Hall, G. C. N., & Hirschman, R. (1992). Sexual aggression against children: A conceptual perspective of etiology. *Criminal Justice and Behavior*, 19, 8-23.
- Hanson, R. K., & Bussière, M. T. (1998). Predicting relapse: A meta-analysis of sexual offender recidivism studies. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 66, 348-362.
- Hanson, R. K., & Harris, A. (2000). Where should we intervene? Dynamic predictors of sexual offense recidivism. *Criminal Justice and Behavior*, 27, 6-35.
- Hanson, R., & Bussière, M. (1998). Predicting relapse: A meta-analysis of sexual offender recidivism studies. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 86, 348-362.
- Hays, R.D., Hayashy, T., & Stewart, A.L (1989). A five-item measure of socially desirable response set. *Education and Psychological Measurement*, 49, 629-636.
- Heaven, P. C. L., Fitzpatrick, J., Craig, F. L., Kelly, P., & Sebar, G. (2000). Five personality factors and sex: Preliminary findings. *Personality and Individual Differences*, 28, 1133-1141.

- Horley, J. (2008). *Sexual offenders: personal construct theory and deviant sexual behavior*. New York: Routledge.
- Hsu, L. K. J., & Starzynski, J. (1990). Adolescent rapist and adolescent child sexual assaulters. *International Journal of Offender Therapy and Comparative Criminology*, 34, 23-30.
- Hudson, S., & Ward, T. (1997). Rape: Psychopathology and theory. In D. R. Laws, & W. O'Donohue (Eds). *Sexual deviance: Theory, assessment and treatment* (pp. 332-355). New York: Guildford.
- James, M., & Seager, J. A. (2006). Impulsivity and schemas for a hostile world: Postdictors of violent behavior. *International Journal of Offender Therapy and Comparative Criminology*, 50, 47-56.
- Janssen, E., & Bancroft, J. (2006). The Dual Control Model: The role of sexual inhibition and excitation in sexual arousal and behavior. In Janssen, E. (Ed). *The psychophysiology of sex*. Bloomington: Indiana University Press.
- Janssen, E., Vorst, H., Finn, P., & Bancroft, J. (2002a). The Sexual Inhibition (SIS) and Sexual Excitation (SES) Scales: II predicting psychophysiological responses patterns. *Journal of Sex Research*, 39, (2), 127-132.
- Janssen, E., Vorst, H., Finn, P., & Bancroft, J. (2002b). The Sexual Inhibition (SIS) and Sexual Excitation (SES) Scales: I measuring sexual inhibition and excitation proneness in men. *Journal of Sex Research*, 39, (2), 114-126.
- John, O. P., Goldberg, L. R., & Angleitner, A. (1984). Better than the alphabet: Taxonomies of personality-descriptive terms in English, Dutch, and German. In H. Bonarios, G. van Heck, & N. Smid (Eds), *Personality psychology in Europe: Theoretical and empirical developments* (pp. 83-100). Berwyn, IL: Swets North America.
- Johnson, S. A. (2007). *Physical abusers and sexual offenders: forensic and clinical strategies*. Boca Raton: Taylor & Francis Group.

- Kafka, M., & Hennen, J. (2002). DSM-IV Axis I comorbidity study of males with paraphilias and paraphilias-related disorders. *Sexual Abuse, 14*, 349-366.
- Kilpatrick, D. G., Edmunds, C., & Seymour, A. (1992). *Rape in America: A report to the nation*. Charleston: Medical University of South Carolina, National Victims Center & the Crime Victims Research and Treatment Center.
- Kingston, D. A., Firestone, P., Moulden, H., M., & Bradford, J., M. (2007). The utility of the diagnosis of pedophilia: A comparison of various classifications procedures. *Archives of Sexual Behavior, 36*, 423-436.
- Knight, R. A., Carter, D., L., & Prentky, R. A. (1989). A system for the classification of child molesters: Reliability and application. *Journal of Interpersonal Violence, 4*, 3-23.
- Kolivas, E. D., & Gross, A. M. (2007). Assessing sexual aggression: Addressing the gap between rape victimization and perpetration prevalence rates. *Aggression and Violent Behavior, 12*, 315-328.
- Koss, M. P. (1992). The underdetection of rape: Methodological choices influence incidence estimates. *Journal of Social Issues, 48*, 61-75.
- Koss, M. P., Abbey, A., Campbell, R., Cook, S., Norris, J., Testa, M., Ullman, S., West, C., & White, J., (2007). Revising the SES: A collaborative process to improve assessment of sexual aggression and victimization. *Psychology of Women Quarterly, 31*, 357-370.
- Koss, M. P., Dinero, T. E., Seibel, C. A., & Cox, S. L. (1988). Stranger and acquaintance rape: Are there differences in the victim's experience? *Psychology of Women Quarterly, 12*, 1-24.
- Lalumière, M. L., & Quinsey, V. L. (1994). The discriminability of rapists from non sex offenders using phallometric measure: A meta-analysis. *Criminal Justice and Behavior, 21*, 150-175.
- Lanyon, R. I. (1986). Theory and treatment in child molesters. *Journal of Consulting and Clinical Psychology, 54*, 176-182.

- Larzelere, R. E., & Mulaik, S. A. (1977). Single-sample tests for many correlations. *Psychological Bulletin, 84*, 557-569.
- Lee, J. K. P., Pattison, P., Jackson, H. J., & Ward, T. (2001). The general, common, and specific features of psychopathology for different types of paraphilias. *Criminal Justice and Behavior, 28*, 227-256.
- Leirós, V. S., Carvalho, J. & Nobre, P. J. (2011). The role of early maladaptive schemas on sexual aggression – A preliminary study with male college students. Manuscrito submetido para publicação.
- Leue, A., Brocke, B., & Hoyer, J. (2008). Reinforcement sensitivity of sex offenders and non-sex offenders: An experimental and psychometric study of reinforcement sensitivity theory. *British Journal of Psychology, 99*, 361-378.
- Listwan, S. J., Voorhis, P., & Ritchey, P. N. (2007). Personality, criminal behavior, and risk assessment: implications for theory and practice. *Criminal Justice and Behavior, 34*, 60-75.
- Lohr, B. A., Adams, H. E., & Davis, J. M. (1997). Sexual arousal to sexual aggressive stimuli in sexually coercive and noncoercive men. *Journal of Abnormal Psychology, 106* (2), 230-242.
- Looman, J., Gauthier, C., & Boer, D. (2001). Replication of the Massachusetts Treatment Center Child Molester Typology in a Canadian Sample. *Journal of Interpersonal Violence, 16*, 753-767.
- Lussier, P., Leclerc, B., Cale, J., & Proulx, J. (2007). Development pathways in deviance of sexual aggressors. *Criminal Justice and Behavior, 34*, 1441-1462.
- Lyn. T. S., & Burton, D. L. (2004). Adult attachment and sexual offender status. *American Journal of Orthopsychiatry, 74*(2), 150-159.
- Magalhães, E., Salgueira, A., Gonzalez, A. J., Costa, J. J., Costa, M. J., Costa, P., & Lima, M. P. NEO-FFI: Psychometric properties of a short personality inventory. *European Journal of Psychological Assessment, in press*.

- Malamuth, N. M. (1986). Predictors of naturalistic sexual aggression. *Journal of Personality and Social Psychology, 50*, 330-340.
- Malouff, J., Thorsteinsson, E., & Schutte, N. (2005). The relationship between the Five-Factor-Model of Personality and symptoms of clinical disorders: A meta-analysis. *Journal of Psychopathology and Behavioral Assessment, 27*, 101-114.
- Mann, R., & Hollin, C. (2010). Self reported schemas in sexual offenders. *Journal of Forensic Psychiatry and Psychology, 21* (6), 834-851.
- Maroco, J (2003). *Análise estatística com utilização do SPSS*. Lisboa: Edições Sílabo.
- Marshall, W. L. (1989). Invited essay: Intimacy, loneliness, and sexual offenders. *Behavior Research and Therapy, 27*, 491-503.
- Marshall, W. L. (1993). The role of attachment, intimacy, and loneliness in the etiology and maintenance of sexual offending. *Sexual and Marital Therapy, 8*, 109-121.
- Marshall, W. L., & Barbaree, H. E. (1990). An integrated theory of the etiology of sexual offending. In W. L. Marshall, D. R. Laws, & H. E. Barbaree (Eds). *Hand book of sexual assault: Issues, theories, and treatment of the offender* (pp. 257-275). New York: Plenum.
- Marshall, W. L., & Marshall, L. E. (2000). The origins of sexual offending. *Trauma, Violence and Abuse, 1*, 250-263.
- Marshall, W. L., Anderson, D., & Fernandez, Y. (1999). *Cognitive Behavioral Treatment of Sexual Offenders*. Chichester: Wiley.
- Marshall, W. L., Barbaree, H. E., & Christophe, D. (1986). Sexual offenders against female children: Sexual preferences for age victims and type of behavior. *Canadian Journal of Behavioral Sciences, 18*, 424-439.

- Marshall, W. L., Marshall, L. E., Serran, G. A., & Fernandez, Y. M. (2006). *Treating sexual offenders: An integrated approach*. New York: Routledge.
- Masters, W. & Johnson, V. (1970). *Human sexual inadequacy*. Boston: Little, Brown and Company.
- Masters, W. H., Johnson, V. E., & Kolodny, R. C. (1988). *Human Sexuality*. Glenview: Scott, Foresman.
- McAnulty, R. D. (2006). Pedophilia. In R. D. McAnulty, & M. M. Burnette (Eds). *Sex and sexuality: Sexual deviation and sexual offenses* (pp. 81-96). London: Praeger.
- McCrae, R. R., & Costa, P. T. (1996). Toward a new generation of personality theories: Theoretical contexts for the five-factor-model. In J. S. Wiggins (Ed). *The five-factor model of personality: Theoretical perspectives* (pp. 51-87). New York: The Guildford Press.
- McCrae, R. R., & Costa, P. T. Jr. (1987). Validation of the five-factor model of personality across instruments and observers. *Journal of Personality and Social Psychology*, *52* (1), 81-90.
- McCrae, R. R., & Costa, P. T. Jr. (1990). *Personality in adulthood*. New Yourk: Guildford.
- McCrae, R. R., & John, O. P. (1992). An introduction to the five-factor model and its applications. *Journal of Personality*, *60*, 175-215.
- McGinn, L., & Young, J. L. (1996). Schema focused therapy. In P. M. Salkovskis (Ed), *Frontiers of Cognitive Therapy* (pp. 182-207). New York: The Guildford Press.
- McKibben, A., Proulx, J., & Lusignan, R. (1994). Relationships between conflict, affect, and deviant sexual behaviors in rapists and child molesters. *Behavior Research and Therapy*, *32*, 571-575.

- Milner, R.J., & Webster, S.D. (2005). Identifying schemas in child molesters, rapists, and violent offenders. *Sexual abuse: A Journal of Research and Treatment, 17*, 425-439.
- Miner, M. H. (2002). Factors associated with recidivism in juveniles: An analysis of serious juvenile sex offenders. *Journal of Research in Crime and Delinquency, 39*, 421-436.
- Miner, M. H., & Dwyer, M. (1995). Analysis of dropouts from outpatient sex offender treatment. *Journal of Psychology & Human Sexuality, 7*(3), 77-93.
- Moffitt, T., Caspi, A., Harrington, H., & Milne, B. J. (2002). Males on the life course persistent and adolescence limited antisocial pathways: Follow up at age 26. *Development and Psychopathology, 14*, 179-207.
- Molnar, B. E., Buka, S., L., & Kessler, R. C. (2001). Child sexual abuse and subsequent psychopathology: Results from the national comorbidity survey. *American Journal of Public Health, 91*, 753-760.
- Monterosso, J. & Ainslie, G. (1999). Beyond discounting: Possible experimental models of impulse control. *Psychopharmacology, 146*, 339-347.
- O'Donohue, W., Regev, L., G., & Hagstrom, A. (2000). Problems with the DSM-IV diagnosis of pedophilia. *Sexual Abuse: A Journal of Research and Treatment, 12*, 95-105.
- Overholser, J. C., & Beck, S. (1986). Multimethod assessment of rapists, child molesters, and three control groups on behavioural and psychological measures. *Journal of Consulting and Clinical Psychology, 54*, 682-687.
- Pardue, A., & Arrigo, B. A. (2008). Power, anger and sadistic rapists: Toward a differentiated model of offender personality. *International Journal of Offender Therapy and Comparative Criminology, 52*, 378-400.
- Patton, J. H., Stanford, M. S., Barrat, E. S. (1995). Factor structure of the Barrat Impulsiveness Scale. *Journal of Clinical Psychology, 51* (6), 768-774.

- Peabody, D., & Goldberg, L. R. (1989). Some determinants of factor structures from personality-trait descriptors. *Journal of Personality and Social Psychology, 57*, 552-567.
- Peterson, Z. D., Janssen, E., & Heiman, J. R. (2010). The association between sexual aggression and HIV risk behavior in heterosexual men. *Journal of Interpersonal Violence, 25*, 538-556.
- Plutchik, R. (1997). The circumplex as a general of the structure of emotions and personality. In R. Plutchik, & H. R. Conte (Eds), *Circumplex Models of Personality and Emotions* (pp. 17-31). Washington: American Psychological Association.
- Polaschek, D.L.L., & Ward, T. (2002). The implicit theories of potential rapists: What our questionnaires tell us. *Aggression and Violent Behavior, 7*, 385-406.
- Porter, S., Fairweather, D., Drugge, J., Herve, H., Birt, A., & Boer, D. P. (2000). Profiles of psychopathy in incarcerated sexual offenders. *Criminal Justice and Behavior, 27*, 216-233.
- Prentky, R. A., Knight, R. A., Rosenberg, R., & Lee, A. (1989). A path analytic approach to the validation of a taxonomic system for classifying child molesters. *Journal of Quantitative Criminology, 5*, 231-257.
- Priberam (2007). *Código Penal*. Retirado em Novembro de 2010 do sítio http://www.nao-estas-a-venda.sef.pt/docs/codigo_penal.pdf.
- Quinsey, V. L., & Lalumière, M. (2001). *Assessment of sexual offenders against children*. Thousand Oaks, CA: Sage.
- Quinsey, V. L., Rice, M., & Harris, G. (1995). Predicting sexual offenses. In J. Campbell (Ed). *Assessing dangerousness: Violence by sexual offenders, batterers, and child abusers* (pp. 114-137). Newbury Park: Sage.

- Quinta Gomes, A. L., Fonseca, L. M., Pinto-Gouveia, J. A., Janssen, E., & Nobre, P. J. (in preparation). Validation of the Portuguese version of Sexual Inhibition (SIS) and Sexual Excitation Scales (SES).
- Quinta-Gomes, A. L., & Nobre, P. J. (2010). Personality traits and psychopathology in male sexual dysfunction: An empirical study. *Journal of Sexual Medicine*, no prelo.
- Raymond, N., Coleman, E., Ohlerking, F., Christenson, G., & Miner, M. (1999). Psychological co-morbidity in pedophilic sexual offenders. *American Journal of Psychiatry*, 155(6), 786-788.
- Rebocho, M. F. (2007). *Caracterização do violador Português: um estudo exploratório*. Coimbra: Almedina.
- Rice, M. & Harris, G. (1997). Cross-validation and extension of the violence risk appraisal guide for child molesters and rapists. *Law and Human Behavior*, 21, 231-241.
- Richardson, G. (2005). Early maladaptive schemas in a sample of British adolescent sexual abusers: implications for therapy. *Journal of Sexual Aggression*, 11, 259-276.
- Rijo, D. (2009). *Esquemas mal-adaptativos precoces: validação do conceito e dos métodos de avaliação*. Tese de doutoramento não publicada. Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal.
- Rosen, R., Beck, J. (1988). *Patterns of Sexual Arousal: Psychophysiological Processes and Clinical Applications*. Nova York: Guildford Press.
- Russell, D. E. H. (1986). *The secret trauma: Incest in the lives of girls and women*. New York: Basic Books.
- Schmidt, N. B., Joiner, T. E., Young, J. E., & Telch, M. J. (1995). The Schema Questionnaire: Investigation of psychometric properties and the hierarchical

- structure of a measure of maladaptative schemata. *Cognitive Therapy and Research*, 19(3), 295-321.
- Seghorn, T. K., & Cohen, M. (1980). The psychology of the rape assailant. In W. J. Curran, A. L. McGary, & C. S. Petty (Eds). *Modern legal medicine, psychiatry, and forensic science* (pp. 533-555). Philadelphia: Davis.
- Seto, M. C. (2004). Pedophilia and sexual offenses against children. *Annual Review of Sex Research*, 15, 321-361.
- Seto, M. C., & Lalumière, M. L. (2001). A brief screening scale to identify pedophilic interests among child molesters. *Sexual Abuse: A Journal of Research and Treatment*, 13 (1), 15-25.
- Seto, M. C., Harris, G. T., Rice, M. E., & Barbaree, H. E. (2004). The screening scale for for pedophylic interest predicts recidivism among adult sex offenders with child victims. *Archives of Sexual Behavior*, 33, 455-466.
- Seto, M. C., Lalumière, M. L., & Kuban, M. (1999). The sexual preferences of incest offenders. *Journal of Abnormal Psychology*, 108, 267-272.
- Seto, M., & Barbaree, H. (1999). Psychopathy, treatment behavior, and sex offender recidivism. *Journal of Interpersonal Violence*, 14, 1235-1248.
- Shechory, M., & David, S. B. (2005). Aggression and anxiety in rapists and child molesters. *International Journal of Offender Therapy and Comparative Criminology*, 49, 652-661.
- Sims, A. (1988). *Symptoms in the mind: An introduction to descriptive psychopathology*. London: Bailliere Tindal.
- Sorenson, S., B., Stein, J. A., Siegel, J. M., Golding, J. M., & Burnham, M. A. (1987). The prevalence of adult sexual assault: The Los Angeles Epidemiologic Catchment Area Project. *American Journal of Epidemiology*, 126, 1154-1164.

- Standford, M. S., Houston, R. J., Mathias, C. W., Villemarette-Pittman, N. R., Helfritz, L. E., & Conkin, S. M. (2003). Characterizing aggressive behavior. *Assessment, 10*, 183-190.
- Swaffer, T., Hollin, C., Beech, A., Beckett, R., & Fisher, D. (2000). An exploration of child sexual abuser's fantasies before and after treatment. *Sexual Abuse: A Journal of Research and Treatment, 12*, 61-68.
- Tellegen, A. (1991). Personality traits: Issues of definition, evidence, and assessment. In W. M. Grove & D. Cicchetti (Eds), *Thinking clearly about psychology: Essays in honor of Paul E. Meehl* (Vol. 2, pp. 10-35). Minneapolis: University of Minnesota Press.
- Tjaden, P., & Thoennes, N. (2000). Prevalence and consequences of male-to-female and female-to-male intimate partner violence as measured by the National Violence Against Women Survey. *Violence Against Women, 6*, 142-161.
- Underhill, J., Wakeling, H. C., Mann, R. E., & Webster, S. D. (2008). Male sexual offenders' emotional openness with men and women. *Criminal Justice and Behavior, 35*, 1156-1173.
- Vandiver, D. (2006). Female Sex Offenders. In McAnuly, R., D., & Burnette, M. M. (Eds), (47-80). *Sex and Sexuality: Sexual Deviation and Sexual Offenses*. London: Praeger.
- Vollum, J. B., Edens, J. F., Johnson, D. W., & Johnson, J. K. (2002). Psychopathy as a predictor of institutional misbehavior among sex offenders: A prospective replication. *Criminal Justice and Behavior, 29*, 497-511.
- Ward, T. (2000). Sexual offenders' cognitive distortions as implicit theories. *Aggression and Violent Behavior, 5*, 491-507.
- Ward, T., & Beech, A. (2006). An integrated theory of sexual offending. *Aggression and Violent Behavior, 11*, 44-63.

- Ward, T., & Keenan, T. (1999). Child molesters' implicit theories. *Journal of Interpersonal Violence, 14*, 821-838.
- Ward, T., & Siegert, R. (2002). Toward a comprehensive theory of child sexual abuse: A theory of knitting perspective: *Psychology, Crime, and Law, 9*, 319-351.
- Ward, T., Hudson, S. M., Keenan, T. (1998). A self-regulating model of the sexual offense process. *Sexual Abuse: A Journal of Research and Treatment, 10*, 141-157.
- Ward, T., Hudson, S., & Marshall, W. (1996). Attachment style in sex offenders: A preliminary study. *Journal of Sex Research, 33*, 17-26.
- Watson, D., & Clark, L. A. (1997). Measurement and mismeasurement of mood: Recurrent and emergent issues. *Journal of Personality Assessment, 68*, 267-296.
- Watson, D., & Tellegen, A. (1985). Toward a consensual structure of mood. *Psychological Bulletin, 98*, 219-235.
- Watson, D., Clark, L., & Tellegen, A. (1988). Development and validation of brief measures of positive and negative affect: the PANAS scales. *Journal of Personality and Social Psychology, 54*, 1063-1070.
- Wright, B. R. E., Caspi, A., Moffitt, T. E., & Paternoster, R. (2004). Does the perceived risk of punishment deter criminally prone individuals? Rational choice, self-control, and crime. *Journal of Research in Crime and Delinquency, 41*, 180-213.
- Yasuda, T., Lawrenz, C., Whitlock, R. V., Lubin, B., & Lei, P. W. (2004). Assessment of intraindividual variability in positive and negative affect using latent state-trait model analysis. *Educational and Psychological Measurement, 64*, 514-530.
- Young, J. E. (1990). *Cognitive therapy for personality disorders*. Sarasota: Professional Resources Press.

- Young, J. E. (1999). *Cognitive therapy for personality disorders: A schema-focused approach*. (rev. ed). Sarasota: Professional Resources Press.
- Young, J. E. (2005). *Young Schema Questionnaire-S3*. Cognitive Therapy Center of New York.
- Young, J. E., Klosko, J. S., & Weishaar, M. E. (2003). *Schema Therapy: A Practitioner's Guide*. New York: The Guildford Press.
- Zajonc, R. B. (1980). Feeling and thinking. Preferences need no inferences. *American Psychologist*, 35, 151-175.
- Zuckerman, M. (1993). P-impulsive sensation seeking and its behavioral, psychophysiological, biochemical correlates. *Neuropsychobiology*, 28, 30-36.

Anexos

Anexo A

Questionário Sócio-Demográfico (Amostra Prisional)

Joana Carvalho & Pedro Nobre

Idade:....

Estado Civil:

1 Casado..... 2 Solteiro..... 3 União de Facto.... 4 Divorciado..... 5 Separado
6 Viúvo.....

Habilitações Literárias:

1ª Ciclo (até 4ª Classe)..... 2ª Ciclo (até ao 6º Ano)..... 3ª Ciclo (até ao 9ª Ano).....

Secundário (até ao 12º ano) Licenciatura/Mestrado Integrado Outro

Problemas psiquiátricos (anteriores ou actuais) diagnosticados por médico ou psicólogo:

1 Depressão..... 2 Doença Bipolar..... 3 Ansiedade..... 4 Perturbação Obsessivo-Compulsiva.....

5 Esquizofrenia (ou outra doença psicótica) 6 Hiperactividade 7 Jogo Patológico.....

8 Personalidade Boderline9 Dependência de Drogas..... 10 Alcoolismo.....

11 Outro:.....

Ano do diagnóstico:(por exemplo, 2001)

Orientação Sexual:

1 Heterossexual 2 Homossexual 3 Bissexual

Enquanto agressor (preencher segundo o processo)

Contexto Penal: 1 Condenado..... 2 Inimputável.....

Tipo de Crime: 1 Abuso Sexual Crianças.....

2 Coação Sexual.....

3 Violação.....

Tipo de vítima: 1 Crianças..... 2 Adultos 3 crianças E adultos.....

Contexto: 1 Intra-familiar..... 2 Extra-familiar 3 intra E extra familiar.....

A vítima era: 1 Conhecida..... 2 Desconhecia3 Ambas as situações.....

Início do comportamento agressor:

Frequência do comportamento agressor:

Nº de vítimas:.....

Tipo de coação: 1 Física..... 2 Psicológica..... 3 física E psicológica

4 Sequestro..... 5 Armas

Consequências: 1 Ferimentos na vítima..... 2 Morte da vítima.....

Premeditação: 1 Houve premeditação..... 2 Casual/espontâneo..... 3 Ambos.....

4 Outro tipo.....

Consome Drogas (excepto tabaco e álcool)?:

1 Sim..... 2 Não.....

Se sim, 1 Todas as semanas 2 1/3 vezes por mês 3 1/3 vezes por ano.....

Que drogas consome?.....

Outros crimes que não sexuais: 1 Sim 2 Não..... **Se sim, qual**.....

Dados Relevantes:

BSSIP

- 1) O Ofensor tem vítima masculina.
Sim.... Não, vítimas femininas apenas....
- 2) O ofensor tem mais de uma vítima.
Sim.... Não, tem apenas uma vítima....
- 3) O ofensor tem uma vítima de 11 anos ou menos.
Sim.... Não, as vítimas tinham 12/13 anos....
- 4) O Ofensor tem uma vítima extra familiar/estranha.
Sim.... Não, apenas vítimas intra-familiares/conhecidas....

Anexo B

Questionário Sócio-Demográfico (Amostra Estudantil)

Joana Carvalho & Pedro Nobre

Idade:.....

Estado Civil:

1 Casado..... 2 Solteiro..... 3 União de Facto.... 4 Divorciado..... 5 Separado

6 Viúvo.....

Habilitações Literárias:

1ª Ciclo (até 4ª Classe)..... 2ª Ciclo (até ao 6º Ano)..... 3ª Ciclo (até ao 9º Ano).....

Secundário (até ao 12º ano) Licenciatura/Mestrado Integrado Outro

Problemas psiquiátricos (anteriores ou actuais) diagnosticados por médico ou psicólogo:

1 Depressão..... 2 Doença Bipolar..... 3 Ansiedade..... 4 Perturbação Obsessivo-Compulsiva.....

5 Esquizofrenia (ou outra doença psicótica) 6 Anorexia 7 Bulimia.....

8 Hiperactividade 9 Jogo Patológico..... 10 Personalidade Boderline

11 Dependência de Drogas..... 12 Alcoolismo.....

13 Outro:.....

Ano do diagnóstico:(por exemplo, 2001)

Orientação Sexual:

1 Heterossexual 2 Homossexual 3 Bissexual

Número de parceiros sexuais actuais:

1 Nenhum 2 Um parceiro sexual..... 3 Dois parceiros sexuais.....

4 Múltiplos parceiros sexuais.....

Frequência de actividade sexual (qualquer prática sexual):

1 Nenhuma..... 2 Raramente..... 3 1 vez por mês..... 4 2/3 vezes por mês.....

5 1/3 vezes por semana..... 6 Quase sempre.....

Alguma vez foi vítima de abuso sexual?

1 Sim 2 Não.....

Se sim, o agressor era: 1 Homem..... 2 Mulher..... 3 homem E mulher

O agressor era da própria família: 1 Sim..... 2 Não.....

O agressor era conhecido: 1 Sim..... 2 Não.....

O agressor era um estranho: 1 Sim..... 2 Não.....

Qual o período de tempo em que foi vítima de abuso sexual?(por exemplo, dos 7 aos 10 anos)

Durante os episódios de abuso, houve coação 1 Física 2 Psicológica.....

3 física E psicológica..... 4 Sequestro

Consome Drogas (excepto tabaco e álcool)?:

1 Sim..... 2 Não.....

Se sim, 1 Todas as semanas 2 1/3 vezes por mês 3 1/3 vezes por ano.....

Que drogas consome?

.....

.....

Anexo C

QUESTIONÁRIO DE ESQUEMAS DE YOUNG — YSQ — S3

INSTRUÇÕES: Estão indicadas a seguir algumas afirmações que podemos utilizar quando nos queremos descrever. Por favor, leia cada uma das afirmações e decida até que ponto ela se aplica a si, ao longo do último ano. Quando tiver dúvidas, responda baseando-se no que sente emocionalmente e não no que pensa ser verdade.

Algumas das afirmações referem-se à sua relação com os seus pais ou companheiro(a). Se alguma destas pessoas faleceu, por favor responda a estas questões com base na relação que tinha anteriormente com elas. Se, actualmente, não tem um(a) companheiro(a) mas teve relacionamentos amorosos no passado, por favor responda com base no seu relacionamento amoroso significativo mais recente.

Para responder até que ponto a afirmação o(a) descreve, utilize a escala de resposta abaixo indicada, escolhendo, de entre as seis respostas possíveis, aquela que melhor se ajusta ao seu caso. Escreva o número da resposta no respectivo espaço em branco.

ESCALA DE RESPOSTA

- 1 = Completamente falso, isto é, não tem absolutamente nada a ver com o que acontece comigo
- 2 = Falso na maioria das vezes, isto é, não tem quase nada a ver com o que acontece comigo
- 3 = Ligeiramente mais verdadeiro do que falso, isto é, tem ligeiramente a ver com o que acontece comigo
- 4 = Moderadamente verdadeiro, isto é, tem moderadamente a ver com o que acontece comigo
- 5 = Verdadeiro a maioria das vezes, isto é, tem muito a ver com o que acontece comigo
- 6 = Descreve-me perfeitamente, isto é, tem tudo a ver com o que acontece comigo

1. ___ Não tenho tido ninguém que cuide de mim, que partilhe comigo a sua vida ou que se preocupe realmente com tudo o que me acontece.
2. ___ Costumo apegar-me demasiado às pessoas que me são mais próximas porque tenho medo que elas me abandonem.
3. ___ Sinto que as pessoas se vão aproveitar de mim.
4. ___ Sou um(a) desajustado(a).
5. ___ Nenhum homem/mulher de quem eu goste pode gostar de mim depois de conhecer os meus defeitos ou fraquezas.
6. ___ Quase nada do que faço no trabalho (ou na escola) é tão bom como o que os outros são capazes de fazer.
7. ___ Não me sinto capaz de me desenvencilhar sozinho(a) no dia-a-dia.
8. ___ Não consigo deixar de sentir que alguma coisa de mal está para acontecer.
9. ___ Não tenho sido capaz de me separar dos meus pais, tal como fazem as outras pessoas da minha idade.
10. ___ Sinto que, se fizer o que quero, só vou arranjar sarilhos.
11. ___ Sou sempre eu que acabo por tomar conta das pessoas que me são mais chegadas.
12. ___ Sou demasiado controlado(a) para revelar os meus sentimentos positivos aos outros (por ex., afecto, mostrar que me preocupo).
13. ___ Tenho que ser o(a) melhor em quase tudo o que faço; não aceito ficar em segundo lugar.
14. ___ Tenho muita dificuldade em aceitar um "não" por resposta quando quero alguma coisa dos outros.
15. ___ Não sou capaz de me forçar a ter disciplina suficiente para cumprir tarefas rotineiras ou aborrecidas.
16. ___ Ter dinheiro e conhecer pessoas importantes faz-me sentir uma pessoa com valor.
17. ___ Mesmo quando as coisas parecem estar a correr bem, sinto que isso é apenas temporário.
18. ___ Se cometer um erro, mereço ser castigado.
19. ___ Não tenho pessoas que me dêem carinho, apoio e afecto.
20. ___ Preciso tanto dos outros que me preocupo com o facto de os poder perder.
21. ___ Sinto que tenho sempre que me defender na presença dos outros, senão eles

- magoar-me-ão intencionalmente.
22. ___ Sou fundamentalmente diferente dos outros.
 23. ___ Ninguém que me agrada gostaria de ficar comigo depois de me conhecer tal como eu sou na realidade.
 24. ___ Sou um(a) incompetente quando se trata de atingir objectivos ou de levar a cabo uma tarefa no trabalho (ou na escola).
 25. ___ Considero-me uma pessoa dependente relativamente ao que tenho que fazer no dia-a-dia.
 26. ___ Sinto que uma desgraça (natural, criminal, financeira ou médica) pode atingir-me a qualquer momento.
 27. ___ Eu e os meus pais temos tendência a envolvermo-nos demasiado na vida e nos problemas uns dos outros.
 28. ___ Sinto que não tenho outro remédio senão ceder à vontade dos outros, caso contrário, eles irão retaliar, zangar-se ou rejeitar-me de alguma maneira.
 29. ___ Sou uma boa pessoa porque penso mais nos outros do que em mim.
 30. ___ Considero embaraçoso exprimir os meus sentimentos aos outros.
 31. ___ Esforço-me por fazer o melhor; não me contento com ser suficientemente bom.
 32. ___ Sou especial e não devia ser obrigado(a) a aceitar muitas das restrições ou limitações que são impostas aos outros.
 33. ___ Se não consigo atingir um objectivo, fico facilmente frustrado(a) e desisto.
 34. ___ Aquilo que consigo alcançar tem mais valor para mim se for algo em que os outros reparem.
 35. ___ Se algo de bom acontecer, preocupa-me que esteja para acontecer algo de mau a seguir.
 36. ___ Se não me esforçar ao máximo, é de esperar que as coisas corram mal.
 37. ___ Tenho sentido que não sou uma pessoa especial para ninguém.
 38. ___ Preocupa-me que as pessoas a que estou ligado(a) me deixem ou me abandonem.
 39. ___ Mais tarde ou mais cedo, acabarei por ser traído(a) por alguém.
 40. ___ Sinto que não pertença a grupo nenhum; sou um solitário.
 41. ___ Não tenho valor suficiente para merecer o amor, a atenção e o respeito dos outros.
 42. ___ A maioria das pessoas tem mais capacidades do que eu no que diz respeito ao trabalho (ou à escola).
 43. ___ Tenho falta de bom senso.
 44. ___ Preocupa-me poder ser fisicamente agredido por alguém.
 45. ___ É muito difícil, para mim e para os meus pais, termos segredos íntimos que não contamos uns aos outros, sem nos sentirmos traídos ou culpados por isso.
 46. ___ Nas minhas relações com os outros deixo que eles me dominem.
 47. ___ Estou tão ocupado(a) a fazer coisas para as pessoas de quem gosto que tenho pouco tempo para mim.
 48. ___ Para mim é difícil ser caloroso(a) e espontâneo(a) com os outros.
 49. ___ Devo de estar à altura de todas as minhas responsabilidades e funções.
 50. ___ Detesto ser reprimido(a) ou impedido(a) de fazer o que quero.
 51. ___ Tenho muita dificuldade em abdicar de uma recompensa ou prazer imediato, a favor de um objectivo a longo prazo.
 52. ___ Sinto-me pouco importante, a não ser que receba muita atenção dos outros.
 53. ___ Todo o cuidado é pouco; quase sempre alguma coisa corre mal.
 54. ___ Se não fizer bem o que me compete, mereço sofrer as consequências.
 55. ___ Não tenho tido ninguém que me ouça atentamente, que me compreenda ou que perceba os meus verdadeiros sentimentos e necessidades.
 56. ___ Quando sinto que alguém de quem eu gosto se está a afastar de mim, sinto-me desesperado.
 57. ___ Sou bastante desconfiado quanto às intenções das outras pessoas.
 58. ___ Sinto-me afastado(a) ou desligado dos outros.
 59. ___ Sinto que nunca poderei ser amado por alguém.
 60. ___ Não sou tão talentoso(a) no trabalho como a maioria das pessoas.
 61. ___ Não se pode confiar no meu julgamento em situações do dia-a-dia.

62. ___ Preocupa-me poder perder todo o dinheiro que tenho e ficar muito pobre ou na miséria.
63. ___ Sinto frequentemente que é como se os meus pais vivessem através de mim — não tenho uma vida própria.
64. ___ Sempre deixei que os outros escolhessem por mim; por isso, não sei realmente aquilo que quero para mim.
65. ___ Tenho sido sempre eu quem ouve os problemas dos outros.
66. ___ Controlo-me tanto que as pessoas pensam que não tenho sentimentos ou que tenho um coração de pedra.
67. ___ Sinto sobre mim uma pressão constante para fazer coisas e atingir objectivos.
68. ___ Sinto que não devia ter que seguir as regras e convenções habituais que as outras pessoas têm que seguir.
69. ___ Não me consigo obrigar a fazer coisas de que não gosto, mesmo quando sei que é para o meu bem.
70. ___ Quando faço uma intervenção numa reunião ou quando sou apresentado a alguém num grupo, é importante para mim obter reconhecimento e admiração.
71. ___ Por muito que trabalhe, preocupa-me poder ficar na miséria e perder quase tudo o que possuo.
72. ___ Não interessa porque é que cometi um erro; quando faço algo errado, há que pagar as consequências.
73. ___ Não tenho tido uma pessoa forte ou sensata para me dar bons conselhos e me dizer o que fazer quando não tenho a certeza da atitude que devo tomar.
74. ___ Por vezes, a preocupação que tenho com o facto de as pessoas me poderem deixar é tão grande, que acabo por as afastar.
75. ___ Estou habitualmente à procura de segundas intenções ou do verdadeiro motivo por detrás do comportamento dos outros.
76. ___ Em grupo, sinto sempre que estou de fora.
77. ___ Sou demasiado inaceitável para me poder mostrar tal como sou às outras pessoas ou para deixar que me conheçam bem.
78. ___ No que diz respeito ao trabalho (ou à escola) não sou tão inteligente como a maior parte das pessoas.
79. ___ Não tenho confiança nas minhas capacidades para resolver problemas que surjam no dia-a-dia.
80. ___ Preocupa-me poder estar a desenvolver uma doença grave, ainda que não tenha sido diagnosticado nada de grave pelo médico.
81. ___ Sinto frequentemente que não tenho uma identidade separada da dos meus pais ou companheiro(a).
82. ___ Tenho imenso trabalho para conseguir que os meus sentimentos sejam tidos em consideração e os meus direitos sejam respeitados.
83. ___ As outras pessoas consideram que faço muito pelos outros e não faço o suficiente por mim.
84. ___ As pessoas acham que tenho dificuldade em exprimir o que sinto.
85. ___ Não posso descuidar as minhas obrigações de forma leviana, nem desculpar-me pelos meus erros.
86. ___ Sinto que o que tenho para oferecer tem mais valor do que aquilo que os outros têm para dar.
87. ___ Raramente tenho sido capaz de levar as minhas decisões até ao fim.
88. ___ Receber muitos elogios dos outros faz-me sentir uma pessoa que tem valor.
89. ___ Preocupa-me que uma decisão errada possa provocar uma catástrofe.
90. ___ Sou uma pessoa má que merece ser castigada.

Anexo D

BREVE INVENTÁRIO DE SINTOMAS (BSI; L. R. Derogatis, 1983) (Tradução e Adaptação de M. C. Canavarro, 1995)

A seguir encontra-se uma lista de problemas ou sintomas que por vezes as pessoas apresentam. Assinale num dos espaços à direita de cada sintoma, aquele que melhor descreve o GRAU EM QUE CADA PROBLEMA O AFECTOU DURANTE A ÚLTIMA SEMANA. Para cada problema ou sintoma marque apenas um espaço com uma cruz. Não deixe nenhuma pergunta por responder.

EM QUE MEDIDA FOI AFECTADO PELOS SEGUINTE SINTOMAS	Nunca	Poucas vezes	Algumas vezes	Muitas vezes	Muitíssimas vezes
1. Nervosismo ou tensão interior	1	2	3	4	5
2. Desmaios ou tonturas	1	2	3	4	5
3. Ter a impressão que as outras pessoas podem controlar os seus pensamentos	1	2	3	4	5
4. Ter a ideia que os outros são culpados pela maioria dos seus problemas	1	2	3	4	5
5. Dificuldade em lembrar-se de coisas passadas ou recentes	1	2	3	4	5
6. Aborrecer-se ou irritar-se facilmente	1	2	3	4	5
7. Dores sobre o coração ou no peito	1	2	3	4	5
8. Medo na rua ou praças públicas	1	2	3	4	5
9. Pensamentos de acabar com a vida	1	2	3	4	5
10. Sentir que não pode confiar na maioria das pessoas	1	2	3	4	5
11. Perder o apetite	1	2	3	4	5
12. Ter um medo súbito sem razão para isso	1	2	3	4	5
13. Ter impulsos que não se podem controlar	1	2	3	4	5
14. Sentir-se sozinho mesmo quando se está com mais pessoas	1	2	3	4	5
15. Dificuldade em fazer qualquer trabalho	1	2	3	4	5
16. Sentir-se sozinho	1	2	3	4	5
17. Sentir-se triste	1	2	3	4	5
18. Não ter interesse por nada	1	2	3	4	5
19. Sentir-se atemorizado	1	2	3	4	5
20. Sentir-se facilmente ofendido nos seus interesses	1	2	3	4	5
21. Sentir que as outras pessoas não são amigas ou não gostam de si	1	2	3	4	5
22. Sentir-se inferior aos outros	1	2	3	4	5
23. Vontade de vomitar ou mal estar no estômago	1	2	3	4	5
24. Impressão de que os outros o costumam observar ou falar de si	1	2	3	4	5
25. Dificuldade em adormecer	1	2	3	4	5
26. Sentir necessidade de verificar várias vezes o que faz	1	2	3	4	5
27. Dificuldade em tomar decisões	1	2	3	4	5
28. Medo de viajar de autocarro, de comboio ou de metro	1	2	3	4	5
29. Sensação de que lhe falta o ar	1	2	3	4	5
30. Calafrios ou afrontamentos	1	2	3	4	5

EM QUE MEDIDA FOI AFECTADO PELOS SEGUINTE SINTOMAS	Nunca	Poucas vezes	Algumas vezes	Muitas vezes	Muitíssimas vezes
31. Ter de evitar certas coisas, lugares ou actividades por lhe causarem medo	1	2	3	4	5
32. Sensação de vazio na cabeça	1	2	3	4	5
33. Sensação de anestesia (encortiçamento ou formigueiro) no corpo	1	2	3	4	5
34. Ter a ideia que deveria ser castigado pelos seus pecados	1	2	3	4	5
35. Sentir-se sem esperança perante o futuro	1	2	3	4	5
36. Ter dificuldade em se concentrar	1	2	3	4	5
37. Falta de forças em partes do corpo	1	2	3	4	5
38. Sentir-se em estado de tensão ou aflição	1	2	3	4	5
39. Pensamentos sobre a morte ou que vai morrer	1	2	3	4	5
40. Ter impulsos de bater, ofender ou ferir alguém	1	2	3	4	5
41. Ter vontade de destruir ou partir coisas	1	2	3	4	5
42. Sentir-se embaraçado junto de outras pessoas	1	2	3	4	5
43. Sentir-se mal no meio das multidões como lojas, cinemas ou assembleias	1	2	3	4	5
44. Grande dificuldade em sentir-se "próximo" de outra pessoa	1	2	3	4	5
45. Ter ataques de terror ou pânico	1	2	3	4	5
46. Entrar facilmente em discussão	1	2	3	4	5
47. Sentir-se nervoso quando tem que ficar sozinho	1	2	3	4	5
48. Sentir que as outras pessoas não dão o devido valor ao seu trabalho ou às suas capacidades	1	2	3	4	5
49. Sentir-se tão desassossegado que não consegue manter-se sentado quieto	1	2	3	4	5
50. Sentir que não tem valor	1	2	3	4	5
51. A impressão que, se deixasse, as outras pessoas se aproveitariam de si	1	2	3	4	5
52. Ter sentimentos de culpa	1	2	3	4	5
53. Ter a impressão que alguma coisa não regula bem na sua cabeça	1	2	3	4	5

Anexo E

NEO-FFI
Lima & Simões (2000)

Leia cuidadosamente cada uma das afirmações que se seguem e assinale com uma cruz o que melhor representa a sua opinião. Responda a todas as questões.

Discordo Fortemente 0	Discordo 1	Neutro 2	Concordo 3	Concordo Fortemente 4
--------------------------	---------------	-------------	---------------	--------------------------

	0	1	2	3	4
1. Não sou uma pessoa preocupada.					
2. Gosto de ter muita gente à minha volta.					
3. Não gosto de perder tempo a sonhar acordado(a).					
4. Tento ser delicado com todas as pessoas que encontro.					
5. Mantenho as minhas coisas limpas e em ordem.					
6. Sinto-me muitas vezes inferior às outras pessoas.					
7. Rio facilmente.					
8. Quando encontro uma maneira correcta de fazer qualquer coisa não mudo mais.					
9. Frequentemente arranjo discussões com a minha família e colegas de trabalho.					
10. Sou bastante capaz de organizar o meu tempo de maneira a fazer as coisas dentro do prazo.					
11. Quando estou numa grande tensão sinto-me, às vezes, como se me estivessem a fazer em pedaços.					
12. Não me considero uma pessoa alegre.					
13. Fico admirado(a) com os modelos que encontro na arte e na natureza.					
14. Algumas pessoas pensam que sou invejoso(a) e egoísta.					
15. Não sou uma pessoa muito metódica (ordenada).					
16. Raramente me sinto só ou abatido(a).					
17. Gosto muito de falar com as outras pessoas.					
18. Acredito que deixar os alunos ouvir pessoas, com ideias discutíveis, só os pode confundir e desorientar.					
19. Preferia colaborar com as outras pessoas do que competir com elas.					
20. Tento realizar, conscienciosamente, todas as minhas obrigações.					
21. Muitas vezes sinto-me tenso(a) e enervado(a).					
22. Gosto de estar onde está a acção.					
23. A poesia pouco ou nada me diz.					
24. Tendo a ser descrente ou a duvidar das boas intenções dos outros.					
25. Tenho objectivos claros e faço por atingi-los de uma forma ordenada.					
26. Às vezes sinto-me completamente inútil.					
27. Normalmente prefiro fazer as coisas sozinho(a).					
28. Frequentemente experimento comidas novas e desconhecidas.					
29. Penso que a maior parte das pessoas abusa de nós, de as deixarmos.					
30. Perco muito tempo antes de me concentrar no trabalho.					
31. Raramente me sinto amedrontado(a) ou ansioso(a).					
32. Muitas vezes, sinto-me a rebentar de energia.					

Discordo Fortemente 0	Discordo 1	Neutro 2	Concordo 3	Concordo Fortemente 4
--------------------------	---------------	-------------	---------------	--------------------------

	0	1	2	3	4
33. Poucas vezes me dou conta da influência que diferentes ambientes produzem nas pessoas.					
34. A maioria das pessoas que conheço gostam de mim.					
35. Trabalho muito para conseguir o que quero.					
36. Muitas vezes aborreço-me a maneira como as pessoas me tratam.					
37. Sou uma pessoa alegre e bem disposta.					
38. Acredito que devemos ter em conta a autoridade religiosa quando se trata de tomar decisões respeitantes à moral.					
39. Algumas pessoas consideram-me frio(a) e calculista.					
40. Quando assumo um compromisso podem sempre contar que eu o cumpra.					
41. Muitas vezes quando as coisas não me correm bem perco a coragem e tenho vontade de desistir.					
42. Não sou um(a) grande optimista.					
43. Às vezes ao ler poesia e ao olhar para uma obra de arte sinto um arrepio ou uma onda de emoção.					
44. Sou inflexível e duro(a) nas minhas atitudes.					
45. Às vezes não sou tão seguro(a) ou digno(a) de confiança como deveria ser.					
46. Raramente estou triste ou deprimido(a).					
47. A minha vida decorre a um ritmo rápido.					
48. Gosto pouco de me pronunciar sobre a natureza do universo e da condição humana.					
49. Geralmente procuro ser atencioso(a) e delicado(a).					
50. Sou uma pessoa aplicada, conseguindo sempre realizar o meu trabalho.					
51. Sinto-me, muitas vezes, desamparado(a), desejando que alguém resolva os meus problemas por mim.					
52. Sou uma pessoa muito activa.					
53. Tenho muita curiosidade intelectual.					
54. Quando não gosto das pessoas faço-lhe saber.					
55. Parece que nunca consigo ser organizado(a).					
56. Já houve alturas em que fiquei tão envergonhado(a) que desejava meter-me num buraco.					
57. Prefiro tratar da minha vida a ser chefe das outras pessoas.					
58. Muitas vezes dá-me prazer brincar com teorias e ideias abstractas.					
59. Se for necessário não hesito em manipular as pessoas para conseguir aquilo que quero.					
60. Esforço-me por ser excelente em tudo o que faço.					

ANEXO F

PANAS

Mais abaixo encontram-se listadas algumas palavras que descrevem diferentes sentimentos e emoções. Por favor, leia cada item e assinale com um círculo o número correspondente à sua resposta. **Indique em que medida sentiu geralmente** (ou seja, em média), **cada uma das emoções.**

Para registar as suas respostas use a escala seguinte:

0 = Muito pouco ou quase nada

1 = Pouco

2 = Moderadamente

	<i>Muito pouco ou quase nada</i>	<i>Pouco</i>	<i>Moderadamente</i>	<i>Bastante</i>	<i>Extremamente</i>
1. Interessado	0	1	2	3	4
2. Perturbado	0	1	2	3	4
3. Excitado	0	1	2	3	4
4. Atormentado	0	1	2	3	4
5. Agradavelmente surpreendido	0	1	2	3	4
6. Culpado	0	1	2	3	4
7. Assustado	0	1	2	3	4
8. Caloroso	0	1	2	3	4
9. Repulsa	0	1	2	3	4
10. Entusiasmado	0	1	2	3	4
11. Orgulhoso	0	1	2	3	4
12. Irritado	0	1	2	3	4
13. Encantado	0	1	2	3	4
14. Remorsos	0	1	2	3	4
15. Inspirado	0	1	2	3	4
16. Nervoso	0	1	2	3	4
17. Determinado	0	1	2	3	4
18. Trémulo	0	1	2	3	4
19. Activo	0	1	2	3	4
20. Amedrontado	0	1	2	3	4

Anexo G

ESCALA DE IMPULSIVIDADE DE BARRAT-11 (BIS-11; Patton, Stanford & Barratt, 1995) (tradução de Joana Carvalho & Pedro Nobre, 2009)

As pessoas diferem na forma como agem ou pensam em diferentes situações. De seguida encontram-se algumas afirmações acerca da forma como pode agir e pensar. Leia cada frase e coloque um X no número apropriado. Não perca muito tempo na resposta a cada frase. Responda de forma rápida e sincera.
1-Nunca/Raramente 2-Ocasionalmente 3-Com Frequência 4-Quase Sempre/Sempre

	Nunca / Raramente	Ocasionalmente	Com Frequência	Quase Sempre
1. Planifico as tarefas cuidadosamente.	1	2	3	4
2. Faço as coisas sem pensar.	1	2	3	4
3. Tomo decisões muito rapidamente.	1	2	3	4
4. Deixo andar as coisas sem me preocupar.	1	2	3	4
5. Não me concentro.	1	2	3	4
6. Não tenho controlo sobre os meus pensamentos.	1	2	3	4
7. Planifico as viagens com tempo.	1	2	3	4
8. Tenho auto-controlo.	1	2	3	4
9. Concentro-me facilmente.	1	2	3	4
10. Poupo com regularidade.	1	2	3	4
11. Tenho bichos-carpinteiros.	1	2	3	4
12. Penso de forma cautelosa.	1	2	3	4
13. Planeio as coisas para ter um emprego seguro.	1	2	3	4
14. Digo as coisas sem pensar.	1	2	3	4
15. Gosto de pensar sobre problemas complexos.	1	2	3	4
16. Troco de emprego facilmente.	1	2	3	4
17. Ajo sobre impulso.	1	2	3	4
18. Aborreço-me facilmente a resolver quebra-cabeças.	1	2	3	4
19. Actuo sobre o calor do momento.	1	2	3	4
20. Sou um pensador racional.	1	2	3	4
21. Mudo de casa facilmente.	1	2	3	4
22. Compro coisas por impulso.	1	2	3	4
23. Só consigo pensar numa coisa de cada vez.	1	2	3	4
24. Mudo os meus passatempos com frequência.	1	2	3	4
25. Gasto mais do que aquilo que ganho.	1	2	3	4
26. Geralmente tenho pensamentos que não controlo.	1	2	3	4
27. Estou mais interessado no presente do que no futuro.	1	2	3	4
28. Não consigo ficar quieto por muito tempo.	1	2	3	4
29. Gosto de puzzles.	1	2	3	4
30. Sou orientado para o futuro.	1	2	3	4

Anexo H

Questionário SIS/SES Versão Masculina

(Janssen et al., 2002)

(traduzido e adaptado por Lígia Fonseca e José Pinto Gouveia, 2005)

Instruções

No presente questionário irá encontrar afirmações relacionadas com as suas possíveis reacções a várias situações, actividades ou comportamentos sexuais. Obviamente, a forma como reage depende muitas vezes das circunstâncias, mas estamos interessados em saber qual seria a sua reacção mais provável. Por favor leia cada afirmação com atenção e decida qual seria a sua reacção mais provável. Depois, assinale o número que corresponde à sua resposta. Procure responder a todas as afirmações. Poderá por vezes sentir que nenhuma das respostas parece completamente adequada. E poderá, por vezes, ler uma frase e considerar que “*não é aplicável*”. Nestes casos, seleccione a resposta que escolheria se a situação se aplicasse a si. Algumas das afirmações contêm palavras que descrevem reacções como “*sexualmente excitado*” ou, por vezes, apenas “*excitado*”. Com estes termos pretendemos descrever “*sentimentos de excitação sexual*”, sentir-se “*sexualmente estimulado*”, “*com tesão*”, “*excitado*” ou “*com vontade*”. Não pense demasiado antes de responder, mas siga o seu primeiro impulso. Tente não saltar nenhuma questão. Tente ser o mais honesto possível.

Obrigado

	Discordo fortemente	Discordo	Concordo	Concordo fortemente
1. Quando vejo fotografias eróticas, facilmente fico sexualmente excitado.	1	2	3	4
2. Se sinto que estou a ser apressado, é provável que não fique muito excitado.	1	2	3	4
3. Se estou sozinho a assistir a uma cena de sexo num filme, rapidamente fico sexualmente excitado	1	2	3	4
4. Por vezes fico sexualmente excitado apenas por estar deitado ao sol.	1	2	3	4
5. Colocar um preservativo pode fazer-me perder a erecção	1	2	3	4
6. Quando uma pessoa desconhecida sexualmente atraente me toca por acaso, facilmente fico sexualmente excitado	1	2	3	4
7. Quando tenho um jantar calmo à luz das velas com alguém que considero sexualmente atraente fico excitado	1	2	3	4
8. Se há o risco de gravidez indesejada, é provável que não fique sexualmente excitado.	1	2	3	4
9. Preciso que toquem no meu pénis para manter uma erecção	1	2	3	4
10. Quanto pratico sexo, tenho de me concentrar nos meus próprios sentimentos sexuais para manter a erecção	1	2	3	4
11. Quando me sinto sexualmente excitado, geralmente tenho uma erecção	1	2	3	4
12. Se estou a praticar sexo num local ao ar livre e isolado e penso que alguém pode estar por perto, é provável que não fique muito excitado.	1	2	3	4
13. Quando vejo alguém atraente vestido de uma forma sensual, facilmente fico sexualmente excitado	1	2	3	4
14. Quando penso que alguém sexualmente atraente quer praticar sexo comigo, rapidamente fico sexualmente excitado	1	2	3	4
15. Se eu descobrir que alguém que considero sexualmente atraente é demasiado novo, tenho dificuldade em ficar sexualmente excitado com ela/ele	1	2	3	4
16. Quando falo ao telefone com alguém que tem uma voz sensual fico sexualmente excitado	1	2	3	4
17. Quando reparo que a minha (meu) parceira(o) está sexualmente excitada(o) a minha excitação aumenta	1	2	3	4
18. Se a minha (meu) nova parceira(o) sexual não quer usar preservativo/sexo seguro, é provável que eu não permaneça excitado.	1	2	3	4
19. Não consigo ficar excitado, a não ser que me concentre exclusivamente no estímulo sexual.	1	2	3	4
20. Se sinto que esperam de mim uma resposta sexual, tenho dificuldade em ficar excitada.	1	2	3	4

21. Se estou preocupado em satisfazer sexualmente a minha (o meu) parceira(o), facilmente perco a erecção.	1	2	3	4
22. Se estou sozinho a masturbar-me e me apercebo que alguém pode entrar a qualquer momento no quarto, perco a erecção	1	2	3	4
23. É difícil ficar sexualmente excitado, a não ser que fantasie sobre uma situação muito excitante.	1	2	3	4
24. Se alguém me puder ouvir a praticar sexo, é pouco provável que permaneça sexualmente excitado.	1	2	3	4
25. Só pensar num encontro sexual passado é o suficiente para ficar sexualmente excitado.	1	2	3	4
26. Quando estou a tomar duche ou banho, facilmente fico sexualmente excitado.	1	2	3	4
27. Se me apercebo que há risco de contrair uma doença sexualmente transmissível, é provável que não permaneça sexualmente excitado	1	2	3	4
28. Se alguém me puder ver a praticar sexo, é provável que não permaneça sexualmente excitado	1	2	3	4
29. Se estou com outras pessoas a ver um filme pornográfico, rapidamente fico sexualmente excitado.	1	2	3	4
30. Quando uma pessoa desconhecida, sexualmente atraente me olha olhos nos olhos, fico excitado.	1	2	3	4
31. Se penso que praticar sexo me provocará dor, perco a erecção	1	2	3	4
32. Quando visto algo com que me sinto atraente é provável que fique sexualmente excitado	1	2	3	4
33. Se penso que posso não conseguir ter uma erecção, o mais provável é não conseguir mesmo	1	2	3	4
34. Se praticar sexo provoca dor à minha (meu) parceira(o), é provável que eu não permaneça sexualmente excitado.	1	2	3	4
35. Quando penso numa pessoa muito atraente facilmente fico sexualmente excitado.	1	2	3	4
36. Assim que consigo uma erecção, quero iniciar a penetração de imediato antes que perca a erecção	1	2	3	4
37. Quando começo a fantasiar sobre sexo, rapidamente fico sexualmente excitado	1	2	3	4
38. Quando vejo outras pessoas a praticarem actividades sexuais apetece-me fazer sexo.	1	2	3	4
39. Quando vejo uma pessoa atraente começo a ter fantasias sexuais com ela/ele	1	2	3	4
40. Se algum pensamento me distrai, facilmente perco a erecção	1	2	3	4
41. Confio muitas vezes no poder das fantasias para manter a erecção	1	2	3	4
42. Se ficar distraído por ouvir música, ver televisão ou uma conversa, é pouco provável que fique excitado.	1	2	3	4
43. Quando me sinto interessado em sexo, geralmente tenho uma erecção	1	2	3	4
44. Quando uma pessoa atraente <i>flerta</i> comigo, facilmente fico sexualmente excitado	1	2	3	4
45. Durante o acto sexual, satisfazer sexualmente a minha (o meu) parceira(o) excita-me mais.	1	2	3	4

Anexo I

SES-SFP

(tradução e adaptação Joana Carvalho & Pedro Nobre, 2009)

As questões que se seguem são acerca de experiências sexuais. Sabemos que são questões pessoais, por isso não perguntamos o seu nome ou outra informação que o identifique. A informação contida neste questionário é confidencial. Esperamos que assim se sinta confortável a responder a cada questão honestamente. Coloque uma marca na caixa mostrando o número de vezes que cada experiência ocorreu. Se várias experiências ocorrerem na mesma ocasião - por exemplo, se numa noite você disse algumas mentiras e teve relações sexuais com alguém que estava sob o efeito do álcool - deveria marcar ambas as caixas *a* e *c*. Os últimos 12 meses referem-se ao último ano que passou, a contar do dia de hoje. Desde os 14 anos, refere-se à sua vida a partir do seu 14º aniversário até ao ano anterior ao último ano que passou.

EXPERIÊNCIAS SEXUAIS

		Quantas vezes nos últimos 12 meses?				Quantas vezes desde os 14 anos?			
		0	1	2	3+	0	1	2	3+
1.	Eu acariciei, beijei, ou rocei-me contra as partes privadas do corpo de alguém (lábios, mamas/peito, entre as pernas ou rabo) ou tirei algumas das suas roupas sem o seu consentimento (mas não tentei penetração sexual):								
	a. Dizendo mentiras, ameaçando acabar a relação, ameaçando espalhar boatos acerca dessas pessoas, fazendo promessas acerca do futuro sabendo que eram mentira, ou fazendo continuamente pressão verbal depois de elas dizerem que não queriam.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	b. Mostrando descontentamento, criticando a sua sexualidade ou atracção, ficando zangado, mas sem usar força física, depois de elas dizerem que não queriam.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	c. Tirando vantagem quando elas estavam muito bêbadas ou fora de si para impedirem o que estava a acontecer.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	d. Ameaçando magoá-las fisicamente ou alguém relacionado com elas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	e. Usando força, por exemplo, prendê-las com o peso do meu corpo, segurando os seus braços, ou usando uma arma.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

		0 1 2 3+				0 1 2 3+			
2.	Eu fiz sexo oral a alguém ou tive alguém a fazer-me sexo oral sem o seu consentimento:								
	a. Dizendo mentiras, ameaçando acabar a relação, ameaçando espalhar boatos acerca dessas pessoas, fazendo promessas acerca do futuro sabendo que eram mentira, ou fazendo continuamente pressão verbal depois de elas dizerem que não queriam.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	b. Mostrando descontentamento, criticando a sua sexualidade ou atracção, ficando zangado, mas sem usar força física, depois de elas dizerem que não queriam.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	c. Tirando vantagem quando elas estavam muito bêbadas ou fora de si para impedirem o que estava a acontecer.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	d. Ameaçando magoá-las fisicamente ou alguém relacionado com elas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	e. Usando força, por exemplo, prendê-las com o peso do meu corpo, segurando os seus braços, ou usando uma arma.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

		Quantas vezes nos últimos 12 meses?	Quantas vezes desde os 14 anos?
		0 1 2 3+	0 1 2 3+
3.	Coloquei o meu pênis (homens apenas) ou pus os meus dedos ou objectos (todos os inquiridos) na vagina de uma mulher sem o seu consentimento:		
a.	Dizendo mentiras, ameaçando acabar a relação, ameaçando espalhar boatos acerca dessas pessoas, fazendo promessas acerca do futuro sabendo que eram mentira, ou fazendo continuamente pressão verbal depois de elas dizerem que não queriam.	<input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/>
b.	Mostrando descontentamento, criticando a sua sexualidade ou atracção, ficando zangado, mas sem usar força física, depois de elas dizerem que não queriam.	<input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/>
c.	Tirando vantagem quando elas estavam muito bêbadas ou fora de si para impedirem o que estava a acontecer.	<input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/>
d.	Ameaçando magoá-las fisicamente ou alguém relacionado com elas.	<input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/>
e.	Usando força, por exemplo, prendê-las com o peso do meu corpo, segurando os seus braços, ou usando uma arma.	<input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/>
4.	Coloquei o meu pênis (homens apenas) ou pus os meus dedos ou objectos (todos os inquiridos) no rabo de alguém sem o seu consentimento:		
a.	Dizendo mentiras, ameaçando acabar a relação, ameaçando espalhar boatos acerca dessas pessoas, fazendo promessas acerca do futuro sabendo que eram mentira, ou fazendo pressão verbal continuamente depois de elas dizerem que não queriam.	<input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/>
b.	Mostrando descontentamento, criticando a sua sexualidade ou atracção, ficando zangado, mas sem usar força física, depois de elas dizerem que não queriam.	<input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/>
c.	Tirando vantagem quando elas estavam muito bêbadas ou fora de si para impedirem o que estava a acontecer.	<input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/>
d.	Ameaçando magoá-las fisicamente ou alguém relacionado com elas.	<input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/>
e.	Usando força, por exemplo, prendê-las com o peso do meu corpo, segurando os seus braços, ou usando uma arma.	<input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/>
5.	Mesmo que não tenha acontecido, EU TENTEI ter sexo oral com alguém ou fazê-los ter sexo oral comigo sem o seu consentimento:		
a.	Dizendo mentiras, ameaçando acabar a relação, ameaçando espalhar boatos acerca dessas pessoas, fazendo promessas acerca do futuro sabendo que eram mentira, ou fazendo continuamente pressão verbal depois de elas dizerem que não queriam.	<input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/>
b.	Mostrando descontentamento, criticando a sua sexualidade ou atracção, ficando zangado, mas sem usar força física, depois de elas dizerem que não queriam.	<input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/>
c.	Tirando vantagem quando elas estavam muito bêbadas ou fora de si para impedirem o que estava a acontecer.	<input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/>
d.	Ameaçando magoá-las fisicamente ou alguém relacionado com elas.	<input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/>

e. Usando força, por exemplo, prendê-las com o peso do meu corpo, segurando os seus braços, ou usando uma arma.	<input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/>
---	---	---

		Quantas vezes nos últimos 12 meses?	Quantas vezes desde os 14 anos?
		0 1 2 3+	0 1 2 3+
6.	Mesmo que não tenha acontecido, EU TENTEI pôr o meu pénis (homens apenas) ou tentei pôr os meus dedos ou objectos (todos os inquiridos) na vagina de uma mulher sem o seu consentimento:		
a.	Dizendo mentiras, ameaçando acabar a relação, ameaçando espalhar boatos acerca dessas pessoas, fazendo promessas acerca do futuro sabendo que eram mentira, ou fazendo continuamente pressão verbal depois de elas dizerem que não queriam.	<input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/>
b.	Mostrando descontentamento, criticando a sua sexualidade ou atracção, ficando zangado, mas sem usar força física, depois de elas dizerem que não queriam.	<input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/>
c.	Tirando vantagem quando elas estavam muito bêbadas ou fora de si para impedirem o que estava a acontecer.	<input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/>
d.	Ameaçando magoá-las fisicamente ou alguém relacionado com elas.	<input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/>
e.	Usando força, por exemplo, prendê-las com o peso do meu corpo, segurando os seus braços, ou usando uma arma.	<input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/>

7.	Mesmo que não tenha acontecido, EU TENTEI pôr o meu pénis (homens apenas) ou tentei pôr os meus dedos ou objectos (todos os inquiridos) no rabo de alguém sem o seu consentimento:		
a.	Dizendo mentiras, ameaçando acabar a relação, ameaçando espalhar boatos acerca dessas pessoas, fazendo promessas acerca do futuro sabendo que eram mentira, ou fazendo continuamente pressão verbal depois de elas dizerem que não queriam.	<input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/>
b.	Mostrando descontentamento, criticando a sua sexualidade ou atracção, ficando zangado, mas sem usar força física, depois de elas dizerem que não queriam.	<input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/>
c.	Tirando vantagem quando elas estavam muito bêbadas ou fora de si para impedirem o que estava a acontecer.	<input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/>
d.	Ameaçando magoá-las fisicamente ou alguém relacionado com elas.	<input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/>
e.	Usando força, por exemplo, prendê-las com o peso do meu corpo, segurando os seus braços, ou usando uma arma.	<input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/>

8. Eu sou: Mulher Homem A minha idade é _____ anos e _____ meses.

9. Fez algum dos actos descritos neste inquérito 1 ou mais vezes? Sim Não
Se sim, qual era o sexo da pessoa ou pessoas a quem fez esses actos?

- Mulheres apenas
Homens apenas
Mulheres e Homens
Não referi qualquer experiência

10. Acha que alguma vez violou alguém? Sim Não

Anexo J
SDSR5

Em baixo estão algumas frases acerca do seu relacionamento com outras pessoas. Por favor indique o quanto cada frase é verdadeira ou falsa para si.

	Definitivamente Verdade	Quase Sempre Verdade	Não Sei	Quase Sempre Falsa	Definitivamente Falsa
1. Sou sempre amável mesmo quando as pessoas são desagradáveis.	1	2	3	4	5
2. Houve situações em que tirei vantagem de alguém.	1	2	3	4	5
3. Às vezes tento vingar-me em vez de perdoar ou esquecer.	1	2	3	4	5
4. Às vezes fico ressentido quando não consigo as coisas à minha maneira.	1	2	3	4	5
5. Não importa com quem estou a falar, sou sempre um bom ouvinte.	1	2	3	4	5